

SAMUEL CARDEAL'S

QUENTIN

TEM QUE MORRER



Maçã



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

QUENTIN TEM QUE MORRER

SAMUEL CARDEAL'S
QUENTIN
TEM QUE MORRER

1ª Edição
2016
EX! Editora

Copyright © 2016 Samuel Cardeal

Ilustração da capa

Tatiana Milk

<https://fb.com/Hi.Milk.Chan>

Diagramação e capa

Samuel Cardeal

Revisão

Mariana de Lacerda

<https://fb.com/delacerdamariana>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP:

B869.33

C266q

Cardeal, Samuel de Castro Santana (1986 -)

Quentin tem que morrer / Cardeal, Samuel de Castro Santana (1986-
); Belo Horizonte: [s.n.], 2016.

1. Romance Brasileiro. 2. Ficção I. Título

CDD B869.33

Todos os personagens e acontecimentos são fruto da imaginação doentia do autor, qualquer coincidência é mera semelhança. Todos os roubos foram devidamente disfarçados.

<https://exeditora.blogspot.com/>

"I like the way you die, boy"

Django Freeman

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Prefácio: Everybody be cool, this is a robbery.](#)

[Prólogo](#)

[PARTE 1](#)

[1. Elvis X Chucky](#)

[2. Perseguido](#)

[3. ¿Necesita un táxi?](#)

[4. Encontro com o mentor](#)

[5. Um carro cheio de armas](#)

[PARTE 2](#)

[6. Local Seguro](#)

[7. O Treinamento](#)

[8. Caçada no Deserto](#)

[9. A Melhor Defesa é o Ataque](#)

[10. Esperando pelo Inimigo](#)

[11. The Boy Is Back in Town](#)

[12. A Mercenária](#)

[13. Who is Zed?](#)

[PARTE 3](#)

[14. Madame Sada Abe](#)

[15. Onde está o Zed?](#)

[16. O Sequestro](#)

[17. O Coronel](#)

[18. Fuga impossível](#)

[19. A Hora da Vingança](#)

[20. Quem é o inimigo?](#)

[21. O Confronto](#)

[22. Tic Tac](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o Autor](#)

[Lista de Citações](#)

[Conheça Também!](#)

PREFÁCIO

Everybody be cool, this is a robbery

Naquele dia, uns quinze anos atrás, cheguei em casa por volta das dez e meia da noite, se me lembro bem (claro que eu não me lembro bem, são quinze anos!), uma mulher de amarelo fatiava homens de terno, o assoalho era uma piscina vermelha. Na ocasião, achei aquilo violento e desinteressante. Afinal, que graça pode haver em sangue e membros decepados? É. Eu, adolescente que era, não sabia muitas coisas sobre coisa alguma. Não sabia quem era Quentin Tarantino, talvez pensasse que o sobrenome caísse bem em um rótulo de molho de tomate. Claro que minha mãe e minha irmã não gostaram do que viram na tela; as prateleiras de uma locadora de vídeos (pesquise no *Google*, isso já foi muito popular) sempre guardavam tesouros, mas também armadilhas aos menos atenciosos.

Eu já havia assistido *Pulp Fiction* em numa noite comum de sábado, em alguma sessão de filmes do SBT, que com certeza não existe mais. Mas, com treze ou quatorze anos de idade, pegando o filme pelo meio, cochilando um momento ou outro durante a

exibição, indo para o banheiro no intervalo e voltando já com o filme de volta, só consigo lembrar que não entendi muita coisa.

Assim como o meu hábito de leitura, bem como a vontade pouco inteligente de escrever, minha paixão pela obra de Tarantino veio tarde. Perdi a oportunidade de ver vários de seus filmes na tela grande, mas, quando bateu, bateu com força. Foi vendo e revendo seus filmes que entendi o quanto sua obra é bem mais que diálogos descolados e referências à cultura pop. É uma arte cheia de detalhes, nuances e camadas. Não era cilada, era amor. E foi desse amor regado a sangue, chumbo e pólvora que nasceu *Quentin Tem Que Morrer*.

Antes que você pense bobagem, este trabalho não é uma tentativa de ser um novo Tarantino ou querer igualar minha obra às dele. Jamais será anunciado como “*Pulp Fiction* encontra *Bastardos Inglórios*” ou qualquer comparação esdrúxula do tipo. É apenas uma homenagem despretensiosa ao meu cineasta favorito. *Quentin Tem Que Morrer* busca referências em todo o trabalho de Tarantino, na história de vida do diretor e ainda em diversos filmes de outros realizadores. Mas não foi escrito para se levar a sério, nem para ser levado a sério. É uma história para divertir, entreter, uma aventura leve, cheia de humor negro, sangue, ação, mais sangue e mais humor negro.

Se você espera grandes reflexões, este livro não é para você. Se espera um enredo difícil de compreender, inovador e pretensamente genial, cult e arrojado, sinto muito, feche o livro e procure uma nova obra. Mas se você quer algumas páginas de diversão descompromissada, sangue, tiros e poeira, seja bem-vindo ao meu

mundo; essa é a porta de entrada para os cantos mais caóticos da minha mente. Desculpe a bagunça e sinta-se em casa.

Samuel Cardeal



— *Ei, volte aqui com o meu barril!* — disse o pica-pau.

Ao tomar o objeto do pássaro, o guarda caiu dentro dele, que despencou água abaixo. Quando deu por si, estava ele descendo as cataratas na improvisada embarcação do pica-pau.

— *Oh, não, nããão!*

O barril desceu ligeiro, projetando um jato d'água de sua base. Nas escadarias que davam de frente para a queda d'água, dezenas de pessoas, trajadas com capas de chuva amarelas, ergueram as mãos, saudando o intrépido que descia corajosamente as cataratas.

— *Quentin!* — a voz da mãe ecoou do corredor, fazendo o garoto desviar por um instante a atenção que despendia com o desenho animado.

Logo surgiu sua mãe, acompanhada de um homem que ele não conhecia. O estranho vestia um macacão jeans sobre a camisa xadrez em tons de vermelho e preto, botinas bem gastas e um boné desbotado cobrindo os cabelos ralos.

— Filho, tem alguém aqui que quer conversar com você — o visitante inesperado deu um passo à frente, e a anfitriã recuou alguns metros, deixando que o homem conversasse diretamente com Quentin.

— Olá, meu jovem.

O pequeno Quentin, ainda tímido com seus nove anos de idade, nada respondeu, apenas fitou o estranho com os olhos bem abertos e a curiosidade pulsando no peito infantil.

— Bem, meu nome é Elroy Earl. Você não me conhece, mas deve se lembrar de seu tio Sebastian.

A criança meneou a cabeça, demonstrando não saber quem era o tal tio Sebastian. O homem esboçou uma expressão frustrada no rosto abatido, mas prosseguiu em sua fala.

— Eu trabalhei com seu tio Sebastian nas minas de carvão em Centrália, na Pensilvânia. Passamos os piores anos que um homem pode passar naquele maldito buraco quente. Aquilo era um inferno, filho. Não tínhamos condições básicas de higiene e não podíamos sair das minas por dias, sem banho, sem banheiro, e sem uma comida decente.

“Seu tio e eu trabalhávamos lado a lado, e nosso patrão, o senhor Klein Sweet, disse que nossos gastos com alimentação e moradia estavam muito altos, e que nossa produção não cobria as despesas. Passamos a ter cobrança por quantidade produzida, e não

podíamos sair de lá de baixo até que atingíssemos a meta. E pior, se produzíamos muito pouco, ficávamos sem comida e até sem água.”

“Certa ocasião, depois de dias sem comida, eu desmaiei. Já havíamos visto outros desmaiarem, todos eles tinham sido levados e nunca voltaram. Sabendo do que me aconteceria, Sebastian me escondeu e cuidou de mim. Quando acordei, havia água e comida, ainda que uma água barrenta e a comida fosse uma papa engordurada que nem aos porcos deveria ser dada.”

“*Onde conseguiu isso?*, eu perguntei ao seu tio. Sebastian riu e me mostrou um caderninho amassado, com a capa de papelão suja de carvão. *Eu completei minha cota e a sua, não se preocupe, não teremos mais problemas com isso.* Eu não entendi o que ele queria dizer, então seu velho tio me contou a história daquele caderninho.”

“O avô do seu tio serviu na segunda grande guerra, como você deve saber.”

Quentin balançou a cabeça levemente, não fazia ideia de que o bisavô fora à guerra. A frustração era gritante nos olhos reumosos e sem brilho do velho mineiro.

— Pois bem — prosseguiu o visitante —, o avô do seu tio Sebastian, meu velho amigo Sebastian, serviu na segunda grande guerra, lutou contra os nazistas e explodiu dezenas daqueles malditos bastardos arianos adoradores de Hitler. Sua unidade era especializada em explosivos, e com isso seu bisavô aprendeu muito sobre bombas, detonadores e toda essa parafernália. Quando voltou da guerra, ele trouxe um caderno onde anotou tudo o que aprendeu no exército, uma verdadeira bíblia das bombas.

“Seu bisavô, no leito de morte, tirou o caderno de baixo do travesseiro do hospital e entregou ao filho, pai de Sebastian, dizendo

que aquele era seu maior tesouro, o conhecimento que acumulou em toda a sua vida. Ali, naquele caderninho surrado e marcado pelo tempo, havia tudo o que um homem honrado precisava para explodir quem bem entendesse.”

“O pai de seu tio guardou o caderno e, depois de ler todo o seu conteúdo, apaixonou-se por aquele conhecimento. Logo ele ingressou no ramo de demolições, e conseguia derrubar todo tipo de construção, conseguindo construir bombas com quase qualquer ingrediente. Quando viajou para a América Latina, onde viu uma oportunidade de expandir seus negócios, foi acometido de febre amarela e não resistiu. Morreu em meio à selva e foi enterrado em cova rasa.”

“Mas, antes de morrer, entregou o caderninho do pai, que levava sempre consigo, a um dos nativos, fazendo o pobre diabo prometer que o despacharia para o endereço de seu filho nos Estados Unidos. O nativo, que mal sabia escrever o próprio nome, pegou o caderno e o papel com o endereço e, só Deus sabe como, conseguiu enviar a encomenda.”

“Quando recebeu o velho caderno, Sebastian chorou lembrando-se do pai que não pôde enterrar, e jurou nunca se separar dele. Como o pai, seu tio também se apaixonou pela arte de explodir, e acrescentou informações, fruto de seu próprio estudo e experiências que fez. Na mina, ele guardava o caderno, mas não o usava, pois sabia que, se descobrissem seus conhecimentos sobre explosivos, roubariam-no e dariam um fim em Sebastian. Então, por sete longos anos, até o dia em que ele usou seu conhecimento para me salvar, seu tio guardou aquele caderno dentro do ânus.”

Nesse momento, o pequeno Quentin mudou sua expressão atenta e interessada em um esgar que misturava gستا e admiração.

— A partir daquele dia, seu tio dividiu comigo esse segredo, e passamos a usar os explosivos que ele fazia para concluir o trabalho mais rápido e alcançar as metas de produção. Mas, infelizmente, depois de alguns meses, Sebastian foi derrubado por uma infecção, morrendo em poucos dias. Contudo, antes de deixar este mundo, seu tio me pediu que guardasse o caderno em um lugar seguro e que, quando conseguisse dar o fora daquele maldito inferno, que o entregasse ao seu sobrinho, único herdeiro. Você, jovem Quentin.

“Eu mantive aquele caderno, enrolado em forma de tubo e embrulhado em plástico, alojado no meu ânus por três longos anos, até que, com a ajuda dos explosivos, consegui quitar minhas dívidas com o senhor Sweet e dar o fora daquela maldita mina. E hoje estou aqui para entregar o que é seu por direito, filho.”

O homem retirou do bolso um pequeno caderno, amassado e sujo, cujo amarelado das folhas era a cor mais clara em seu corpo, e estendeu para o pequeno Quentin, que esticou o braço e envolveu aquele tesouro hereditário com suas mãozinhas de criança.

— Esse caderno agora é seu, filho. Guarde sempre com você e use com sabedoria.







Elvis X Chuck

“Mas o Elvis era mais bonito do que muita mulher... muita mulher... Sabe... Se eu tivesse que foder com um cara, se tivesse mesmo, se minha vida dependesse disso... Eu foderia com Elvis.

Eu foderia com Elvis.”

(True Romance)

Passava das cinco da tarde, o movimento era escasso nas ruas e a Video Archives estava vazia, nenhum cliente entre seus longos corredores lotados de fitas VHS. Quentin permanecia sentado, os pés sobre o balcão e as mãos entrelaçadas por detrás da cabeça. Dali ele

tirava uma fita que acabara de terminar e inseria uma nova, quase em um processo autômato.

Ali havia somente ele, que era o gerente da loja há mais de um ano, e Roger, que naquele momento organizava algumas capas de fitas devolvidas recentemente. Enquanto Roger trabalhava e Quentin revia um filme japonês, a imagem trêmula e cheia de imperfeições fruto da reprodução repetida à exaustão, os dois amigos e colegas de trabalho discutiam calorosamente.

— Você tá louco! — disse Roger, com a energia de um advogado fazendo seu número diante do júri. — Elvis é como um garotinho que perdeu seu pirulito, se comparado a Chuck Berry.

— Jesus Cristo, Rog! Como pode tanta blasfêmia sair dessa sua boca? — rebateu Quentin, pausando a fita para dar prosseguimento ao debate.

— Pode dizer o que quiser, Quentin, isso não muda o fato de que Chuck Berry é o único e verdadeiro rei.

— Não me leve a mal, cara. Berry é uma lenda, um grande músico. Reconheço tudo o que ele fez pelo Rock 'n' Roll e pela música em geral, mas Elvis Presley foi, é e sempre será O Mito.

— Não existiria Hendrix, nem Clapton, nem mesmo Dick Dale, se não houvesse Berry. Essa é a verdade, meu amigo.

— Certo, você tem razão, cara; mas não se trata apenas das músicas, ou de tocar guitarra como nenhum outro. Por mais que todos esses músicos sejam fabulosos, ninguém tem a vibração, a energia que Elvis Aron Presley tinha, irmão! Além disso, você tem que levar em consideração a carreira completa. Quantos filmes Chuck Berry estrelou?

— Ele não é branco, e você sabe que esse é o único motivo.

— Oh, não me venha com essa, cara! Não me venha com essa de que Elvis só conquistou a fama que tem por ser o cara branco.

— E estou mentindo?

— Não misture as coisas.

— Se Chuck Berry dá uns amassos numa guria branca no banco de trás de seu carro, é acusado de assédio e o caralho a quatro. Agora, se um cara branco, descolado, casa com a prima de treze anos, não há nada de errado nisso.

— Isso não é totalmente verdade, Rog. E, afinal, quando foi que deixamos de falar de Elvis e Berry e começamos a debater o racismo nos Estados Unidos da década de 50?

— Tudo é interligado, Quentin, não dá pra separar as coisas.

— Você está perdendo o foco, meu amigo. A questão é que você quer defender um ponto de vista falho, e, assim, não consegue manter a razão.

— Pense como quiser, cara. Eu fico com meus discos do Chuck Berry e você com os discos de igreja do grande Rei do Rock.

— Aqueles discos são fantásticos, seu palhaço — Quentin riu com a provocação. — E metade dos discos do Chuck Berry que estão na sua casa fui eu que te emprestei.

Roger gargalhou, quase deixando as capas que segurava caírem ao chão. Tomava fôlego enquanto se preparava para contra-argumentar, quando ouviram tocar o sino na porta da loja. Ambos lançaram seus olhares para a entrada e calaram-se para admirar a bela mulher que se aproximava a passos lentos e ritmados. Roger ajeitou os cabelos ruivos, presos em um rabo de cavalo, e abandonou o que fazia para atender a cliente recém-chegada, mas foi interrompido.

— Deixa comigo, Rog; eu cuido disso.

Quentin levantou-se, bateu as mãos na camiseta, removendo os farelos do lanche que fizera há pouco, e se dirigiu à mulher. A moça vestia uma camisa branca de botões sobre uma calça preta larga; tinha, entre os dedos, um cigarro queimado até a metade; estava descalça. O gerente fitou aqueles pés com um brilho no olhar, perdendo-se por alguns segundos enquanto imaginava-se a beber uma boa cerveja que deslizasse por aquelas pernas esguias e jorrasse como uma cascata por aqueles lindos dedos.

Refez-se da paisagem mental e mirou os olhos da moça, contornados com uma maquiagem preta pesada, e avermelhados como os de quem acabara de voltar de uma doce viagem de erva; o rosto, de uma beleza exótica e estonteante, era de uma palidez mórbida, emoldurado por cabelos negros em um corte reto, pouco acima dos ombros.

O jovem gerente pôs-se ereto, encarando a cliente a se aproximar. Ela ficou a menos de um metro dele, que então se manifestou:

— Posso ajudar?

A mulher levou um dedo à boca, mordendo-o de leve, girou o pescoço, divisando as fitas dispostas nas estantes que os rodeavam, e voltou a encarar Quentin, que tinha a boca seca e a respiração pesada.

— Preciso de um filme pra essa noite, mas não estou bem certa do que escolher.

— Algum gênero em especial?

— Hmmm... Estou em um terrível dilema. Não sei se levo um filme de gângsteres, que são os prediletos do meu namorado, ou um

musical, que são os meus preferidos; se bem que, para uma noite a dois, um romance talvez fosse mais apropriado. O que acha, garotão?

As bochechas de Quentin enrubesceram, e ele sorriu nervosamente, enquanto coçava o queixo protuberante.

— Bem, e se eu disser que você não precisa escolher?

— Aí você seria um grande mentiroso.

— Venha comigo — disse Quentin, virando-se e avançando por um dos corredores da loja.

A jovem o acompanhou. Ele seguiu por alguns metros e então começou a tatear as lombadas das fitas em exposição, reduzindo a velocidade até parar em uma delas. Era preta, com o texto bem visível em um rosa vivo. Quentin retirou a fita e mostrou a capa para ela.

— Elvis? — indagou a mulher, enquanto analisava a imagem estampada na capa.

No alto, gravado acima de uma ilustração enorme do rosto jovem e atraente de Elvis Presley, KING CREOLE^{1}. O nome do astro vinha em destaque, até mais que o título da fita; o primeiro nome, em luzes de neon quadriculadas; o segundo, em escrita cursiva, levemente inclinado.

— O Rei! — respondeu Quentin. — E aqui, neste filme, você encontra tudo o que está procurando. Gângsteres, boa música, e romance — completou, sorrindo largamente e arriscando uma piscadela com o olho esquerdo.

— Eu prefiro Jerry Lee, mas Elvis não é de todo ruim.

A afirmação da mulher transmutou o sorriso de Quentin em um leve esgar de desacordo. Mas o sorriso logo retornou, agora

menos sincero. Ela analisou a capa com semblante curioso, contornou a face de Elvis com o indicador, fitando-a com os olhos semicerrados.

— É o melhor filme do Elvis. Neste filme ele se mostra um grande ator, um ator que Hollywood não queria. Quer um filme de criminosos? Aqui Elvis está melhor que Al Pacino em O Poderoso Chefão. Quer um musical? Aqui Elvis canta melhor que Judy Garland em O Mágico de Oz. Quer um romance? Aqui Michael Curtiz está mais inspirado que em Casablanca.

— Oh, droga! — ela disse, assim que virou a fita e fitou os quatro quadros de cenas do filme. — É preto e branco!

— Não, não, não. Não diga preto e branco. Preto e branco é um terno risca de giz de um mafioso. Os filmes são em tons de cinza.

— Tons de cinza? Não vejo diferença.

— Um filme em escala de cinza é cheio de nuances, e você vê em cada sombra qual a intenção do diretor. Leve, por favor, e assista. Se não gostar, pode locar quantas fitas quiser por um mês, sem pagar nada.

— É uma jogada arriscada, garotão. Tem certeza que vale a pena?

— Pode confiar em mim. King Creole é fantástico.

— Ok, vou ficar com ele. Mas, se eu não gostar, vou cobrar meu prêmio.

— Estarei esperando — ele piscou novamente.

A jovem o seguiu até o balcão, onde ele abriu o fichário para procurar o nome dela. Só então lembrou-se de que não havia perguntado.

— Qual o seu nome? — perguntou ele.

— Rames, Margot Rames.

Rapidamente ele encontrou a ficha, e percebeu que era uma cliente assídua, ainda que nunca a tivesse visto. Achou estranho, porque tinha certeza de que não esqueceria aquele rosto. Pegou a capa e a atirou para Roger, que quase não teve tempo de apanhá-la.

— Pega lá dentro pra senhorita Rames, que vai se apaixonar pelo cinema em tons de cinza esta noite.

Contrariado por ter sido impedido de atender a bela jovem, Roger seguiu para a área restrita da loja, onde ficavam guardadas as fitas em capas pretas, identificadas apenas pelo seu código. Logo retornou, entregou o filme nas mãos de Margot, parando por alguns segundos, hipnotizado por aqueles belos olhos avermelhados.

— Obrigada, rapazes — disse ela, guardando a fita na bolsa, se virando e caminhando em direção à saída.

Enquanto ela avançava, suave e sensual, Quentin e Roger observavam-na sem palavras. Roger mirava os quadris, que remexiam a cada passo, e Quentin tinha os olhos fixos nos pés, voltando a fantasiar com aqueles dedos e cerveja gelada. Assim que ela ganhou a rua e desapareceu da visão dos dois, Roger retomou a conversa de onde haviam parado.

— Aqueles discos não merecem ficar com você, não enquanto continuar com essa ideia equivocada de que Elvis é o maioral.

— Você não entende, Rog! É que... Droga!

— O que foi, acabaram seus argumentos?

— Estou atrasado pra sessão.

— Inacreditável que em uma noite de sexta-feira você vá ao cinema para ver Street Fighter. Você já viu esse filme, aqui mesmo, dezenas de vezes!

— Não é apenas um filme, é uma maratona Sonny Chiba! Street Fighter, Street Fighter: O Retorno, Street Fighter: A Vingança, e A Irmã do Street Fighter.

— Você é difícil de entender, parceiro.

— Quando aceitar que Elvis é o maioral, talvez seja capaz de me entender. Até segunda, Roger.

Dito isso, Quentin saiu da loja apressado. Não queria perder os créditos iniciais do filme por nada.

*

Eram quase seis da tarde, horário em que a maratona começaria. O cinema ficava a quatro quadras da Video Archives, e Quentin se apressava, desengonçado pela corrida. Havia escurecido cedo, e já era noite, apesar do horário. Depois de dois quarteirões percorridos, um frio na espinha o alertou, e ele olhou para trás. Viu, à distância, dois homens vestindo ternos pretos, camisas brancas e gravatas pretas finas. Continuou caminhando, espiando por sobre o ombro sempre que podia. Quando estava quase chegando ao cinema, teve certeza.

Estava sendo seguido.



Perseguido

"Eu sinto a necessidade. A necessidade de velocidade!"

(Top Gun)

Com a certeza de que estava sendo seguido, Quentin sentiu seu coração disparar. Não queria deixar transparecer a seus perseguidores que já os notara, mas era quase involuntário apressar o passo cada vez mais. Chegou à entrada do cinema e passou direto. Sabia que aquela sessão não teria mais que meia dúzia de gatos pingados, e não desejava ser encurralado e assassinado por uma dupla de pistoleiros qualquer.

No quarteirão seguinte, já estava correndo como um queniano em maratona. O suor ensopava suas roupas e cabelos, e as pernas doíam em demasia. Cada vez que olhava por sobre o ombro,

avistava os dois matadores mais próximos, um deles já sacara a arma e o fitava com olhos ameaçadores. Agora já era possível identificá-los melhor. O que empunhava a pistola era negro, os cabelos castanhos encaracolados, à semelhança de uma peruca de Lionel Richie mastigada por um cão raivoso. O outro perseguidor era de pele branca, olhos azuis, cabelos pretos e lisos, na altura dos ombros.

— Hei, parado aí! — gritou o de cabelos encaracolados.

Apavorado com a voz grave e de tom elevado do homem armado, Quentin fez o que lhe parecia impossível, correu ainda mais.

— Socorro!

Quentin berrou, na vã esperança de surgir das sombras um salvador. Contudo, as ruas estavam estranhamente desertas, ainda que fosse cedo. As costelas eram fatigadas pelo coração aos pulos como Rocky Balboa fora por Ivan Drago. Sua mente não funcionava com eficácia, só conseguia imaginar o que aqueles dois fariam com ele quando o pegassem. Era apenas um cara sedentário com muitas ideias na cabeça; com certeza levaria a pior com apenas um deles, mesmo que desarmado. A ideia de ficar sozinho com os dois e suas semiautomáticas era absurdamente desesperadora.

A menos de uma quadra de distância de seus algozes, Quentin vislumbrou um letreiro luminoso. O nome do estabelecimento estava com algumas letras queimadas, e ele só pôde ler as letras “T”, três delas. Abaixo, lia-se “dançarinas exóticas”. O jovem gerente de locadora gostaria daquilo em outra ocasião, mas não naquele momento.

Sem pensar, entrou porta adentro. Estranhou a ausência de um segurança controlando a entrada, mas agradeceu por isso. O local

estava lotado, e não dava mais para correr. Como pôde, Quentin se espremeu em meio àquela massa de gente, tentando encontrar uma saída secundária ou algum lugar para se esconder. Notou que ali havia tipos bastante peculiares. Pareciam um bando de motoqueiros mexicanos; e o mais assustador era que a maioria deles estava armada, o que o fez pensar que talvez entrar ali não tivesse sido a melhor ideia que poderia ter.

Sentado a uma das mesas, viu um homem bebendo cerveja como um selvagem, derramando a bebida sobre o cavanhaque mal aparado. Ostentava por sobre a calça um acessório curioso; um cinturão de couro com detalhes metálicos, com um triângulo invertido sobre a pélvis, que ostentava um volume anormal. Quando percebeu que o jovem o analisava, o homem se empertigou, fazendo o triângulo se desdobrar e revelar uma mira de revólver, acompanhada de dois tambores carregados, um de cada lado.

— Perdeu alguma coisa aqui, garoto?! — disse o homem, extremamente rude.

Quentin não respondeu, apenas desviou o olhar e seguiu em frente. Em várias mesas, viu dançarinas que despendiam atenção especial com determinados clientes, os quais correspondiam generosamente com dólares que guardavam nas poucas peças de roupas que as garotas usavam. O som de Malageña Salerosa era abafado pelas conversas altas dos ébrios e das moças.

De repente, enquanto tentava se desvencilhar da multidão de bêbados e mulheres seminuas, a música parou e todos fizeram silêncio. Com a calma, ficou visível um palco ao fundo da boate. Um homem vestindo colete e calças de couro se aproximou, segurando um microfone antigo. O sujeito parecia ter saído da

prisão naquele mesmo dia, o rosto marcado de cicatrizes e os olhos de aspecto cruel.

— Agora — começou ele —, para o delírio dos homens e para a inveja das mulheres, a macabra, a dominadora, a essência da perversidade e da sensualidade.

— Gostosa! — gritou alguém no meio da multidão.

— Infeliz! — rebateu o ex-presidiário. — Como se atreve, herege! Curvem-se ao mal supremo, ajoelhem-se aos pés da inigualável Holy Devil!

Do fundo do palco, as cortinas se abriram e uma mulher surgiu das sombras. Era de uma beleza sobrenatural. Vestida com trajes sumários, trazia uma píton albina que deslizava em suas curvas sinuosas e sensuais. Por um momento, Quentin esqueceu que fugia de dois assassinos armados e paralisou-se para apreciar a performance de Holy Devil. A serpente passeava por todo o corpo, subindo pelo pescoço e se emaranhando nos cabelos longos e macios.

Os homens presentes permaneceram calados, boquiabertos. A mulher dançava sem nenhuma música, e esta não parecia fazer falta. Passados alguns minutos, surgiu, do mesmo lugar de onde viera a dançarina, um homem tocando um violão preto. Vestia-se todo de negro, com exceção da camisa branca por debaixo do casaco. Assim que ele começou a dedilhar o instrumento, Holy Devil acelerou seus movimentos na dança, fazendo seu quadril bem delineado sacolejar de forma hipnótica.

Quentin ainda estava parado, esquecido do que o esperava. Ouvia a voz do mariachi começando a cantar sua canção, enquanto os homens presentes suspiravam pela dançarina.

*Soy un hombre muy honrado
que me gusta lo mejor
por mujeres no me falta
ni el dinero ni el amor*

*jineteando en mi caballo
por la sierra yo me voy
las estrellas y la luna
ellas me dicen donde voy*

Quando o *mariachi* postou-se ao lado da musa, alguns dos presentes se levantaram inconformados. Um deles sacou um revólver, no que o violonista girou cento e oitenta graus, acertando a mão armada com o braço do instrumento. O homem golpeado se desequilibrou, empurrando, involuntariamente, outro sujeito da mesa ao lado, que, irritado, sacou uma faca da cintura. A confusão havia começado, e logo todos estavam envolvidos na briga, agredindo-se mutuamente sem nem mesmo conhecer o motivo inicial.

Ao vislumbrar a cena de violência que se desenrolava, Quentin lembrou-se da razão pela qual se encontrava naquele local, o que fez retornar o pavor e a necessidade pungente de fugir. Nesse momento, olhou em direção à entrada e avistou os dois assassinos de terno que o vinham seguindo. Seguiu na direção contrária, ouvindo atrás de si os sons da briga e o *mariachi* que, ao fundo, ainda cantava sua canção.

*ay, ay, ay ay,
ay ay amor
ay mi Morena
de mi corazon*

Ao avançar, Quentin teve dificuldade de passar pela turba de sujeitos mal encarados e brigões. Levou alguns socos e pauladas enquanto tentava sair dali, tendo que se desviar por várias vezes de golpes de facas, pedaços de móveis e garrafas quebradas. Olhou para trás e viu os dois bandidos se aproximando. Contudo, ainda procuravam por ele. Precisava se afastar o máximo possível antes de ser visto, só assim teria chance de despistar os assassinos.

Depois do que pareceram quilômetros, mas que não passavam de uns poucos metros, conseguiu deixar a confusão para trás. Chegou a um corredor estreito e mal iluminado. Era sua única saída, então não hesitou, seguiu por ele correndo, voltando a sentir doerem as pernas. Encontrou, ao fim, uma porta. Estava trancada, mas parecia bem frágil. Recuou alguns metros e avançou em direção a ela, acertando-a com o ombro direito.

— Ai, caralho! — gritou de dor.

Possivelmente, havia deslocado algum osso naquela empreitada, enquanto a porta manteve-se incólume. Respirou fundo, tentando abstrair a dor no braço, que era bem pior que a das pernas. Pensou.

— Merda, o que eu faço? — indagou a si mesmo.

Quentin pensava no que fazer, quando distinguiu, em meio ao barulho distante da briga na boate, passos que se aproximavam de sua localização. Sem tempo para um plano, recuou novamente, e

agora golpeou a porta com a sola do sapato. A madeira cedeu um pouco, mas insuficiente para fazer a porta abrir. Repetiu o golpe uma, duas, três vezes, até vislumbrar, com brilho nos olhos, a fechadura se romper. Abriu a porta e se viu em um beco escuro e sujo. O cheiro de álcool e urina irritava as narinas, mas aquilo não importava, estava livre.

Tratou de se afastar o mais rápido que podia dali. Mas, antes que conseguisse deixar o beco, uma figura surgiu à sua frente. Foi como uma aparição sobrenatural, pois ele não a vira chegar, mas estava ali, bloqueando sua passagem, a única coisa que o separava de sua salvação.



¿Necesita un táxi?

Você está falando comigo

(Taxi Driver)

A iluminação era precária. Entretanto, Quentin pôde identificar bem que se tratava de uma mulher à sua frente. Estava parada e com um semblante tranquilo. Os cabelos, ondulados e cheios, iam até pouco abaixo dos ombros e emolduravam um rosto de beleza peculiar. A pele clara; olhos negros, grandes e expressivos; os lábios, voluptuosos, ostentavam uma pintura vermelho vivo. Fumava um cigarro longo, mantendo a outra mão colada ao corpo, abaixo dos seios. Seus olhos penetrantes encaravam-no com veemência, intimidando-o.

— *¿Necesita un táxi?* — indagou a mulher

Ainda sem palavras, Quentin direcionou o olhar para os pés dela, frustrando-se por não encontrá-los descalços. Parecia loucura parar para contemplar os pés de uma mulher, mas talvez fosse justamente o pânico que o fizesse agir de forma tão estúpida. Como não falasse espanhol, tentava compreender o que ouvira. Só entendera a palavra táxi, o que ficou claro quando olhou para a rua. Um táxi amarelo com o luminoso ligado, a porta do passageiro aberta. Parecia perfeito; perfeito até demais.

— Pode me tirar logo daqui? — disse ele, finalmente.

— *Ahora!* — respondeu a taxista, atirando o cigarro no chão do beco e pisando-o para apagá-lo.

Com o coração ainda aos pulos, ele correu até o táxi, passando por ela e sentando-se no banco do passageiro. A mulher tirou as chaves do bolso e começou a caminhar até o carro, mas estacou no mesmo instante em que se ouviram dois disparos. Quentin a viu tombar na calçada, com o rosto enterrado numa poça de líquido escuro e mal cheiroso. Nas costas, dois ferimentos expeliam sangue em abundância.

Apavorado, ele se levantou e ensaiou uma fuga, mas paralisou-se ao ouvir as palavras de ordem:

— Nem mais um passo, garoto! — era o negro com a peruca mastigada de Lionel Richie.

Acuado, levantou as mãos e ficou de frente para os dois bandidos. Sentiu um frio na espinha, o estômago revirar. Lutava para controlar a bexiga e o esfíncter, visto que seus fluídos ameaçavam deixar o corpo. Os olhos se encheram d'água enquanto fitava as duas semiautomáticas apontadas em sua direção. Precisou

reunir todas as suas forças para conter a tremedeira e conseguir proferir algumas palavras, as quais temia que fossem as últimas.

— O que diabos querem de mim?!

— Primeiro, abaixa a porra dessas mãos que não estamos em uma porra de um filme! — disse o homem negro.

— Você assustou o garoto — falou o outro, pela primeira vez.

— O desgraçado saiu correndo feito um maluco, o que queria que eu fizesse?

— Podia ter rendido a mulher, ao invés de matá-la.

— Tá me achando com cara de polícia? Eu por acaso ando com a porra de um par de algemas pra prender alguém?

— Calma, Harry, só estamos conversando.

— Foda-se sua conversa, temos que levar o garoto, e esse bostinha já nos atrasou o suficiente.

Enquanto os dois discutiam, Quentin, agora de braços abaixados, observava a tudo apavorado, e tentava não perder nenhuma palavra, ainda que nada daquilo fizesse sentido para ele. Percebendo que os dois, envolvidos na discussão, não olhavam para ele, deu um passo para o lado, na intenção de fugir sem ser percebido. Entretanto, cessou a investida após dois disparos faiscarem próximos a seus pés, cada um oriundo da arma de um dos assassinos.

— O que diabos pensa que está fazendo, seu filho da mãe? — vociferou Harry.

— Garoto — disse o outro, mais calmo —, não nos obrigue a te amarrar e te jogar no porta-malas.

— Agora, mexe esse seu rabo branco e vem com a gente.

— O que querem comigo? Eu não fiz nada! — protestou Quentin.

— Não fez, mesmo. Sabemos disso, garoto — Harry observava enquanto seu parceiro falava. — Mas vai fazer, e, por isso, precisa vir com a gente. A não ser que queira fazer companhia para nossa amiga aqui — completou, apontando com o cano do revólver para o cadáver da taxista sobre a poça de sangue.

Sem opções e tomado de pavor, Quentin seguiu caminhando de acordo com o comando da dupla. Foram cinco quarteirões até que chegassem ao veículo. No caminho, os criminosos tentaram acalmá-lo.

— Escute aqui, garoto, fica frio, não vamos fazer nada com você, mas precisa nos acompanhar. Meu amigo mal humorado aqui é o Harry, e meu nome é Tony.

— Eu sou Quentin.

— Sabemos quem é você — interveio Harry, com a cara fechada.

— Então por que ficam me chamando de garoto o tempo todo?

Tony caiu na gargalhada, enquanto Harry roçava os dedos na semiautomática que trazia na cintura.

— Garoto, não irrite o Harry, ele pode explodir a qualquer momento. Um homem com prisão de ventre pode ser muito perigoso.

— Cala essa porra de boca, Tony! — resmungou Harry.

— Não ligue pra ele, apenas respire fundo; não vai querer se borrar dentro do carro do Harry. O cara gosta mais daquela lata velha do que da própria mulher.

Chegando ao veículo, um Cadillac azul piscina com calotas cromadas, Tony abriu a porta de trás para Quentin entrar. Harry assumiu o volante e deu a partida, acelerando pelas ruas desertas e escuras da cidade.

Depois de poucos minutos, Quentin voltou a indagar sobre a razão de tudo aquilo.

— O que querem comigo?

— Cala a boca, garoto — Harry respondeu imediatamente. — Vai saber o que precisa saber quando chegarmos, agora fica quieto ou vai completar a viagem no porta-malas.

Ele engoliu em seco. Disseram que não iriam machucá-lo, mas não era algo em que poderia confiar, ao menos não seria sensato fazê-lo.

— Dá pra parar numa lanchonete? — disse Tony, pouco tempo depois. — Tô com uma fome desgraçada.

— Já falei pra parar de fumar essas porcarias. Nos anos setenta, hippies diziam que a maconha abria a mente, que atraía bons fluídos. Fumavam essa merda como se bebessem água. Agora estão todos vendendo artesanato nas calçadas.

— Tá falando que minha fome é larica?

— É exatamente o que estou falando, Tony. Essa porra não vai te matar, mas vai transformar seu cérebro em geleia.

— Você não faz ideia do que está falando. Eu não fumo essas porcarias que você vê nas ruas. A erva que eu fumo é a melhor que existe, eu trouxe um bocado de Amsterdã e só fumo dela.

— Até hoje tem erva de Amsterdã? — indagou Harry, incrédulo.

— Claro que não, já faz três meses que voltei, mas tenho um fornecedor aqui que recebe remessas de lá.

— E o que essa erva tem pra você achar melhor que as outras? É tudo capim, irmão!

— Essa maconha é híbrida, uma combinação das sementes de *Cannabis Indica* e *Cannabis Ruderalis*. O efeito é mais curto, mas a onda é mais forte que um soco do Cassius Clay. Além disso, a coisa é hidropônica, todo o processo, plantio, crescimento, colheita e secagem, é monitorado, o adubo é orgânico e selecionado, nada de bosta de vaca com restos de comida e essas merdas que usam por aqui. Você devia experimentar, talvez pudesse sorrir um pouco, ser mais alegre.

— Eu pareço triste, pra você? Isso tudo é um monte de bobagens, é a erva derretendo seus neurônios.

— Pense como quiser, Harry. Só sei que não como há mais de oito horas e estou com uma fome da porra.

Seguiram em silêncio por alguns minutos. As ruas estavam todas desertas e com pouca iluminação, o que fazia Quentin sentir-se ainda mais assustado. Tony segurava sua semiautomática e olhava pela janela aberta. O vento balançava os cabelos crescidos. Súbito, virou-se para o banco de trás, de modo que a arma que segurava apontasse na direção do refém.

— Você, garoto, tem cara de quem gosta de uma boa erva. Acha que minha fome é larica?

— Esse cara aí nunca deve ter fumado um, Tony — riu-se Harry, pela primeira vez desde que encontraram Quentin.

— Em primeiro lugar — disse Quentin, trêmulo e empertigado no banco do carro —, aponta esse ferro pra outro lado.

— Não seja um bundão — Tony sorriu. — Tá travada, e nem tô com o dedo no gatilho.

— Mesmo assim — replicou o jovem —, não quero correr o risco. Vocês disseram que não queriam me machucar, então acho que apontar esse canhão pra outro lado seria um bom jeito de manterem sua palavra.

Tony guardou a arma, rindo do medo do garoto.

— Sabe como funciona uma pistola, rapaz?

— Eu nunca usei uma, mas sim, sei como isso funciona, e deixe-me falar uma coisa: não é legal ficar balançando um ferro desse tamanho na cara de uma pessoa dentro de um carro em movimento. Inúmeras coisas podem acontecer, um quebra-molas não visto e bum, adeus à cabeça do Quentin; você espirra de repente e bum, um balaço na minha cara; um motociclista aparece do nada e o Harry precisa desviar de uma vez, bum, um tirambaço no meio da minha testa.

“E tudo bem que vocês não se importem comigo, mas pense no que vem depois. Dois caras armados no meio da cidade, e um carro cheio do meu sangue, meus miolos, meus ossos do crânio triturados e espalhados pelo estofado, e olha que o Harry tem um belo estofado branco aqui, o sangue não ia ficar discreto. Então, por favor, não balance esse canhão na frente da minha cara, pelo menos enquanto estivermos em movimento. E além disso...

— Chegamos — anunciou Harry, estacionando bruscamente em frente a um galpão velho e aparentemente abandonado.

— Que droga de lugar é esse? — inquiriu Quentin, divisando a construção de grande porte, mas de aspecto degradado.

— Desce logo, garoto — ordenou Harry, já no lado de fora.

— Não vou entrar nesse lugar, parece um matadouro clandestino de cachorros!

— Jesus Cristo, eu vou atirar nesse moleque! Tira essa bunda branca do meu carro, agora! — disse, destravando a arma e apontando para Quentin.

— Não precisa ficar nervoso — saiu do carro lentamente —, eu já estava saindo. Onde estamos, e onde estão minhas respostas?

— Vamos!

— Escutem, se isso é algum ritual canibal, fiquem sabendo que eu bebo e fumo como um condenado, minha carne é de péssima qualidade. Se me deixarem ir, eu levo vocês a um amigo que é super saudável e...

— Fica frio, garoto — interrompeu Tony —, você só vai conversar com o patrão, e ele só quer ajudar.

Vendo que seus esforços em argumentar eram inúteis, Quentin, enfim, se calou, seguindo Tony e Harry para dentro do estranho galpão.



Encontro com o mentor

Se quer respostas, está no lugar errado. Só tenho segredos.

(The Recruit)

Entre Harry e Tony, Quentin seguiu em direção ao lúgubre galpão. Seu passo era lento, quase senil, e só acelerou quando sentiu a mão pesada de Harry empurrando suas costas. Estremeceu, mas não recuou; sabia que isso poderia significar alguns projéteis abandonando a arma de seu sequestrador negro para se alojarem em seu corpo que, pensava, era jovem demais para perecer sob o jugo de chumbo e pólvora.

Percorrido o pequeno caminho, ficaram de frente para um amplo portão metálico, a superfície coberta de ferrugem e pichações

obscenas em demasia para serem descritas. Harry agarrou um puxador grande de aço com as duas mãos e fez o metal deslizar para a direita, revelando um imenso espaço interior. Apesar de mal iluminado, podia-se vislumbrar seu aparente abandono; havia um punhado de livros espalhados pelo chão, um pouco em cada canto, e, ao centro, uma mesa velha de madeira, não muito grande, com duas cadeiras surradas. Em uma delas, um homem de aparência peculiar.

Vestido com um colete preto, sem camisa por baixo, e uma calça social de mesma cor, tinha a pele bronzeada e os cabelos ligeiramente grisalhos. Quentin dispensou especial atenção para a tatuagem que sua pele ostentava: um desenho tribal que se iniciava no pulso esquerdo, estendendo-se por todo braço, escondendo-se por debaixo do colete na parte do ombro e seguindo pelo pescoço até quase encontrar o queixo áspero da barba por fazer.

Sobre a mesa, várias pilhas de dinheiro, notas separadas por valor dispostas milimetricamente, de forma quase obsessiva. Ao lado do homem, um saco de lona cheio de notas espalhadas, amassadas, como o fruto de um roubo a banco não muito bem organizado. O sujeito, o qual Quentin imaginava ser aquele a quem os outros se referiam como “o patrão”, indiferente à chegada dos três, continuava a contar e organizar as cédulas oriundas do saco. Seguiram caminhando até ficarem bem próximos dele, sem nada dizer, apenas esperando uma ação sua.

— Aproxime-se, garoto — disse, sem cessar a contagem das notas.

Quentin deu dois passos à frente, no que Harry e Tony recuaram.

— Sente-se — ofereceu o patrão. Quentin puxou a cadeira e sentou-se, a respiração ofegante de ansiedade e pavor. — A coisa é muito simples, eles estão atrás de você, e, se te pegarem, você vai sofrer, vai sangrar e vai desejar ter morrido antes de ter sido encontrado. Só então, eles irão te matar. Mas aí, kiddo, você nem vai sentir.

Ele engoliu em seco. Seu nervosismo aumentou, e quase liberou os fluídos há muito contidos ali mesmo. Teve que respirar fundo e se concentrar para poder fazer a pergunta que dançava em sua mente.

— Quem são eles?

— Não temos tempo pra isso, kiddo, e não ia fazer diferença mesmo. A questão é: você pode fugir, se esconder, mudar de nome, rosto, cidade, país, mas isso nunca dura; os filhos da puta sempre te encontram, e, quando estiverem fatiando você, tudo o que vai conseguir pensar é no quanto de energia gastou tentando fugir, e o quanto foi inútil. Então, kiddo, você tem duas opções: pode fugir, ou pode atacar.

— Isso não faz sentido! — Quentin estava cada vez mais confuso, aquilo era mais loucura do que seu cérebro era capaz de conceber; nem mesmo as histórias que criava em sua mente eram tão mirabolantes e inexplicáveis. — Por que eu?

— Explicar o porquê é tão complicado quanto explicar quem, e eu não tenho tempo nem vontade de fazer isso. Quero ajudar, e vou ajudar, mas não me peça mais do que estou disposto a fazer. Você precisa ter como se defender, e ter como atacar. Pra isso você necessita de, primordialmente, duas coisas: primeiro, você precisa de um carro; segundo, precisa de armas.

— Você deve estar louco! Por que vou acreditar nisso? Seus dois amigos ali me perseguiram e meteram uma bala na cabeça da única pessoa que me ofereceu ajuda, e que fique registrado que era uma mulher lindíssima. Agora você vem com essa conversa de que “eles” isso, “eles” aquilo, e eu nem mesmo sei seu nome!

— Aquela mulher lindíssima ia te prender na porra daquele táxi e te levar pro seu pior pesadelo, seu pequeno idiota! Se Harry e Tony quisessem te machucar, você não estaria aqui, ao menos não conseguindo falar. Se não quiser acreditar, o problema é todo seu, eu só estou fazendo minha parte. Nós não precisamos de você, mas você, certamente, precisa de nós; se quiser sobreviver, claro.

— Ok, não precisa...

— E tem mais, além de um carro e armas, você precisa de roupas mais legais que essas coisas de nerd que está usando, e, por último, isso é tudo que farei por você, então, dê um jeito de se virar ou não vai sobreviver até o amanhecer. Você deve procurar pelo Japa Dois H, ele vai te arranjar boas armas. Agora, suma da minha frente. Os rapazes irão te acompanhar até conseguir um transporte e armas. Depois disso, é por sua conta, kiddo.

— Mas...

— Vamos, garoto — interpelou Harry, puxando-o pelo braço e levando-o para fora do galpão. O patrão, de quem Quentin ainda não sabia o nome, voltou à sua atividade, sem dar atenção para os apelos do jovem, que era retirado do local sob protestos de nada ter entendido.

*

— Isso tudo é uma grande loucura! — disse Quentin, já dentro do carro. — E que porra é essa de “kiddo”?

— Não me pergunte — respondeu Tony —, o patrão gosta de chamar assim garotos como você.

— Tem cartão de crédito, garoto? — inquiriu Harry, que novamente estava no volante.

— Tenho, mas que importância tem isso quando...

— Então — interrompeu Harry, fitando o semblante assustado e confuso do jovem pelo espelho retrovisor —, é hora de ir às compras.

Dito isso, mudou a marcha e pisou fundo no acelerador. Quentin ainda não entendia o que diabos acontecia ali, mas começava a pensar que o melhor era seguir as instruções daqueles estranhos armados e ameaçadores. Afinal, que opção o pobre infeliz tinha além dessa?



Um carro cheio de armas

"O fato de suas armas terem escrito na lateral a palavra "REPLICA" aliado ao fato da minha ter escrito "DESERT EAGLE .50" deveria fazer suas bolinhas encolherem. Agora, sumam daqui." (Snatch)

Após alguns quilômetros rodados, o carro imergiu em um absoluto silêncio. Incomodado com aquela estranha calmaria, Harry empurrou a fita cassete para dentro do toca-fitas, fazendo-o ligar e a música ecoar pelos alto-falantes do automóvel.

Bah B B Bah B Bah B Bah Bah BB

Bah BB Bah B Bha B Boom Boom Boom

Hey Mr. Bassman
You've got that certain something
Hey Mr. Bassman
You set that music thumping
To you its easy when you go 1-2-3
Bah B B Bah B Bha Bah BB

— SÉrio? Johnny Cymbal? — indagou Quentin, um pouco mais à vontade e menos apavorado na companhia da dupla.

— Algum problema, garoto? — redarguiu Harry.

— Não, nada, só que você não parece o tipo de crioulo que ouve música de branco.

— Não seja preconceituoso, seu branquelo de merda! E você, mais que eu, devia gostar do Cymbal.

— Você não me entendeu. Eu gosto do Cymbal, e *Mr. Bassman* é uma grande música, certo?, embora eu prefira a gravação dos Delltones; a questão é que os negros que conheço não gostam, ou pelo menos não assumem.

— Você não deve conhecer muitos crioulos como eu, garoto, aceite isso.

Hey Mr. Bass man you're the hidden king of Rock and Roll

Bah B B Bha B Bah B Bah BB

Bah BB Bha B Bha B Boom Boom Boom

Enquanto Harry batucava os dedos no volante ao ritmo de Mr. Bassman, Quentin se espalhava no banco de trás do carro, observando as construções passarem aceleradas pelo vidro da janela. Quando Tony tirou do bolso do paletó um estojo de couro pouco maior que a palma de sua mão, o parceiro espiou sua ação com o canto dos olhos.

Tony abriu o fecho do estojo, revelando uma seringa, uma colher e um saquinho transparente cheio de pó branco, além de uma mangueira elástica. Começou a tirar o paletó, quando Harry se manifestou:

— Que merda pensa que está fazendo, Tony? Ficou louco?

— O que foi, Harry? Não seja um pé no saco! Só vou me picar!

— Não vai usar essa merda no meu carro, filho da puta!

— Não vou derramar nada, porra! Fica frio.

— Estamos trabalhando, cara. Estamos no meio de uma porra de um serviço e você quer usar uma porra de heroína! E no meu carro! Guarde essa merda antes que eu jogue tudo pela janela.

— Quando é que você ficou tão careta, irmão? — rebateu o usuário, descrevendo um retângulo com os indicadores. — É só um pico!

— Não sou careta, só não preciso dessas merdas no meu organismo, e você também não. Isso vai foder com seus neurônios; vai acabar ficando tão idiota quanto um rapper.

— Tá bom, Harry, vou deixar pra depois. Mas você anda muito careta; puta merda, irmão!

O silêncio voltou, e a fita seguiu com a voz de Johnny Cymbal sendo o único som dentro do carro. Quentin apenas observou a discussão, divertindo-se internamente, mas forçando-se a não

externar o que sentia. Harry e Tony pareciam até caras legais, mas ainda eram criminosos armados e possivelmente hostis.

Não demorou muito para chegarem ao destino. O sol nascera há pouco, e Quentin avistou um enorme imóvel de terra batida, onde uma miríade de carros justapostos se encontrava. A entrada tinha passagem para um veículo, com uma cerca de madeira e tela de alumínio. Uma placa grande e com a pintura desgastada ostentava a inscrição “RILEY CARROS USADOS”.

Harry estacionou rente à calçada e desligou o carro, fazendo o som do toca-fitas cessar nos alto-falantes. Os dois parceiros desceram, e Quentin fez o mesmo. Entraram no estabelecimento, sendo logo interpelados por um homem que provavelmente era o dono. Negro, estatura mediana, ligeiramente acima do peso, usava um conjunto de calças e jaqueta azuis, combinando com o boné de mesmo tecido.

— Em que posso ajudá-los, rapazes?

— Procuramos um carro... Quanto tem aí, garoto? — indagou Harry.

— Uns 600.

— Procuramos um carro de no máximo 500 dólares.

Enquanto Harry conversava com o dono, Quentin passeava o olhar pelos carros ali dispostos. Havia vários modelos clássicos, alguns em ótimo estado de conservação, outros aparentando não serem capazes de sair do lugar. Ele ouvia a conversa do vendedor, que apontava para alguns veículos que cabiam no orçamento proposto, mas logo parou de ouvir quando botou os olhos em um dos automóveis. Ficou olhando para a máquina por algum tempo, até que externou sua vontade.

— Aquele — disse, apontando para um carro cuja aparência demonstrava que fora exaustivamente usado pelos donos anteriores.

— O quê? — indagou Harry, tendo sua conversa com o vendedor interrompida.

— Eu quero aquele, o rádio patrulha.

— Aquela velharia nem deve andar, garoto — Harry esboçou um sorriso de escárnio.

— É um ótimo carro, custa 700.

— Dou 600 por ele, e pode ficar com o meu relógio — Quentin se aproximou do dono da loja —, senhor...

— Riley — completou o homem.

— Seiscentos mais o relógio pelo carro. O que me diz, senhor Riley?

— Está louco, garoto, o Riley aqui acaba de mostrar vários carros que custam 500, e bem melhores que aquela lata velha. Além disso, é um carro de polícia!

— É um Dodge Monaco Sedan, modelo 1974! É um clássico, e anda mais que o seu Cadillac encerado ali.

— Faça o que quiser, garoto, mas saiba que vai estar sozinho quando estiverem na sua cola e cravejarem a lataria de balas. Não vai ter ninguém pra empurrar a lata velha.

— O que me diz, senhor Riley? Negócio fechado? — disse Quentin, ignorando os comentários de Harry.

— Vou te ajudar nessa, amigo — disse Riley. — E pode ficar com o relógio. Hoje é seu dia de sorte, porque amanhã vou me desfazer do negócio.

— Por quê? — perguntou Tony. — As vendas estão difíceis?

— Não, o negócio é ótimo, mas estou indo pra Nova Orleans, tentar uma outra carreira.

Quentin sacou a carteira, apanhou um maço de notas e começou a depositá-las sobre a mão de Riley.

— ...450, 500, 550... 600.

O vendedor guardou o dinheiro no bolso, foi até uma pequena cabine ao fim do terreno e logo voltou com uma chave que entregou para Quentin.

— Parabéns, meu jovem, acaba de comprar um excelente veículo.

— Obrigado, Riley.

Quentin agarrou a chave como quem acabasse de apanhar um tesouro há muito enterrado. Caminhou até o carro enquanto Tony e Harry o aguardavam. Girou a chave, ouviu o ronco do motor com regozijo, engatou a primeira e acelerou, fazendo a poeira de terra batida emergir.

Passou por eles e estacionou logo à frente do carro de Harry, aguardando-os para partirem rumo ao próximo destino. A dupla se despediu de Riley, entrou no carro e partiu, com Quentin em seu encalço a bordo de sua nova aquisição.

*

Meia hora mais tarde, chegaram a um bairro obscuro da cidade. A dupla saiu do carro, com Quentin logo atrás, e entraram em um beco sem iluminação. Harry bateu na porta, de onde uma voz irrompeu.

— O que querem? — parecia a voz de um homem enorme, visto que era grave e bem empostada.

— Viemos ver o Dois H — disse Harry, ligeiramente impaciente.

— Quem é você?

— É o Harry, caralho! Abre logo essa porra!

Ao som de trancas, seguiu-se a abertura da pesada porta de ferro. Do outro lado, o dono da voz grave surpreendeu Quentin, pois era um anão, com não mais que 1 metro de altura. Os três passaram pelo homem, seguindo por um corredor estreito e escuro. Dos dois lados, viam-se portas, algumas entreabertas, outras, fechadas. Pelas primeiras, era possível divisar homens nus — ou quase — deitados em macas enquanto jovens orientais vestindo pouca roupa os brindavam com massagens que teriam, conforme imaginava Quentin, um final feliz. Alguns já estavam na parte do final feliz, e protagonizavam cenas curiosas, algumas até grotescas.

Continuaram caminhando até o corredor findar-se, abriram uma porta de madeira e seguiram até chegarem a outra porta, esta protegida por dois homens grandes e fortes. Eram japoneses; contudo, eram altos, contrariando a regra de que japoneses são todos iguais.

— Viemos fazer negócios com o senhor Dois H — introduziu-os Harry, enquanto Tony apenas olhava para os próprios sapatos, parecendo não se preocupar com a expressão hostil que estampava a face dos vigilantes.

— Quem... — começou um dos seguranças.

— Diga que é o Harry, ok?

Imediatamente, um dos brutamontes abriu a porta e entrou, voltando logo em seguida, com o mesmo semblante desagradável de antes.

— O senhor Dois H vai receber os senhores.

A passagem foi liberada para os três clientes. Sabendo estar ali para comprar armas, Quentin esperava encontrar um covil típico de gangsteres japoneses, algo que vira em demasia em todos os filmes de Yakuza que assistira ao longo da vida. Entretanto, o cenário era totalmente díspar do que imaginara.

O local mais parecia um restaurante que qualquer outra coisa. Havia várias panelas e utensílios de cozinha pendurados nas paredes, por onde seguia uma longa bancada de granito. Viam-se, também, vários tipos de tempero, além de alimentos e ingredientes de toda sorte. Na mesa central, um homem vestindo um quimono azul e branco trabalhava numa massa disforme que aos poucos se transformava em um fino espaguete.

Os três se aproximaram, postando-se ao lado do homem, que passava dos cinquenta anos, mas que ainda aparentava grande vigor. Os cabelos eram curtos e se precipitavam do círculo formado pela faixa amarrada à testa. Ostentava um bigode preto e bem aparado e mostrava-se concentrado em sua atividade culinária.

— Bom dia, senhor... — começou Harry, mas Dois H o interrompeu com um aceno.

Eles aguardaram. Estava claro que o homem queria terminar sua tarefa antes de atendê-los. Não demorou muito para que o espaguete estivesse na espessura correta e cortado no tamanho desejado. Após isso, o cozinheiro acondicionou a massa em um refratário e voltou-se para os visitantes.

— Um pouco cedo para que homens como vocês me procurem, não acham? Pois acredito que não estão interessados em comprar macarrão artesanal.

— É um tipo de emergência, sabe? — explicou Harry. — O branquelo aqui está em apuros, e precisa de um bom arsenal.

— Hmmm — o homem analisou calmamente a figura de Quentin, que permanecia calado e transbordando a tensão que sentia. Dois H cofiava os bigodes e fitava o novo cliente com os olhos semicerrados, como que procurando por algo. — Sabe, meu jovem, há trinta anos eu fiz uma promessa, jurei que jamais fabricaria algo que tira a vida de um ser humano. Mas não dá pra viver vendendo macarrão, não é mesmo? E um homem da minha idade tem suas necessidades, você entende. Por isso comecei a revender armas de fogo, mas jamais voltei a fabricar lâminas, nem mesmo as facas que uso na cozinha, então minha promessa vem sendo cumprida.

Ele se calou, e um silêncio constrangedor tomou o local. Quentin sentia-se intimidado, ainda que a figura do japonês não fosse nada assustadora, muito pelo contrário. Mas a estranheza da situação era suficiente para deixá-lo confuso e amedrontado.

— Então, se o garoto está em apuros, não vamos perder tempo. Diga-me, jovem, como se chama?

— Quentin — respondeu de uma vez, com medo de gaguejar caso hesitasse.

— Está certo, jovem Quentin, vamos ver o que tenho pra você.

Levantou-se e seguiu para os fundos da grande cozinha. Entrou por uma porta estreita, seguido pelos três recém-chegados. O lugar era escuro, mas logo Dois H acionou um interruptor e fez um par de lâmpadas potentes iluminar o local. Quentin boquiabriu-se, vendo-se cercado por uma quantidade incontável de armas de fogo; havia ali todos os modelos que se lembrava de ter visto em filmes e

comerciais de TV, e ainda outros que jamais tivera oportunidade de conhecer.

— Uau! — sussurrou para si mesmo, causando riso entre os outros.

— Então, do que precisam? Mortes em massa ou apenas proteção?

— Não temos certeza — Harry respondeu —, mas vamos levar o pacote de mortes em massa, só pra garantir.

— Vocês já conhecem o processo, fiquem à vontade para escolher. Eu estarei do lado de fora quando terminarem — Dois H saiu, deixando-os sozinhos em meio ao arsenal.

— Então, garoto — disse Tony —, o que vai querer?

Quentin demorou um pouco a responder, pois ainda estava analisando aquela quantidade assustadora de armas; parou apenas quando botou os olhos em um par de pistolas que fez seus olhos brilharem.

— Essas aqui — disse —, posso levá-las?

— Magnum .44? Não sei se vai aguentar o tranco dessa belezinha — expôs Harry.

— Não sou um garotinho — respondeu ele, apanhando as duas armas, rodando-as nos dedos, como em um filme de bang-bang italiano, e apontando-as na direção do outro.

— Opa, calma aí, branquelo, essa porra pode estar carregada!

— Quero ficar com elas.

— Tá certo, são suas, mas não são suficientes. Precisa de umas semi-automáticas, granadas, algumas metralhadoras...

— Vamos pegar as armas, Harry — interrompeu Tony —, e deixe o garoto com seus novos brinquedinhos.

Enquanto Quentin analisava e alisava a dupla de .44, os outros pegaram um carrinho de supermercado que estava em um canto e começaram a enchê-lo com as armas que julgavam necessárias. Em poucos minutos, o carrinho estava abarrotado armas e munições.

— Parece que vamos pra uma guerra — observou Quentin.

— “Vamos” não, garoto; “você” vai pra guerra — esclareceu Harry.

— Como assim? Querem que eu vá pra uma guerra com não-sei-quem sozinho?

— Isso não é problema nosso, já fizemos muito por você, garoto! Vamos ajudar a colocar as armas no carro e, então, cada um segue seu caminho.

— Mas eu não sei nem por onde começar!

— Eu começaria me escondendo até ter uma boa ideia do que fazer. Mas não se preocupe, eles vão te encontrar. Apenas esteja preparado pra não morrer.

Naquele momento, o peso das magnums aumentou, e Quentin sentiu um frio no estômago. A coisa era séria, sua vida corria risco, e ele sabia que não estava preparado para enfrentar bandidos, assassinos, ou quem quer que fossem seus algozes.

Saíram da sala empurrando o carrinho, que pesava bastante. Dois H os fitou com um sorriso contido nos lábios.

— Vai ser uma festa daquelas, não é mesmo, meus jovens?

— Mais ou menos isso — respondeu Harry.

— Então, o que vai ser, rapazes? Dinheiro ou cartão?

Quentin sacou a carteira e tirou um cartão de crédito de dentro dela. O vendedor/cozinheiro tirou do bolso do quimono uma máquina para passar o cartão, pegou o objeto do comprador e

passou a tarja magnética na fenda do aparelho. Em alguns segundos, a operação estava concluída.

— Acho que terminamos por aqui, cavalheiros — Dois H fez uma reverência e indicou a saída dos fundos.

— Vá buscar o carro, garoto, estaremos esperando nos fundos.

Trêmulo, Quentin se dirigiu à saída. Logo estava num beco, com o porta-malas do Dodge aberto enquanto Tony e Harry descarregavam um sem-número de armas pesadas. A parte de trás do veículo abaixou, tamanho o peso da carga.

— Cuidado com os quebra-molas — alertou Tony —, seu maleiro está com um puta peso.

Quentin se aproximou dos dois, sem saber exatamente como agir; estendeu a mão, numa tentativa de se despedir com o mínimo de cordialidade. Tony foi o primeiro a aceder ao cumprimento, segurando firme sua mão.

— Se cuida, garoto.

Em seguida, Harry fez o mesmo, desfazendo parcialmente seu semblante carrancudo e segurando a mão de Quentin com firmeza. Sua mão era quente e áspera.

— Escute, garoto, antes de sair por aí dando tiros e chutando uns rabos, arranje um lugar isolado e aprenda a usar essa merda toda.

— Farei isso — respondeu ele, se afastando em direção ao carro.

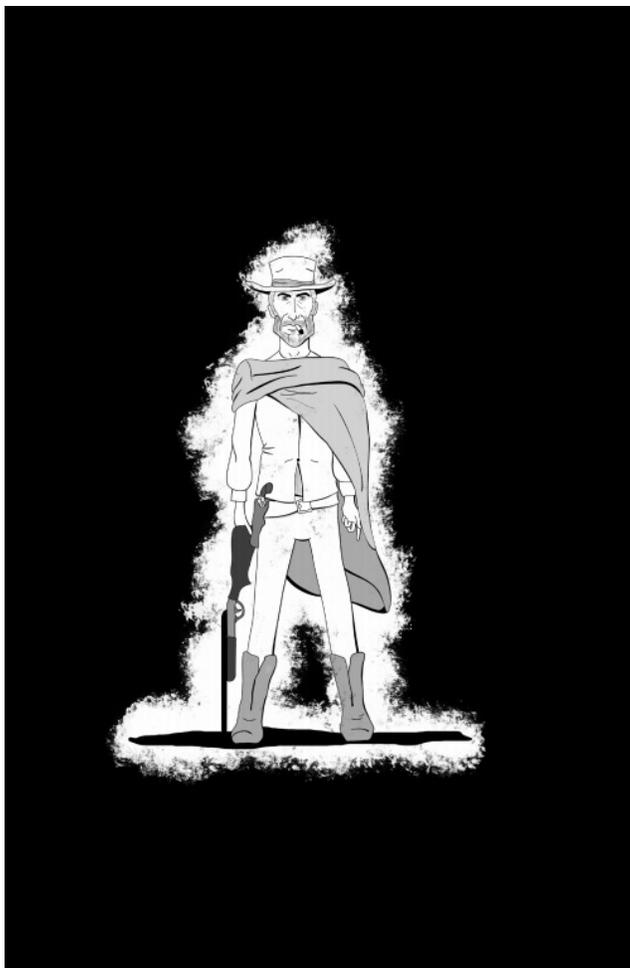
Quentin entrou no automóvel, girou a chave, engrenou a marcha e fez a manobra; afastou-se lentamente, deixando para trás os únicos que talvez poderiam ajudá-lo no desafio que tinha pela frente. O medo o dominava por completo. Viu a imagem dos dois

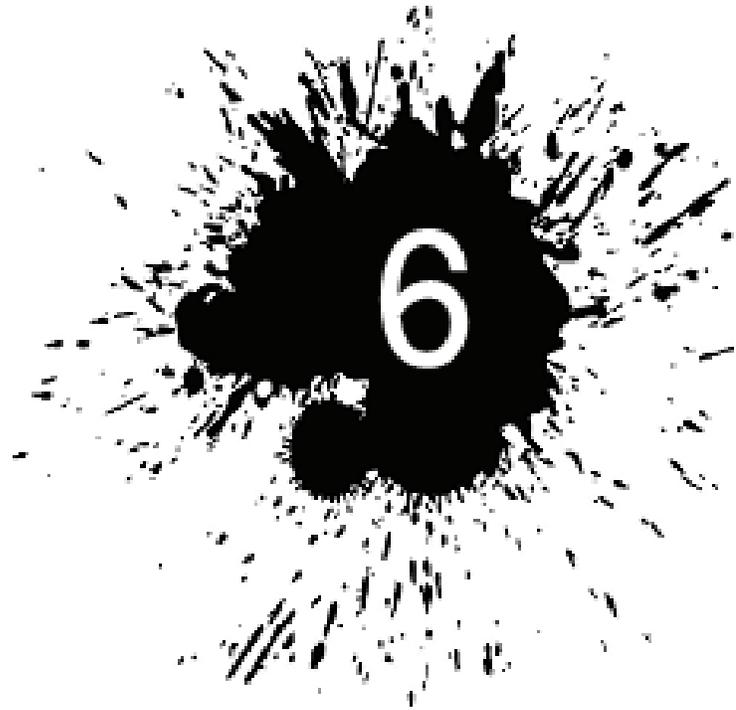
bandidos se perder na distância, então acelerou. Não sabia para onde iria, mas sabia que não podia parar. Fitou as ruas; as pessoas passavam despreocupadas, totalmente alheias ao seu drama pessoal, uma situação que nem mesmo ele sabia o motivo de ser.

Mirou o toca-fitas do Dodge. Havia uma fita ejetada; viera com o carro. Não importava o que havia ali, qualquer música seria melhor que ouvir os próprios pensamentos, que só preconizavam seu pessimismo e terror diante da situação. O chiado dos primeiros segundos de reprodução deixou claro que o cassete estava no começo. Logo soaram os primeiros acordes. Quentin, apesar do nervosismo, sorriu, reconhecendo a canção que ressoava nos alto-falantes do veículo. Era certo que estava sendo caçado e queriam matá-lo, mas não era tão ruim assim. Pelo menos tinha um bom carro, boa música e um porta-malas cheio de armas.

*I was the third brother of five
Doing whatever I had to do to survive
I'm not saying what I did was alright
Trying to break out of the ghetto was a day to day fight
Been down so long, getting up didn't cross my mind
I knew there was a better way of life that I was just trying to find
You don't know what you'll do until you're put under pressure
Across 110th Street is a hell of a tester*







Local Seguro

Um homem que não passa tempo com a família não pode ser considerado um homem de verdade.

(The Godfather)

Duas horas dirigindo. A gasolina estava quase no fim, e Quentin ainda não chegara a lugar nenhum. Na verdade, rodara pela cidade descuidadamente — o que, nas atuais circunstâncias, era no mínimo bastante estúpido —, pensando no que fazer. A fita cassete rodava em sua terceira repetição; embora muito apreciasse a voz e o balanço de Bobby Womack, escutá-lo em *loop* infinito começava a ficar cansativo.

— Porra! O que eu vou fazer? Onde diabos eu vou me esconder?!

Quentin estava nervoso, falava sozinho, em voz alta, e socava o volante, buzinando algumas vezes, sem querer. Pensou em procurar Roger, mas era óbvio demais. Se alguém perigoso e com recursos estava atrás dele, certamente a casa de Roger seria um dos primeiros lugares, e isso incluía, também, todos os amigos costumeiros que possuía na cidade. Só tinha sua mãe de família por ali, e também não tinha amigos em outras cidades. O dinheiro que carregava era pouco, sua conta estava zerada e o limite do cartão de crédito fora estourado na compra das armas.

Antes que o combustível acabasse de vez e ele ficasse com um carro cheio de armas que não sabia usar, estacionou numa rua pouco movimentada, desligou o toca-fitas e respirou fundo. “Pense, Quentin, pense”, dizia para si mesmo; sua voz, mesmo em pensamento, era entrecortada pela respiração ofegante. Ficou por ali durante uns dez minutos, até que percebeu alguns homens suspeitos, temeu ser assaltado e ligou o carro, deixando o local. Virou a esquina e encaminhou-se até o posto de gasolina. Precisava abastecer.

Enquanto a gasolina saía da bomba para entrar no tanque do Dodge, um estalo surgiu em sua mente. Parecia má ideia; na verdade, parecia uma pessimamente péssima ideia, mas era a única coisa que lhe vinha à cabeça. E, justamente por ser uma ideia tão estúpida, podia realmente dar certo.

— Tio Ben, tio Ben — disse a si mesmo, quase recuperando a calma e a esperança de sobreviver —, espero que não me receba com tiros.

*

Quentin tinha um passado com seu tio Ben, uma história de longas animosidades. Há anos não se viam, e era melhor que tudo continuasse assim. No último encontro que tiveram, o velho ameaçou cortar suas pernas e descarregar uma pistola em seu traseiro. Desde então, não pensara em procura-lo por nada no mundo. Contudo, situações extremas pedem medidas desesperadas, e agora Quentin seguia rumo a um destino distante, arriscando ser recebido com um par de balas na sua bunda.

Após horas dirigindo, encontrava-se próximo ao destino. Já era noite, e decidiu sair da estrada e se embrenhar em um agrupamento de árvores que margeava a rodovia. Não seria boa ideia chegar àquela hora. A chance de ser alvejado antes mesmo de se identificar era enorme, ainda mais dirigindo um carro de polícia. Tentou ocultar-se da melhor forma possível. Fechou os vidros quase completamente, deixando apenas uma fresta para respirar. Antes de se entregar ao sono, apanhou uma magnum no porta-malas e se abraçou a ela, após conferir a munição. Era bem verdade que não sabia utilizá-la, mas, ainda assim, aquela pistola lhe trazia uma sensação de segurança, além de poder. Era como ter um órgão sexual maior que o de um ator pornô.

*

O dia amanheceu logo. Quentin dormira por horas, mas não achava que fora o suficiente. No entanto, não tinha tempo a perder, e também não conseguiria ficar por mais tempo ali com o sol a castigar-lhe o rosto. Olhou ao redor, constatando que tudo estava tranquilo. Guardou a arma no porta-luvas e ligou o carro, voltando para a autoestrada. Dirigiu acelerado por mais uma hora, até avistar, ao longe, a cabana do tio.

Ben morava no meio do deserto, nada em um raio de dez quilômetros; sua moradia era uma barraca de madeira, bem feita, mas extremamente simples. Quando avistou a casa, Quentin reduziu a velocidade do automóvel, aproximando-se paulatinamente. Logo percebeu que o tio encontrava-se do lado de fora, sentado em uma cadeira de balanço, que provavelmente ele mesmo fizera. Um chapéu de caubói postava-se na cabeça, a aba cobrindo os olhos. Na boca, um cigarro artesanal pendia, a brasa iluminada, a fumaça subindo lenta; as mãos, que escapavam do poncho marrom com figuras geométricas em bege, a franja roçando o solo, preparavam outro cigarro, substituto do que queimava em sua boca. No chão, repousava uma espingarda.

Quentin percebeu o momento exato em que seu tio Ben vira o carro que se aproximava. Lentamente, pôs o fumo de lado, apanhou a espingarda e se levantou. Caminhou tranquilo em direção ao visitante, apoiou a arma no ombro e fez a mira. Seu tio iria atirar, mas era um risco que precisava correr. Desengrenou o carro e deixou-se se aproximar lentamente, com o pé no freio. Quando julgou a distância suficiente, desligou o motor e parou.

Precisava demonstrar que viera em missão de paz; olhou ao redor, mas nada encontrou, então tirou a própria camisa, que por sorte era branca, e estendeu-a para fora do carro, balançando-a em sinal de suas intenções pacíficas.

— Diga logo o que quer, ou prepare-se para levar chumbo! — disse Ben, assustadoramente calmo, como sempre fazia.

— Sou eu, tio!

— Eu quem, infeliz?

— Eu, Quentin — disse, colocando um dos pés para fora do carro.

Dois disparos. Quentin imediatamente recolheu a perna para dentro do veículo, após sentir o calor do ar deslocado pelo projétil. Por pouco não teve o próprio pé esfaqueado.

— Saia da minha propriedade, seu fedelho desgraçado!

— Tio — gritou Quentin, tremendo de medo —, preciso de sua ajuda.

— Vou te ajudar a ficar vivo com um conselho. Dê o fora ou vai virar adubo no meu quintal.

— Mas não tem nada plantado nesse lugar — disse Quentin, arrependendo-se em seguida, com o disparo que quase arrancou seu retrovisor esquerdo. — Espere! Espere! — gritou. — Tem uns caras querendo me matar e esse carro tá cheio de armas, mas preciso de ajuda pra me esconder por um tempo.

Silêncio. Ben não esperava por aquilo. Achava o sobrinho um desgraçado arrogante, mas não o imaginava metido com aquele tipo de confusão. Parou por um momento, pensando no que faria a seguir. Então, disse:

— Venha aqui, seu desgraçado, e dê um abraço no seu velho tio.

Quentin surpreendeu-se; por mais que quisesse ser bem recebido, aquilo não fazia o menor sentido. Mas, como estava desesperado, interpretou como sendo o destino agindo a seu favor. Colocou novamente um dos pés para fora do veículo, só para testar; nada aconteceu. Então, o outro pé; em seguida, o corpo todo. Fitou o tio, que, ao tirar o chapéu, revelou os cabelos lisos e dourados e a barba por fazer que refletiam a luz do sol. O velho depositou a

espingarda no piso de madeira da varanda. Seus olhos, como sempre, semicerrados, denotavam um péssimo humor, o que era normal, até quando estava alegre. O sobrinho se aproximou, sorrindo ao ver Ben abrir os braços, receptivo. Quando estava a menos de um metro, pronto para ser acolhido no colo carinhoso do tio Ben, veio a segunda surpresa, dolorida e molhada, na forma de um soco potente em seu rosto. O nariz começou a sangrar e a dor era enorme.

— Mas... — tentou protestar Quentin, segurando o nariz que escorria fluido vermelho.

— Como tem coragem de vir aqui, seu fedelho? — gritou, sem perder a compostura, acertando, em seguida, um golpe no estômago do sobrinho. — Vê-se que está realmente desesperado — ele riu.

— Eu não tinha opção — disse entredentes, agora segurando também o estômago, que doía ainda mais que o nariz ensanguentado.

— Acha que pode simplesmente vir até aqui e pedir minha ajuda? Depois de toda a merda que você fez?

— Sinto muito, tio! Eu... eu...

— Com os diabos, Quentin! Eu devia enfiar uma bala na sua cara aqui mesmo e deixar sua carniça para os urubus!

— Me perdoe, tio, eu era praticamente uma criança! Não vai nunca esquecer daquilo?

— Esquecer? Jesus Cristo, garoto! Quem pensa que é?

— Se quiser me matar, pode matar. Porque, se não me ajudar, eu estarei morto de qualquer jeito.

Ben parou de falar, cuspiu o cigarro já no fim e o pisou com suas botas de caubói. Olhou Quentin com intensidade, sangrando,

derrotado, agachado na areia e fitando-o com os olhos suplicantes. Era claro que o garoto estava realmente desesperado. Embora a vontade fosse de baleá-lo e deixar seu corpo apodrecer ali mesmo, Ben talvez não fosse capaz; apesar de tudo, Quentin era sua família. Esfregou o rosto com as mãos, não acreditando no que faria a seguir.

— Escute aqui, garoto. Não sei quem está atrás de você, e nem me interessa saber, mas não vou deixar que um qualquer dê cabo de sua vida, isso só eu posso fazer. Agora, trate de se limpar antes de entrar na minha casa — disse, apontando para uma torneira enferrujada ao lado da cabana. — Pode ficar com o sofá. Depois de descansar, conversaremos.

— Obrigado — custou a dizer Quentin, mas Ben não ouvira. Já estava na cabana, longe das vistas do sobrinho.



O Treinamento

Saber atirar bem e ser rápido no gatilho não faz mal a ninguém, mas não é nada se não tiver cabeça fria.

Quem consegue manter a cabeça e não ficar nervoso num tiroteio... esse sim, vai matar você.

(Unforgiven)

Molhado. Foi assim que Quentin acordou, no sofá do tio. Aceitara a sugestão de descansar um pouco, e acabou dormindo mais do que planejara. Ainda semidesperto, pensou estar se afogando, mas logo a mente compreendeu que era apenas um copo d'água que fora atirado em seu rosto. Piscou para desembaçar a visão e percebeu a face carrancuda de Ben.

— Hora de acordar, mocinha!

Quentin olhou pela janela, percebendo o sol ainda forte. Não devia passar do meio dia.

— É assim que faziam quando você estava no exército? Ainda é cedo, não dormi tanto assim!

— Você dormiu mais de vinte e quatro horas, seu idiota. Agora acorde, eu fiz o café.

— Eu dormi um dia inteiro? — indagou, incrédulo, mas seu tio não respondeu.

Ben sentou-se à mesa, servindo-se do café de uma garrafa térmica velha. Quentin levantou-se e acompanhou o tio, enchendo uma caneca com o líquido escuro, que ainda fumegava. Enquanto tomava o café, tentando espantar a letargia provocada pelo sono prolongado, Quentin sobressaltou-se ao ver seu tio pousar duas pistolas sobre a mesa. Era sua dupla de magnums .44.

— Você trouxe um belo arsenal, ali — disse o tio, quase sussurrando.

— Como abriu o carro? A chave...

Calou-se assim que o tio tirou a chave do Dodge de seu próprio bolso, pousando-a próxima de Quentin.

— Se quer sobreviver e conseguir escapar de quem quer que seja, devia ficar mais alerta, e não dormir como um bebê. Como eu dizia, tem um belo arsenal ali; um pouco exagerado, talvez, mas com um bom poder de fogo. Mas de nada servirá se não souber usar.

— Eu sei, preciso praticar.

— Precisa aprender primeiro. Agora, me diga: onde arranjou essa merda toda?

— Comprei no cartão de crédito, de um tal de...

— Não estou falando das armas, seu estúpido. Quero saber onde arranhou essa confusão. Por que tem gente querendo te matar, além de mim?

— Eu não faço ideia. Uns caras me ajudaram, me alertaram do quão perigosos são os sujeitos que querem minha cabeça, mas não quiseram explicar quem são nem por que me querem.

— E você simplesmente acreditou?

— Foram bem convincentes, confie em mim.

— E que ideia estúpida foi essa de sair por aí com um carro de polícia? Ainda mais uma lata velha dessa!

— É um antigo carro de polícia. Você pode não dar muito por ele, mas é um clássico, tenho certeza que não vai me deixar na mão.

— Que seja. Agora, coma logo e vamos começar.

Quentin apanhou um pedaço de bolo de um prato sobre a mesa e comeu com pressa, dizendo, entre as mastigadas:

— Começar?

— Seu treinamento, filho. Ou pensa que vai ficar morando aqui comigo para sempre? Veio em busca de ajuda, eu vou te ajudar. Vou te ensinar a usar essas belezinhas e a não morrer na primeira oportunidade. Depois, quero você longe daqui. E coma direito, não vamos parar até você conseguir acertar o meio de uma melancia a uma distância de no mínimo duzentos metros.

Quentin avançou nos poucos alimentos que havia sobre a mesa, quase não mastigando. Serviu-se de mais uma caneca de café e, enfim, levantou-se, sentindo o estômago, que há pouco estava deserto, pesar como chumbo. Saiu a passos lentos do casebre, encontrando o tio segurando as duas .44 e fitando uma fileira de cinco melancias sobre troncos grossos. Perguntou-se de onde saíra

aquilo tudo, e como o tio movera aqueles pedaços tão pesados de madeira, mas preferiu não dizer nada, visto que conhecia bem o temperamento do velho Ben.

— Fez a feira, hoje, tio? — gracejou Quentin.

Ben segurou uma das armas pelo cabo e lançou na direção do sobrinho, que quase não teve tempo para segurar o objeto, sentindo o impacto levemente dolorido no peito.

— Sem gracinhas, rapaz, ou chuto seu traseiro pra fora da minha propriedade.

— Tá certo — respondeu, segurando a pistola e apontando para a primeira melancia.

— O que diabos está fazendo, Quentin? Por Deus! Todos esses filmes que você assiste e não aprendeu sequer a segurar uma maldita arma?

— Eu... bem...

— Verificou a munição?

Quentin enrubesceu ao perceber que o revólver não estava carregado. Foi até o carro, abriu o porta-malas e apanhou uma caixa de projéteis calibre .44. Voltou para perto do tio, e pôs-se a carregar o tambor. Arma carregada, empunhou-a confiante, apontando para a melancia.

— As duas mãos, Quentin!

— Qual o problema? Quando os desgraçados estiverem atrás de mim, não vou ter como usar as duas mãos.

— É, mas os desgraçados não estão atrás de você, e, se não usar as duas mãos, nunca vai aprender a dar um tiro no alvo.

— Ok, tá certo!

Ele abaixou a mão que segurava o revólver, posicionando a outra com a palma sobre o cão.

— Jesus Cristo, garoto! É difícil acreditar que você seja mesmo meu sobrinho. Dê aqui essa arma antes que aconteça um acidente — disse, tomando o revólver das mãos de Quentin. — De onde tirou essa ideia? Isso aqui não é um maldito bang-bang italiano! Esse é o mundo real, e não dá pra sair atirando como um pistoleiro errante que você viu em um filme vagabundo qualquer. Preste atenção.

— Tá certo — anuiu Quentin, levemente embaraçado.

— Segure a empunhadura com a mão direita, assim — disse Ben, mostrando lentamente como fazer. — Depois, venha com a esquerda e cubra toda a empunhadura. Lembre-se que o indicador direito não deve repousar no gatilho, ou você pode disparar sem querer. Se estiver com tempo, recue o cão totalmente, então, pressione o gatilho.

O estrondo irrompeu o silêncio do deserto, e a melancia fragmentou-se com o disparo certo, bem no centro.

— Se não puder recuar o cão — prosseguiu o tio —, o que pode acontecer quando estiver em ação, puxe o gatilho lentamente, deixe a coisa acontecer. Se puxar o gatilho de uma vez, muito provavelmente vai errar o tiro, e você não quer que isso aconteça, não é?

— Não mesmo — Quentin ouvia atentamente.

— Então, faça assim — Ben puxou o gatilho lentamente, até o disparo se precipitar.

Quentin passou a mão no rosto, limpando os pedaços de melancia que voaram na sua direção, fruto do segundo disparo, tão certo quanto o primeiro.

— Entendeu?

— Sim.

— Então, agora é sua vez.

A arma foi entregue ao sobrinho, que, lentamente, tentou reproduzir aquilo que lhe fora explicado. Segurou a arma com as duas mãos, os braços esticados. Fez a mira, recuou o cão, introduziu o dedo no guarda mato e esperou, a cabeça do indicador roçando o gatilho. Então, disparou.

Não foi certo como o tio, mas atingiu a terceira melancia, o suficiente para sobrar apenas um pequeno pedaço de sua base sobre o tronco. Impressionado com o próprio desempenho, Quentin sorriu, girando parcialmente o corpo e olhando para Ben, como uma criança que espera congratulações do pai após fazer um gol no futebol da escola.

— Idiota!

— Qual o problema? Eu acertei a melancia em cheio! — a reação do tio o frustrou.

— Em primeiro lugar, não foi em cheio, foi bem no topo da fruta. Segundo, não encoste no gatilho se não for pressioná-lo. Teve muita sorte de não ter acertado o próprio pé. O dedo fica fora do guarda mato até o momento em que você for, de fato, atirar. Entendeu?

— Entendido, senhor — fez uma continência debochada com a mão que segurava o revólver.

— E não faça movimentos bruscos segurando uma droga de arma carregada. Ao menos até que saiba o que diabos está fazendo. Agora, repita o tiro, quero ver essas duas melancias sumirem!

Prontamente, o sobrinho obedeceu ao comando, posicionando-se e realizando dois disparos sucessivos. Tomou cuidado para não cometer os mesmos erros apontados no tiro anterior, e conseguiu acertar os alvos, embora não como queria. Ambos ainda preservaram as bases da fruta sobre o tronco. Contudo, Ben não reclamou, apenas entrou no casebre e voltou com uma caixa de madeira cheia de garrafas de vidro. Em poucos segundos, posicionou uma garrafa sobre cada tronco, afastando-se em seguida.

— Recarregue. Quero que atire em sequência.

Sem dizer palavra, Quentin fez o que o tio disse, posicionando-se para os novos tiros. Ben sinalizou em silêncio, e o sobrinho iniciou, repetindo os movimentos de puxar o cão e pressionar o gatilho. Acertou as duas primeiras garrafas sem problemas, mas a terceira apenas foi atirada ao chão, pelo deslocamento de ar provocado pelo projétil; a quarta, bem como a quinta, nem se moveram.

Ben substituiu as garrafas atingidas enquanto seguia sua explanação.

— Acertar um cara é fácil, mas se forem vários, o segundo vai te pegar, ou o terceiro, ou o quarto... Sem precisão e velocidade, não será páreo para alvos móveis, principalmente armados. Agora, novamente.

Quentin repetiu a sequência, acertando a primeira, a terceira e a quinta garrafas. Aquilo se repetiu exaustivamente, até que ele pudesse derrubar as cinco em sequência. Quando conseguiu, já era noite, e estava exausto, além de faminto.

— Isso! — gritou o jovem, como se gritasse “liberdade” antes de ser executado. — Podemos comer, agora?

— Repita o que fez mais cinco vezes, e terminamos por hoje.

— Mas...

— Sem *mas*, Quentin. É isso ou sair daqui sem saber atirar.

Em silêncio, remuniçou e esperou o tio repor as garrafas quebradas. Demorou mais uma hora para repetir o feito cinco vezes. Sentia os dedos já dormentes, o corpo dolorido, o estômago gritando. Quando entraram no casebre, lembrou-se de que o tio esteve com ele o tempo todo, o que significava que ninguém fizera o jantar.

— O que vamos comer? — perguntou, com inocência.

— A cozinha é logo ali. Tudo que precisa está na geladeira. Vou tirar um cochilo de meia hora. Me acorde quando o jantar estiver pronto.

Quentin não acreditava no que ouviu, mas preferiu não discutir. Seguiu para a cozinha. O dia fora longo e, infortúnio, ainda não havia terminado.

*

Sem muita experiência na cozinha e com poucos insumos com os quais trabalhar, Quentin preparou um jantar da melhor forma que pôde. Sentou-se com o tio e comeram em silêncio. Após terminarem a refeição, Ben se levantou e disse, com seu humor característico:

— Estava uma porcaria, se quer saber. Devia aprender a cozinhar, também. Um homem que não cozinha não merece comer. Agora, trate de descansar. Amanhã vai aprender a atirar com apenas uma das mãos.

*

No dia seguinte, a água foi a primeira coisa que Quentin sentiu; novamente fora acordado por um copo de água gelada. Dessa vez,

seu tempo de reação foi menor, e logo estava de pé. Foi direto para a mesa e fez o desjejum com voracidade. Sentia que não dormira o suficiente, por isso tomou três xícaras cheias de café.

— Isso vai prender seu intestino, garoto. E um homem deve estar bem com seu intestino. Três dias sem cagar podem custar a precisão de um tiro.

Apesar do comentário do tio, Quentin não se importou, pois sabia que sem a cafeína no seu organismo não conseguiria manter-se de pé o dia todo. Terminou de comer e foi direto para fora do casebre. As garrafas já estavam posicionadas nos troncos. *Esse velho não dorme?*, pensou.

— Segura — disse Ben, jogando o .44 para o sobrinho. — Coloque a mão esquerda nas costas, e vamos começar.

O dia seguiu arrastado, e o treinamento foi ainda mais desgastante que no primeiro dia. Contudo, após algumas horas, Quentin já atirava com segurança utilizando apenas a mão direita, o que lhe deu confiança. Mas, quando achou que as coisas estavam mais fáceis, Ben surpreendeu-o com uma nova ordem.

— Agora, coloque a mão direita para trás e segure o revólver com a esquerda — disse o professor, recuando a uma boa distância dos alvos.

— Mas eu sou destro!

— Eu sei, por isso estou me afastando mais — respondeu o tio, ganhando mais distância ainda. — Na hora do aperto, filho, tem que atirar com a mão que estiver disponível; uma troca de mãos pode custar o seu rabo. Agora, faça como eu expliquei e acerte essas malditas garrafas.

Isso vai levar a noite toda, pensou Quentin, fitando o céu e vendo que o sol começava a se esconder. Os primeiros disparos foram um tremendo desastre, mas, aos poucos, a mão esquerda ganhou firmeza, e, antes da meia-noite, conseguiu acertar o tronco. Os alvos ainda estavam imóveis.

— Minhas pernas estão me matando — reclamou o jovem. — Podemos continuar amanhã?

— Quando estiverem no seu cangote, atirando feito loucos, vai pedir uma pausa pra continuarem no dia seguinte? Não seja um frangote. Derrube logo essas garrafas, seu bostinha!

— Mas...

A fala foi interrompida por um tiro inesperado. Ben sacara a arma na cintura, com a mão esquerda, e atirara em cheio na primeira garrafa. Antes que Quentin pudesse esboçar qualquer reação, o revólver já estava de volta ao coldre.

— Agora, faltam apenas quatro. Vou preparar o jantar, já estou faminto, e, se depender de você, morremos todos de fome. Continue praticando, e não se esqueça das minhas instruções.

Ben entrou no casebre e deixou Quentin treinando. O jovem já perdera as contas de quanta munição fora gasta naquele dia, mas precisava continuar, sua sobrevivência dependia daquilo.

*

Quando, enfim, conseguiu eliminar os quatro alvos, um novo dia se anunciava, iluminando o céu. Abandonou a arma sobre um dos troncos e foi direto para o casebre. Ben cochilava em uma cadeira de balanço, o poncho cobrindo-lhe o corpo, chapéu sobre o rosto. O estômago de Quentin doía, mas a estafa era tamanha que

não teve forças para se alimentar, apenas deixou seu corpo escorrer no sofá e o desmaio foi instantâneo.

O aprendiz só despertou na manhã seguinte, agradecendo em silêncio pela folga que o tio lhe dera. Repetiu o ritual do jejum e, assim que saiu, encontrou os alvos preparados. Praticou algumas séries com apenas uma das mãos e, no meio do dia, Ben começou o treino para atirar com as duas mãos. No seguinte, mudaram de arma, e assim passaram-se dias e mais dias. Quentin aprendeu aquilo que os filmes não lhe ensinaram, como disparar com uma espingarda calibre 12, e que seu tranco não é capaz de deslocar um ombro, como alguns costumam dizer. Aprendeu sobre o manejo de metralhadoras, municiamento rápido das armas, e em que tipo de situação cada uma delas seria mais adequada.

Com o passar das semanas, apesar da rotina desgastante, Quentin se sentia menos cansado, como se a prática o levasse a aumentar sua resistência. Quando dormia, no tardar da noite, não se entregava ao sono como no início, pois já estava ansioso por retomar os treinamentos.

Certo dia Quentin acordou cedo e percebeu que o tio ainda dormia. Olhou para o relógio no pulso, e já passavam das nove da manhã. Como não queria acordar Ben, foi para a cozinha e preparou o jejum. No entanto, nem o cheiro de café novo o fez acordar. Decidiu começar o treinamento sozinho. Fez alguns disparos, e nada de seu tio acordar. As horas transcorreram e Quentin seguiu sua rotina de prática, alternando entre as várias armas que aprendera a usar, como se as utilizasse há anos.

Quando o sol se despedia e começava a escurecer, Ben saiu pela porta, vestido com seu poncho mais elegante, as botas engraxadas e

brilhosas, o chapéu fazendo sombra sobre o rosto.

— Achei que não ia acordar hoje — disse o sobrinho.

— Me ajude a descarregar o carro — foi o que teve em resposta.

— O quê? Por quê?

— Não questione, só me ajude.

Percebendo a severidade na fala do tio, Quentin fez como ordenado. Descarregaram todas as armas do porta-malas e levaram para dentro do casebre. Quando terminaram, o sol já se escondera por completo, e a noite era escura. Ben entrou no carro e ligou o motor.

— Aonde vai?

— Não demoro — respondeu, seco, acelerando e deixando apenas uma nuvem de poeira para trás.

*

Apesar do “não demoro”, Ben só retornou ao amanhecer. Quentin acordou com o barulho do carro se aproximando, levantou-se em um salto e foi receber seu tio. Ele desceu do carro lentamente, equilibrando um cigarro aceso na boca. Foi até o porta-malas, abriu-o e apontou para o conteúdo, deixando o sobrinho assustado.

— O que... O que é isso?

Quentin ficou sem palavras ao fitar o homem vendado, amordaçado e com pés e mãos atadas que repousava no porta-malas. Desacordado, o sangue seco na cabeça e nariz dava uma breve ideia de como perdera a consciência.

— É um homem, ora!

— Eu sei que é um homem. O que eu quero saber é o que um homem espancado, amarrado, vendado e amordaçado está fazendo no porta-malas do meu carro!

– Chegou a hora de treinar com um alvo móvel.



Caçada no Deserto

Seu coração está batendo tão rápido.

Bem, o meu também.

(Law Abiding Citizen)

Tomado pelo horror, Quentin fechou o porta-malas do carro e voltou-se para o tio, que carregava o mesmo semblante impassível de sempre.

— O que é isso? — quase gritou o jovem.

— Você é surdo, burro, ou as duas coisas? Eu já disse o que é, e você viu!

— Eu sei o que é, tá certo? Mas não podemos fazer isso! Não pode pegar um infeliz qualquer na rua, espancá-lo e trazê-lo para treinarmos tiro ao alvo!

— Por que não? Você é um defensor da lei, por acaso?

— Não, não é isso! Só que... só que... é errado! O que o pobre diabo fez para merecer isso? Eu não vou simplesmente atirar num cara que não fez nada de errado!

— Você nem sabe quem é o homem, moleque! Não diga asneiras.

— Exatamente, eu não sei quem é o desgraçado, e você quer que eu bote uma bala nele.

— Você precisa atirar nesse desgraçado se quiser aprender alguma coisa. E se te deixa mais tranquilo, ele não é um inocente, um pobre diabo, como disse.

— Como se chama?

— O nome dele é Forrest, e ninguém vai dar falta do filho da puta. Fique sabendo que esse merdinha aí no seu porta-malas fez coisas que você nem pode imaginar. Se soubesse tudo o que ele fez, não aguentaria esperar e aposto que meteria uma bala nos cornos do desgraçado agora mesmo. Agora, deixe de frescura e abra a porra do porta-malas.

Silêncio. Quentin ficou sem palavras, ainda processando o que o tio lhe dissera. A visão no porta-malas entorpecera ligeiramente seus sentidos, e ainda tinha dificuldades de entender o que ouvira. Depois de uns dois minutos andando de um lado para o outro, fitando o carro e pensando no que se escondia nele, finalmente voltou a falar:

— Isso é verdade?

— Porra, Quentin, devia lamber minhas botas por não botar uma bala no seu rabo! Agora, duvida da minha palavra?

Mais alguns segundos de constrangedor silêncio. Quentin respirou fundo, esfregou o rosto e bagunçou os cabelos.

— Ok, ok; tá certo! Vamos enfiar umas balas no desgraçado, então.

— É assim que se fala. Quase parece digno de ser meu sobrinho.

Ben abriu novamente o porta-malas, puxou o corpo desacordado de Forrest como quem carrega um saco de batatas e o atirou no chão.

— Traga um pouco d'água — ordenou ao sobrinho, visto que o pacote não dava sinal de acordar.

Quentin correu até a casa e logo voltou com um copo cheio de água. Ben olhou-o severamente, como quem reprova uma atitude; o sobrinho deu de ombros e passou o vasilhame para o tio, que jogou seu conteúdo de uma vez no rosto do refém. O homem despertou imediatamente, tossindo e gorgolejando o pouco de líquido que entrara na boca.

— E agora? — indagou Quentin.

— Esperamos ele correr; então, o seguimos e o caçamos.

— Mas ele não sai do lugar! — constatou o sobrinho, observando o homem, que os fitava com o medo estampado na face. Estava ofegante, visivelmente confuso.

— Eu não fiz nada, por favor...

Forrest teve a fala interrompida por um chute no estômago. Ben surpreendeu-se com a atitude do sobrinho, mas até sorriu daquilo.

— Comece a correr — disse Ben.

— Assim que eu começar a correr, vão me baleiar pelas costas. Conheço tipos como vocês, seus doentes, filhos da...

Três disparos. Nem Quentin, nem Forrest, nenhum deles foi capaz de perceber Ben sacando o revólver do coldre e atirando próximo ao refém. Só ouviram o estampido e vislumbraram a poeira subir. Imediatamente, a vítima levantou-se e pôs-se a correr em desespero, produzindo um rastro poeirento à sua retaguarda.

— Corre, Forrest, corre! — gritou tio Ben, permitindo-se uma gargalhada, um raro momento em sua vida.

Quentin observou o homem se afastar, até que seu tio gritou, já entrando no carro e assumindo a direção:

— Vamos logo, seu paspalho! Ou vamos perder o desgraçado — imediatamente, ele entrou no carro. — Trouxe as armas?

— Cacete!

Quentin saiu do veículo e correu para o casebre, onde apanhou as armas que conseguiu carregar, e voltou em disparada. Assim que o sobrinho embarcou novamente no automóvel, Ben deu a partida e acelerou com ferocidade, fazendo uma enorme nuvem de poeira envolvê-los. Como tudo em um raio de vários quilômetros era deserto, ainda podiam ver com clareza o vulto de Forrest a correr desesperado.

— Vou começar dirigindo, você vai seguir minhas instruções. Trate de não matar o homem. Vamos precisar do infeliz para treinarmos uns tiros com você no volante.

— Certo — respondeu o sobrinho, carregando as duas .44 e respirando fundo.

Naquele momento, Quentin estava provando uma nova sensação. Por mais que todos aqueles dias no treinamento com

armas tivessem sido empolgantes e lhe trazido mais segurança, experimentava, agora, uma emoção totalmente diferente. A simples expectativa de atirar em uma pessoa fazia seu coração disparar e, por mais estranho que lhe parecesse, não estava assustado; estava empolgado.

— Então, o que devo fazer? — perguntou, percebendo que se aproximavam do homem.

— Acerte um dos braços, ou o ombro, não queremos que ele perca a capacidade de correr.

Como um aprendiz obediente, Quentin guardou uma das armas e segurou a outra com as duas mãos, apontou para o braço e disparou. Por pouco não acertou Forrest, que levou as mãos à cabeça após o barulho do tiro. Mirou e tentou novamente, mas errou outra vez.

— Concentre-se, filho, respire fundo. Você precisa antecipar o próximo movimento, o infeliz não vai ficar parado esperando ser atingido.

Ele respirou fundo, fechou os olhos por um breve instante e voltou a apontar o revólver para Forrest. O homem suava em abundância, extremamente ofegante, e olhava para trás vez ou outra, com o horror estampado em suas retinas. Quentin sentiu-se bem, como se absorvesse o medo do outro. Mirou calmamente, analisou o movimento e tentou prever onde estaria o ombro no momento certo. Pressionou o gatilho.

Forrest caiu, sentindo o ombro arder. Levantou-se com dificuldade, embora tivesse urgência; levou a mão ao local atingido, sentindo o sangue escorrer. Olhou para os próprios dedos e os encontrou manchados de um vermelho vivo. Apesar de ferido, seu

ritmo de corrida aumentou, assim como as batidas frenéticas de seu coração pouco saudável. Forrest era fumante, bebia muito e não tinha uma alimentação das melhores; as veias afinadas pelo fumo tinham dificuldade de transportar o sangue engrossado pela comida gordurosa com a qual se alimentava diariamente. Agora, os maus tratos que despendera ao próprio corpo mostravam seus efeitos.

— De novo? — indagou Quentin, eufórico com a conquista.

— Não, espere, deixe-o correr um pouco mais — Ben reduziu a marcha, permitindo que o perseguido se afastasse.

— Está deixando o cara fugir?

— Só dando um pouco de corda. O homem precisa de um pouco de confiança para não desistir logo. Como se sente? — perguntou o tio.

— Como?!

— Como se sente em colocar uma bala no corpo de um homem? Eu me lembro da minha primeira vez como se fosse ontem; foi um grande momento.

— Eu... bem... — os sentimentos o confundiam, mas ele sabia que a sensação fora boa. — Acho que me sinto muito bem.

— Não seja tímido! Sei que gostou, e tenho certeza que está louco para fazer outra vez — Ben sorriu, pinçando o cigarro queimado entre os dedos e atirando-o para fora. — Vamos nos aproximar, prepare-se para acertar o outro braço.

Empolgado, Quentin abriu o tambor e completou a munição. Eles se aproximaram. Forrest, percebendo que estavam mais perto, tentou impor maior velocidade à sua marcha, mas seu corpo estava no limite, nem mesmo a adrenalina nas alturas era capaz de fazê-lo ir mais depressa.

— Pronto?

— Sim.

— Atire!

Dessa vez, Quentin foi certo logo no primeiro disparo, fazendo Forrest cair e rolar sobre a areia quente. O carro seguiu direto, afastando-se. Mais à frente, Ben manobrou e deu a volta, parando o carro a cerca de duzentos metros do homem caído.

— Agora, pegue o volante.

Quentin levantou-se, deu a volta no veículo e se postou no lugar do motorista. Antes de ligar o carro novamente, ajustou o banco e os retrovisores, ficando o mais confortável possível. Através do para-brisa e da poeira espessa, divisou Forrest se levantando lentamente, virando-se de costas e voltando a correr.

— Não tenha pressa — disse Ben, já sentado ao lado do sobrinho. — Sinta o momento, deixe acontecer.

— Posso atirar nas pernas, agora?

— Só na esquerda. Não vá acabar com a diversão antes da hora.

Virou a chave, engatou a primeira marcha e acelerou. Ao longe, via o homem ferido correr descoordenado, cambaleante. Já perdera muito sangue, sem levar em conta o que sofrera anteriormente nas mãos de Ben, e que Quentin podia imaginar muito bem. Poucos segundos se passaram até que estivessem lado a lado com Forrest.

— Mantenha a mão direita no volante e atire com a esquerda.

— Mas eu atiro melhor com a direita!

— Claro que atira; por isso deve praticar com a esquerda. Além disso, não é inteligente cruzar as mãos enquanto usa uma arma. Isso é coisa de filmes. Quando estiver em um carro com mão inglesa,

fique à vontade para disparar com a direita. Agora, acerte o joelho do infeliz.

Sem questionar, Quentin pegou a arma sobre o painel e apontou. Alternava sua atenção entre a direção do veículo e o homem que corria ao seu lado. Mentalmente, contou até três; disparou. Viu Forrest pular de susto, mas o projétil se perdera sem encontrar seu alvo. Tentou duas, três, quatro vezes, mas não conseguia atingi-lo.

— Antecipe os movimentos, rapaz! Do carro e do alvo. Agora, acerte o desgraçado!

Mais dois disparos. Forrest caiu. Quentin girou o volante, sem se separar da .44, ficando de frente para o corpo estendido de seu alvo.

— Desligue. Vamos ver como ele está.

Desceram do automóvel e caminharam sem pressa em direção a Forrest, enquanto a poeira produzida pela manobra baixava. O homem se contorcia sobre a areia, gritando impropérios e palavras divinas.

— Jesus! Puta que pariu! Meu Deus! Os filhos da puta me mataram! Não acredito que me mataram!

— Acha que ele ainda pode correr? — perguntou Quentin ao tio.

— Vamos ver. Aguenta correr? — Ben indagou ao sujeito no chão.

— Vá se foder, desgraçado! — foi a resposta, nada educada, de Forrest.

Ben fitou o ferimento mais recente. O tiro esmigalhara o joelho direito; era uma visão nada agradável.

— Olha o que fez, seu idiota! — disse, pausadamente, voltando-se para o sobrinho.

— Eu o acertei!

— Eu disse o esquerdo! Você tem algum tipo de dislexia ou o quê? Esquerdo! Agora esse filho da puta não serve para mais nada!

— Podemos deixá-lo descansar e...

— Não, não, nada disso. Não vou levar esse monte de estrume pra minha casa, nem deixá-lo comer da minha comida. Vamos dar um fim no desgraçado, e depois ele ainda vai servir para uma última lição.

— Mas...

— Faça logo. Acerte a cabeça e coloque no porta-malas, não quero esse infeliz gemendo no caminho de volta.

— Como?

— Pegue sua arma e atire na cabeça. Você já acabou com o desgraçado, não vai ser difícil finalizar o serviço.

— Mas...

— Qual é o problema? Tá com pena dele?

— Por favor — interrompeu Forrest —, deixe-me ir. Juro que não conto pra ninguém o que fizeram comigo, eu só...

— Cale a boca — disseram Quentin e o tio, em uníssono.

— Então — Ben voltou-se para o sobrinho —, vamos logo com isso?

— Não, por f...

Ben sacou o revólver e atirou no joelho esquerdo. Forrest gemeu como um animal no abate.

— Cala a porra da boca!

Quentin segurou a arma e apontou para Forrest. O homem chorava, babava e sangrava por todo o corpo; tremia como uma criança com frio. Agora, o medo no olhar do outro não parecia tão empolgante. Tinha sido divertido caçar o infeliz pelo deserto, como em uma brincadeira de criança, mas tirar a vida de um homem era diferente. Ben observava em silêncio. A mão do sobrinho tremia, mas ele sabia o que deveria ser feito. Sabia que quando seus perseguidores o encontrassem, não teriam misericórdia, tampouco o deixariam realizar um último desejo.

Novamente, contou até três, mentalmente, e atirou. Desviou o olhar; apesar de já ter-se deliciado com as mais aterradoras visões em todos os filmes que assistira, não tinha vontade de encarar a face desfeita por chumbo e pólvora do pobre Forrest.

— Agora, coloque o corpo no porta-malas. A última lição de hoje. Vai aprender a desovar um cadáver.

*

— Se livrar de um cadáver inteiro é sempre um problema — dizia Ben, enquanto apontava os locais onde Quentin deveria golpear com o machado. — O melhor é cortar o corpo em pelo menos seis pedaços e empilhar tudo. Mas você tem que dar um fim nesses pedaços. Não adianta ensacar e guardar no freezer da sua casa para sua mãe achar. Você tem que fazer a coisa realmente desaparecer.

Quentin já havia partido os braços e agora cortava as pernas. Suava bastante e respirava ofegante. O choque de explodir os miolos de um homem passara, mas ainda sentia-se enjoado diante do corpo, principalmente tendo que parti-lo em diversos pedaços.

— O ideal é dar os pedaços aos porcos. Deixe os bichinhos uma semana sem comer e eles devoram um homem morto como se fosse um banquete real. Mas dá trabalho, você tem que arrancar os dentes, as unhas, e raspar os cabelos, ou a digestão não vai ser muito satisfatória. Principalmente os dentes, que podem provar quem é o desgraçado morto. Claro, você pode fazer isso depois, mas quem vai querer mexer na merda de porco pra catar os dentes?

— Não parece uma boa ideia — comentou Quentin, apoiado sobre o cabo do machado e sentado em um tronco seco; havia terminado a primeira parte do serviço.

— Não mesmo. Além disso, precisaríamos de uns dezesseis porcos para darem conta de um corpo de uma vez só. E não temos nem mesmo um porco. Então, faremos o seguinte: pegue um galão de gasolina na casa e bote fogo nessa porcaria toda. Quando estiver totalmente carbonizado, vamos pegar os ossos e fazer uma farinha.

— Farinha? — estranhou o sobrinho.

— É, mas não se preocupe, não vamos comer o desgraçado. Agora — levantou-se, cuspiendo o cigarro que equilibrava entre os lábios e caminhando em direção à cabana —, vou tirar um cochilo; estou acabado. Me chame quando o velho Forrest tiver virado carvão e já estiver frio.

— Mas... Vou fazer tudo sozinho?

— Eu não tenho nada a aprender, Quentin. Você, sim.

*

O corpo havia torrado por completo. Quentin caminhava em direção ao casebre para chamar seu tio, mas Ben já se levantara e voltava para onde estava o cadáver.

— Vamos fazer farinha; depois, jogamos no esgoto.

— Como vamos fazer farinha?

— É só moer os ossos. Não seja burro!

Juntaram os ossos queimados em um grande saco, enterraram as cinzas que se desprenderam e colocaram no porta-malas do carro.

— Para onde vamos?

— Para o moedor.

Ben assumiu o volante. Meia hora mais tarde, estacionavam em frente a um galpão velho. Desceram, pegaram o saco de ossos e entraram. Lá dentro, grossas camadas de poeira cobriam máquinas velhas.

— Que lugar é esse? — indagou Quentin, cochichando.

— É um velho frigorífico. O dono morreu, não deixou herdeiros. Era um velho amigo meu. E não precisa sussurrar, não tem ninguém pra nos ouvir.

Seguiram por todo o galpão até chegarem a um objeto coberto por um tecido escuro e espesso. Ben retirou a proteção e revelou uma máquina; diferente das outras, não estava empoeirada, e apenas alguns pontos ostentavam ferrugem. Observado por Quentin, o tio ligou um interruptor e a máquina emitiu um ruído infernal.

— O que é isso? E como tem energia elétrica aqui?

— Fiz uma ligação ilegal.

— Um gato?

— Até que você não é burro, moleque. Essa é uma máquina trituradora de resíduos orgânicos. Tecnicamente, serve para triturar os restos dos animais abatidos, os que não servem para vender, que depois viram adubo. Claro que boa parte desses restos virava salame e salsicha.

Quentin fez um esgar de nojo, lembrando-se da última vez que comera um cachorro quente na lanchonete perto da locadora. Ben tirou um saco do bolso e colocou no bocal de saída da máquina.

— Pronto, pode jogar os ossos aí.

Obedecendo ao tio, ele pegou-os, com ligeiro nojo, e, um a um, colocou-os na abertura superior da máquina. Com o barulho ensurdecedor, não podiam conversar. Ben apenas gesticulava quando era o momento de colocar o osso seguinte. Quando, enfim, terminaram, desligou a máquina e fechou o saco de resíduos.

— Pronto, vamos embora.

*

Chegando em casa, atiraram os resíduos na rede de esgoto, abriram todas as torneiras por um tempo, para que Forrest fosse embora, e deram por encerrado aquele dia.

No dia seguinte, Quentin acordou com um chute que o tio dera no sofá.

— O que foi? — respondeu, não totalmente desperto.

— Seu treinamento acabou.

— Mas... Está me mandando embora?

— Mais cedo ou mais tarde, esses sujeitos irão te encontrar. Por isso, chegou a hora de sair da toca.



A Melhor Defesa é o Ataque

Você já matou alguém?

Sim, mas eles eram todos maus.

(True Lies)

- Isso é loucura! — Quentin quase gritava.
- Sei o que estou fazendo. Não vai querer ficar aqui esperando que te peguem com as calças na mão — Ben permanecia tranquilo.
- Mas... Não estou pronto!
- Nunca estamos prontos, mas você já aprendeu o suficiente. Agora, precisa enfrentar os desgraçados enquanto a coisa está fresca em sua cabeça, enquanto ainda está alerta. Confie em mim, seu idiota.

— E como vamos fazer isso? — ele queria discutir mais, mas sabia que o tio não estava disposto a ceder. E talvez o velho estivesse mesmo com a razão.

O tio caminhou até um móvel velho, abriu uma gaveta e retirou uma sacola coberta de poeira.

— Tome isto.

— O que é? — indagou o sobrinho.

— Abra e saberá, imbecil.

Afoito, Quentin desfez o nó da sacola e retirou o objeto de dentro dela. Observou com brilho nos olhos o presente do tio. De couro cru, era um coldre axilar para dois revólveres. Imediatamente, sem dizer nada, vestiu o acessório, apanhou os .44 que repousavam ao lado do sofá e guardou-os nas cavidades.

— Ficou perfeito! Nem sei o que dizer.

Quentin fez menção de abraçar o tio, mas Ben o impediu, emendando uma resposta mais rápida que seu gatilho.

— Vista um paletó. Você não é um policial, não pode deixar que vejam o que carrega aí. E não vá sujar de sangue, idiota; se o fizer, que seja o sangue de outro. Agora, pegue um pouco de munição e vamos para o carro.

Ben saiu na frente. Para surpresa do sobrinho, se acomodou no banco do carona, deixando a direção para Quentin. Menos de um minuto depois, estavam na estrada, levantando poeira por debaixo das rodas do Dodge.

A viagem durou quase uma hora. Chegaram ao local, encontrando à porta um grande número de motocicletas, quase todas, Harleys bem cuidadas, limpas e brilhando.

— Tem certeza que isso vai dar certo? — perguntou Quentin, estacionando o carro.

Desceram do veículo e fitaram a frente do bar. Uma placa velha, metal enferrujado e tinta desbotada, estampava as palavras “BAD MOTHERFUCKERS’ CLUB”.

— Não encoste nas motos, não queremos começar a confusão antes da hora. Faça o que eu disse e tudo sairá como o esperado.

— Tá certo. Vamos lá.

Quentin entrou primeiro, conforme o combinado. Sentou-se ao balcão e bateu duas vezes contra a madeira, para chamar a atenção do *barman*. Olhando ao redor, percebeu uma turba de motoqueiros, a maioria ostentando barbas longas, tatuagens nos braços, brincos e *piercings*. Todos o olhavam de forma nada amigável, analisando-o. O *barman*, que estava de costas, enxugando alguns copos, virou-se para o estranho recém-chegado.

— O que quer, amigo?

— Uma cerveja, por favor.

— Só tem cerveja quente.

— É assim que eu tomo.

Enquanto o *barman* servia uma caneca grande de cerveja, Ben entrou, foi até o balcão e disse:

— Uma garrafa de vodca, por favor — e sentou-se em uma das poucas mesas vazias, no fundo do bar.

Assim como quando o sobrinho entrou, o tio também atraiu todos os olhares. Contudo, sua figura tinha algo de imponente, uma aura que intimidava; então, logo voltaram a fitar Quentin, que começou a provar a cerveja que acabara de lhe ser entregue.

— Está longe de casa, garoto.

— Hmmm, acho que esta é a melhor cerveja que eu já tomei, sabia? — disse ele, ignorando o alerta hostil do balconista.

— Tome logo essa cerveja e leve esse seu rabo engomadinho embora daqui, garoto. Um conselho de amigo.

— Eu só quero tomar uma boa cerveja. E esta cerveja está deliciosa!

O barman deixou-o e apanhou uma garrafa de vodca sem rótulo e um copo não muito limpo. Levou até Ben, deixou em cima da mesa e voltou para o balcão, logo se dirigindo a Quentin.

— Olhe...

— Sabe de uma coisa, acabei de me lembrar de uma piada.

O barman olhou-o com reprovação, a impaciência prenunciada no franzir da testa.

— É o seguinte — continuou ele, indiferente ao desgosto do atendente —, um sujeito desconfia que sua mulher esteja lhe botando um par de chifres. Ela estava sempre chegando tarde, não queria mais andar na sua Harley, nem o ajudava a limpar a moto.

Com a menção da motocicleta, um dos homens ali presentes começou a se levantar, levando a mão à cintura, mas outro, que parecia ser o líder ali, gesticulou para que ele parasse.

— Além disso — Quentin prosseguiu sem parar para tomar fôlego —, dizia que ia para casa de táxi, mas ele nunca via o carro. Para descobrir o que estava acontecendo, decidiu investigar. Tinha dinheiro para contratar um bom detetive, e até pensou em fazer isso, mas seu orgulho de macho não deixou. Sabe como é. O que os amigos do motoclube iriam dizer? Resolveria a coisa sozinho, e, se ela realmente o estivesse corneando, acabaria com a vadia.

“Então, no dia seguinte, ele pegou sua Harley Davidson e seguiu a esposa até o trabalho. Ficou o dia todo de campana. Como estava à toa, aproveitou para lustrar a pintura da moto. Quando a esposa saiu do trabalho, ele viu um sujeito chegar numa Harley mais bonita e mais equipada que a sua. Era um cara enorme, barbudo, cheio de tatuagens que subiam pelo pescoço. A mulher levantou a saia, montou na garupa e o sujeito acelerou.”

“O chifrudo montou na sua Harley — cada vez que ele repetia a palavra, os olhares se intensificavam sobre si —, acelerou e seguiu o casal. Por todo o caminho, ficou analisando a moto do outro; como era bonita, como o ronco do motor era melodioso e como voava. Quando chegaram, parou a uma certa distância e observou. O sujeito deixou a moto do lado de fora e os dois entraram. Escondido por detrás de alguns arbustos, esperou.”

“Uma hora mais tarde, não se aguentando mais, saiu do esconderijo e foi até a casa do desgraçado que estava comendo sua mulher. Mas, antes de chegar, parou para ver a Harley do outro de perto. Arriscou tocá-la, e sentiu um arrepio. Olhou os canos de descarga, e um deles era bem apertadinho, do jeito que ele gostava. Quando percebeu, sua esposa e o amante saíam da casa, eliminando seu fator surpresa. Assim que o motoqueiro brutamente se aproximou, o marido engrossou a voz, ergueu a cabeça e preparou-se para falar. Porém a mulher, assustada, não lhe deu tempo. ‘Eu posso explicar tudo, meu amor!’, ela disse. ‘Cale a boca, mulher!’, ele respondeu, ‘Meu assunto não é com você, é com esse filho da puta que eu quero falar’.”

“O amante ficou nervoso, cerrou os punhos e estava pronto para a briga. Então, o marido disse: ‘Sua moto é maravilhosa, cara!’

Quanto quer por ela?'. ”

Quentin, ao concluir a piada, gargalhou como um idiota. Todos estavam em silêncio, e até os copos que levavam as bebidas às gargantas ávidas dos motoqueiros se imobilizaram.

— Tragam o engraçadinho pra tomar uma bebida comigo — disse um deles, o que parecia ser o líder.

Era um homem grande, o colete de couro sem manga deixava os braços musculosos e tatuados à mostra. A barba, apesar de grande, era uma das poucas ali bem aparadas. Antes de ser levado por dois homens até a mesa do líder, Quentin retirou uma das armas do coldre e a colocou no cós da calça. Ben apenas observava e bebia sua vodca, enquanto o sobrinho era levado para a mesa.

— Você se acha engraçado, não é mesmo, garoto? — disse o homem. — Acontece que aqui não gostamos de engraçadinhos.

— Desculpe, qual o seu nome? — indagou Quentin, fingindo tranquilidade, mas morrendo de medo.

— Meu nome é Ruffus, e esse é o meu pedaço. Não gostamos de forasteiros por aqui, principalmente os engraçadinhos como você. Agora, estou em um dilema. Acontece que não gosto de derramar sangue no nosso bar; por outro lado, não sou de engolir desaforo. Sendo assim, me restam duas opções, chutar o seu rabo aqui mesmo, e acabar sujando o bar, ou levar você lá pra fora e te ensinar que não se deve brincar com gente como nós.

— Não estou entendendo, senhor Ruffus. Eu os ofendi de alguma forma? Pois, se ofendi, peço desculpas.

— Ouviram isso, rapazes? — Ruffus gargalhou, fazendo com que todos os outros o imitassem. — O franguinho pede desculpas.

Não se faça de idiota, garoto! Ou você é muito burro, ou quer morrer.

— Eu só queria tomar uma boa cerveja, que, a propósito, é a melhor que eu já tomei. Por acaso, me lembrei de uma piada, e acabei contando para o amigo ali.

— Ele não é seu amigo. Você não tem amigos aqui, frangote!

— Não queria causar constrangimento, vou pagar a cerveja e ir embora.

Quentin fez menção de pegar na carteira para pagar pela bebida, mas interrompeu o movimento ao soar de um clique metálico.

— Isso é o que eu estou pensando que é? — perguntou, ainda fingindo calma.

— Eu tenho um 38 apontado para suas bolas desde que perguntou meu nome, seu filho da puta!

— É mesmo? — ele sorriu, tão cínico quanto pode. — Pois eu tenho um .44 apontado para as suas desde que sentei aqui.

Silêncio. Um clima de tensão pairou sobre o local. Viam-se os olhos atentos, o suor brotando das faces. O som dos corações palpitando era quase palpável.

— Se atirar, eu também atiro. Ficamos ambos sem as bolas e meus amigos vão acabar com você.

— Eu tenho uma ideia melhor.

Na última sílaba, Ben sacou o revólver e atirou na garrafa sobre a mesa de Ruffus. Assustado com o disparo inesperado, o líder saiu do estado de alerta, no que Quentin pressionou o gatilho, transformando seus testículos em massa de tomate. Deu-se a confusão. Ruffus gemia como um suíno sendo abatido com uma faca

de cortar pão. Mas não durou muito; logo Quentin sacou o outro revólver e acertou-lhe um tiro na boca, deslocando o maxilar e atravessando o crânio. Um jato de sangue espirrou na mesa de trás, deixando os comparsas do recém-cadáver com as faces ensopadas de vermelho vivo.

Os homens sujos de sangue já estavam de pé, e puxaram facas e canivetes para atacar Quentin. Antes que fosse pego, atirou repetidas vezes, com as duas mãos. As balas das .44 faziam um belo estrago. Dois caíram de imediato, atingidos no peito; outros dois tiveram, respectivamente, braço e ombro atingidos, e precisaram de um segundo disparo para cessarem. Do outro lado do bar, Ben recarregava sua arma pela terceira vez, não desperdiçando projéteis; um tiro para cada motoqueiro.

Quentin se afastou da mesa, atirando e caminhando de costas em direção à entrada do estabelecimento. Agradecia por apenas Ruffus estar armado. Mas suas preces eram precipitadas, pois, enquanto mirava crânios e esternos, vislumbrou o barman abaixando-se atrás do balcão para pegar algo.

— O barman! — gritou Ben, que estava ocupado demais abatendo motoqueiros para cuidar da ameaça iminente.

O sobrinho, ciente do que deveria fazer, livrou-se dos corpos que se acumulavam aos seus pés e aguardou que o balconista reaparecesse. Quando o homem retornou, carregava uma espingarda calibre 12, seu rosto era de revolta e estava prestes a transformar o forasteiro engraçadinho em fragmentos. Mas o barman não teve tempo de pressionar o gatilho; duas balas, uma de cada .44, atingiram-no. A primeira acertou o braço direito, fazendo-o perder a

capacidade de atirar; a segunda foi certa no ombro esquerdo, o que deu tempo a Quentin de correr até ele e lhe tomar a espingarda.

Quando se voltou para o bar, um dos motoqueiros estava no chão, apanhando o revólver de Ruffus. Quentin atirou, mas não antes de o outro disparar também. Por sorte, o projétil passou de raspão, tirando sangue de seu braço. Contudo, seu tiro fora mais certo, atingindo o peito do atirador. Não houve tempo para verificar o ferimento, que começava a arder a pele, pois dois se aproximavam com facas. Quentin jogou-se no chão, na tentativa de escapar dos golpes, já disparando contra um deles. Com o primeiro caído, precisava abater o outro, mas, quando pressionou o gatilho, o som seco denunciou que a munição da 12 chegara ao fim. Sacou as magnuns, mas também estavam descarregadas.

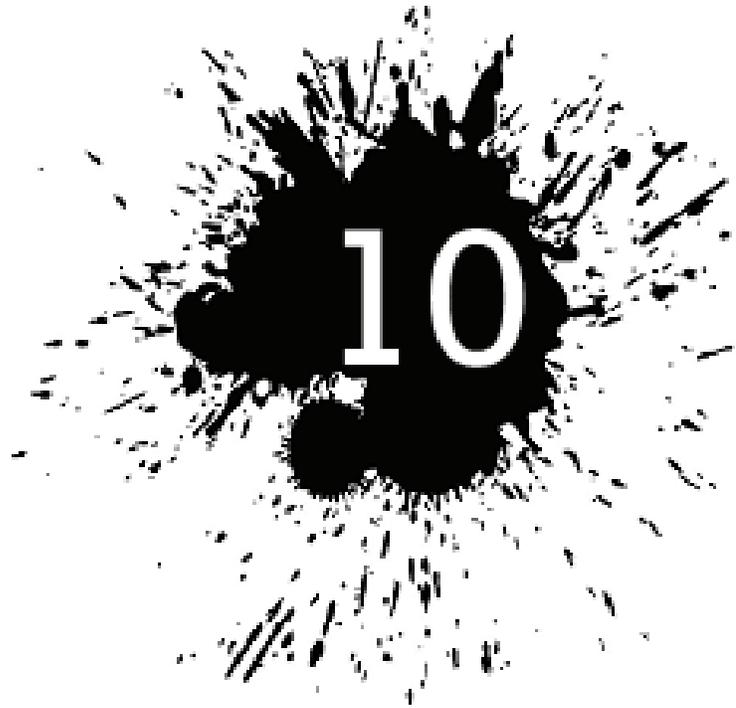
Sem munição e sem tempo de recarregar, apanhou um pedaço de madeira, resto das mesas quebradas por todo o recinto, e tentou se defender. O primeiro golpe de faca partiu a madeira ao meio, e o segundo quase atingiu seu objetivo. No entanto, um estampido antecedeu a queda do homem, que morreu abraçado à lâmina. Por detrás do novo morto, Ben devolvia o revólver ao coldre.

Quentin levantou-se ofegante, olhando as pilhas de corpos que cobriam o chão do bar. Atrás do balcão, o barman tremia, coberto de sangue; parte dele, parte dos companheiros mortos. Caminharam em direção à saída, quando o último sobrevivente no *Bad Motherfuckers Bar* os interpelou.

— Que tipo de demônios são vocês? — perguntou, o sangue no rosto misturando-se a uma torrente de lágrimas.

— Se alguém perguntar — disse Quentin —, diga que Quentin passou por aqui.

Antes de saírem, Ben se abaixou e tirou a carteira do bolso de um dos motoqueiros, jogando o objeto para o sobrinho, que o pegou no ar. Assim, deixaram os destroços do que antes era um bar de motoqueiros, entraram no Dodge e ganharam a estrada, acelerados.



Esperando pelo Inimigo

*"Você se dá melhor com
uma palavra delicada e uma arma do que só com
a palavra delicada."
(The Untouchables)*

Ben se adiantou e postou-se ante o volante. Quentin, que estava exausto e levemente ferido, não reclamou. Enquanto isso, o jovem verificava o conteúdo da carteira roubada. Não tinha muito dinheiro; um preservativo com a data de validade expirada e uma coleção de fotos. Ele riu ao perceber que eram todas de uma mesma motocicleta.

— Olha só, o filho da puta era praticamente casado com a moto, várias fotos da garotinha dele, em várias poses.

O tio olhou pelo canto do olho para o sobrinho e esticou o lábio na lateral, o mais próximo que Quentin teria de um sorriso vindo dele. Seguiram em silêncio por algum tempo, até que o sobrinho percebeu que não faziam o caminho de volta para o casebre de Ben.

— Pera aí. Pra onde estamos indo?

— A partir de agora, não existe mais “nós”, filho.

— Como assim?

— Não se preocupe. Estamos chegando, e você vai ter tempo de tomar um banho e descansar um pouco; está fedendo a sangue de motoqueiro.

— Mas...

— Pronto; chegamos.

Ben desligou o carro e desceu, entregando a chave para o sobrinho. Quentin saiu do veículo e observou o lugar: um motel vulgar, do tipo mais barato que se pode encontrar na beira de uma estrada.

— O que é isso? — indagou, ainda confuso.

— Agora, eu vou para casa.

— E o que diabos eu faço?!

— Você vai se hospedar nessa espelunca e esperar que venham pra te matar.

— O quê? Ficou maluco? Esse era seu plano genial?

— Não seja burro, Quentin. Parece que não aprende nada! Eles vão mandar alguém pra te pegar. Mas a informação daquele barman vai ser totalmente desconexa; além disso, não esperam que você seja capaz de uma chacina como aquela do bar. Então, devem mandar apenas uma pessoa para verificar.

— E daí? Essa pessoa vem pra me matar!

— Sim.

— E eu não quero morrer!

— Não vai morrer, seu estúpido. Você vai fingir que não os espera, mas vai estar alerta. Quando o matador chegar, você vai pegá-lo. Então, terá de quem arrancar as informações que precisa. Descubra quem são os filhos da puta e bole um plano.

— Você tem que ficar para me ajudar.

— Eu já fiz demais por você, Quentin. Além disso, estou velho demais pra essa porra toda. Tome cuidado e tenha um bom dia. Quando terminar por aqui, pegue suas armas no velho frigorífico, vou deixá-las junto do triturador.

— Mas... tio...

— Passar bem. E não vá morrer.

*

Após assistir seu tio Ben se afastar, caminhando em direção ao sol, Quentin sentiu um enorme vazio; não sabia se era o medo de enfrentar sozinho o que estava por vir ou por ter acabado se afeiçoando ao tio com quem por tantos anos estivera de relações cortadas.

Como não tinha ideia melhor, resolveu seguir as instruções recebidas. Registrou-se na recepção do motel, pedindo pelo quarto mais barato. A recepcionista olhou-o com espanto. Estava todo imundo de sangue e areia, fora os pequenos ferimentos, a roupa amarrotada e a exaustão estampada na face. No entanto, a moça, uma jovem morena, um pouco acima do peso, de feições agradáveis e roupas simples, nada disse, apenas recebeu a diária adiantada e entregou-lhe as chaves do quarto.

Quentin entrou se arrastando, ligou a TV e começou a se despir das mortalhas sujas que faziam as vezes da roupa. Fitou a cama e precisou fazer um esforço homérico para não se entregar à tentação e desmaiar ali mesmo, sem banho, sem nada. Respirou fundo e foi para o banheiro. O aparelho televisor exibia um filme que não se deu ao trabalho de verificar, mas que ressoava explosões e disparos de metralhadoras sem fim.

Antes de abrir o registro do chuveiro, percebeu que não havia toalhas ali. Pegou o telefone e pediu por toalhas novas. Enquanto esperava, sentou-se próximo ao televisor, que não possuía controle remoto, e experimentou os canais. Naquele horário, nada de interessante era exibido; até mesmo o canal pornô era enfadonho, exibindo um comercial de lubrificantes anais, provavelmente no intervalo entre dois filmes.

Quando, enfim, terminou a propaganda, e os créditos iniciais do próximo filme começavam a animá-lo, duas batidas na porta quebraram sua concentração. Desligou a TV de supetão, caminhou até a porta e perguntou:

— Quem é?

— É a Kelly... Da recepção. Vim trazer suas toalhas!

Percebendo que estava nu, Quentin entreabriu a porta, apenas o suficiente para que a jovem lhe entregasse as toalhas. Apanhou-as e fechou o quarto em seguida, gritando um “obrigado” que a Kelly quase não pôde ouvir. Foi direto para o banheiro, abriu o registro e agradeceu por a água estar quente. Encostou a cabeça no azulejo azul claro e deixou que o líquido corrente fizesse seu trabalho. Quando abria parcialmente os olhos, via o fluido lamacento, produto

da mistura de sangue, poeira e areia que era carregada pela água morna.

O banho foi demorado; perdeu a noção do tempo que ficou sob a água. Quando, finalmente, desligou o chuveiro, sua aparência era bem melhor. Contudo, a fadiga em nada amenizara. Saiu do banheiro e viu as roupas das quais se despira mais cedo. Só então se lembrou de que não carregava outras peças consigo. Durante o treinamento, usou camisas e calças do tio, e, como não sabia que estaria ali, naquele momento, não se preocupou em fazer uma mala. Amaldiçoando a própria sorte, apanhou as mortalhas e voltou para o banheiro. Lavou as peças como conseguiu, na pia e com o sabonete com o qual se lavara, e foi direto para a cama.

Antes de se entregar ao chamado do colchão macio, verificou as duas .44 e a munição. Não tinha muitos projéteis ali, mas, se Ben estivesse certo, seria mais que o suficiente. Municiou os revólveres, colocou um debaixo do travesseiro e o outro no criado mudo ao lado da cama. Pegou uma cadeira e apoiou a porta sob a maçaneta. Precisava, urgentemente, dormir um pouco, e não desejava ser surpreendido com uma faca na garganta ou uma pistola fria colada à testa.

Feitos os preparativos, livrou-se da toalha que lhe cobria abaixo da cintura e acomodou-se entre o colchão e o lençol. *É um descanso mais que merecido*, pensou ele, levando menos de um minuto para se entregar a um sono pesado.

*

A fadiga era tamanha que Quentin mergulhou em um sono sem sonhos, um total vazio. Seu ronco era audível do lado de fora do quarto, e se assemelhava a um grupo de suínos em lazer noturno.

Quando duas batidas fortes fustigaram a porta, o repouso foi interrompido como um televisor que apaga sua tela após puxarem a tomada.

Levantou-se com dificuldade, ouvindo as próprias articulações estalarem. Notando-se nu, enrolou a toalha em torno da cintura e correu até o banheiro; suas roupas penduradas no box ainda estavam molhadas. Apanhou as armas e verificou a munição; recuou o cão de ambas.

— Quem... é? — perguntou, fingindo bocejar entre as palavras.

— Serviço de quarto, senhor.

Aquela voz feminina não era de Kelly, disso tinha certeza. A garota que lhe entregara as toalhas também não se anunciou com tamanha formalidade, coisa comum em um estabelecimento como aquele. Além disso, a entonação guardava uma malícia que não seria usual em uma simples funcionária de um motel barato.

— Eu não pedi nada — respondeu, encostado na parede ao lado da entrada.

— Hoje é quarta, senhor, dia da promoção. Os hóspedes que dão entrada na quarta recebem o jantar no quarto, como cortesia.

Que papo furado!, pensou Quentin, tendo certeza de que aquela mulher estava ali para apanhá-lo. Deitou no chão para observar pelo exagerado vão abaixo da porta. Fitou um par de coturnos de couro bem engraxado; um dos pés fazia micro movimentos, demonstrando ansiedade. Ele não tinha muito tempo. Evitando fazer barulho, retirou a cadeira que cerrava a porta e escondeu-se debaixo da cama, as duas armas em punho.

— Só um minuto, eu estou nu.

Assim que disse isso, Quentin iniciou a contagem. Um... Dois... Três... Quando chegou ao quatro, testemunhou a porta de madeira fraca ceder, abrindo totalmente a passagem. De onde estava, pôde ver apenas até o meio da coxa da invasora, que entrou a passos lentos, procurando por ele. Antes de ser encontrado, mirou com as duas armas, levou os indicadores aos gatilhos e disparou. Os tiros precederam a queda. Com as duas pernas baleadas, a mulher prostrou-se involuntariamente, dando a Quentin a possibilidade de notar que carregava apenas uma arma. Atirou mais uma vez, certo no punho da outra; a pistola semiautomática caiu de sua mão, e ele se revelou.

— Não se mova.

Ela fazia menção de pegar outra pistola, presa à cintura, mas, agora, estava rendida. Qualquer movimento faria com que recebesse a munição da .44 entre os olhos, o que lhe garantiria um funeral de caixão fechado.

— Isso é um erro — a voz dela era tranquila, uma frieza capaz de assustar.

— Eu sei — respondeu Quentin, golpeando com o cabo da pistola e fazendo-a perder a consciência.

*

Meia hora mais tarde, a mulher acordou. Com a visão embaçada e com fortes dores na cabeça, levou alguns minutos para recobrar, de fato, a consciência. Quando percebeu a situação, Quentin estava à sua frente, sentado na cama. Ela estava em uma cadeira de madeira, mãos e pés atados. Ao lado de seu inesperado algoz, sua carteira, facas, duas pistolas e um canivete, além de pentes sobressalentes para a semiautomática.

— Hilda? — indagou Quentin, com um documento de identidade nas mãos. — Eu esperava um nome mais legal, sabe?

— Devia se entregar agora — disse ela —, enquanto ainda está inteiro. Não sabe com o que está lidando, garoto.

— Cala a boca! Mas que porra! Por que diabos todo mundo cismou de me chamar de garoto? Eu exijo um pouco de respeito. Afinal, você está amarrada, e eu tenho a .44 carregada.

— Não sei como fez aquilo no bar, garo... ai...

Hilda não foi capaz de continuar falando, pois Quentin tinha o indicador no buraco feito pelo projétil .44 em sua perna direita.

— Filho da puta! — gritou ela.

— Se eu quisesse papo furado, procuraria uma prostituta ou um padre, e não uma assassina. Agora, só me diga quem está atrás de mim e por quê.

— Daqui a pouco você vai saber, seu merdinha — escarneceu ela.

— Eu, normalmente, sou uma pessoa paciente — Quentin limpou o dedo no lençol —, mas quando uns desgraçados que eu não sei quem são estão tentando me matar, posso não ser tão paciente assim.

— Acha que pode me assustar? Um franguinho como... Ai, caralho!

Agora, Quentin tinha um dedo em cada furo de bala; não teve pudor em forçar o máximo que pôde. O sangue voltava a escorrer pelo ferimento.

— Eu posso fazer isso o dia todo. A questão é: quanto tempo você pode fazer isso?

— Vá se ferrar, moleque!

— Saco!

Levantou-se e caminhou até o banheiro, lavou as mãos, enxugou em uma toalha limpa e voltou para o quarto. Sentou-se novamente na cama, apanhou a faca. Respirou, analisando a arma branca em suas mãos. Hilda o observava, preocupada. Embora tentasse mascarar o que sentia, sua respiração era ofegante e a pele, que já era branca, empalidecera pela perda de sangue.

— Não sou um cara violento, tá certo? Gosto de filmes violentos, livros, quadrinhos, mas não na vida real. E você... Bem... Você é uma bela mulher, e não me agrada fazer uma mulher sofrer, ainda mais dessa forma, com violência. Mas não me deixa outra escolha, Hilda! Eu preciso saber a verdade, e você tem a informação que preciso. Por que não deixamos os jogos de lado e resolvemos a coisa de uma vez? Você me diz quem está querendo meu rabo, e eu te deixo ir embora viva. Então, temos um acordo?

— Você não pode com eles.

— Resposta errada — em um golpe rápido, Quentin cravou a faca na coxa de Hilda e girou-a.

Ela urrou de dor. Ele soltou a faca, deixando-a cravada na carne, e perguntou outra vez.

— Temos um acordo?

— Foda-se, seu bostinha!

Mais um giro na faca, mais um urro. Hilda suava muito, o sangue ensopava sua calça e o corpo tremia. Ela não aguentaria aquilo por muitas horas. Quentin sabia que a mulher tentava ganhar tempo, até que outro viesse à sua procura, e sabia que não podia se dar ao luxo de esperar por isso naquele motel. Precisava da informação, e precisava logo.

— Escute aqui — ele se levantou, quase colando o rosto ao dela —, eu não tenho nada a perder, e aposto que você está nessa pela grana. Se quiser morrer por quem quer que seja que está me perseguindo, posso ajudar nisso.

Ele removeu a faca, fazendo mais sangue verter do ferimento. Ela conteve o grito, respirando com dificuldade; era possível sentir o cheiro do medo misturado ao sangue e suor do corpo. Empunhando a lâmina, Quentin deu a volta na cadeira, puxou a cabeça de Hilda, espalmando sua testa, e tocou a faca sob o olho esquerdo.

— Se não me disser o que preciso saber, vou fazer um chaveiro com esse seu belo olho.

Não houve resposta, apenas a respiração forçada, com expiração e inspiração curtas. Percebendo a resistência, aumentou a pressão da lâmina sobre a pele lentamente; sentia o corpo dela estremecer por completo. Naquele momento, enquanto encarava os olhos assustados da assassina, Quentin sentiu pena, quis parar tudo o que estava fazendo e deixá-la ir embora, mas sabia que isso era irracional e que, bem logo ele a desamarrasse, a mulher o renderia e o levaria ao seu algoz ainda secreto.

A respiração de Hilda acelerava a cada segundo e, antes de qualquer reação, ele testemunhou uma lágrima irromper do olho e rolar pelo rosto, misturando-se ao suor abundante. Em seguida, a faca rompeu levemente a pele sob o olho; uma gota de sangue se precipitou, um gemido abafado foi liberado.

— Pare! — ela sussurrou, qualquer movimento podia custar sua visão.

— Eu não ouvi — respondeu ele, aliviando a pressão do metal sobre a derme.

— Eu falo o que sei. Mas tire essa maldita faca do meu olho!

Ele se afastou, voltou a sentar-se na cama, de frente para Hilda, limpou o sangue da lâmina na camisa da refém e esperou que ela falasse. Após um momento tentando estabilizar o ritmo da respiração, a assassina voltou a falar.

— Eu não sei quem é o chefe...

Quentin a interrompeu, aproximando a faca novamente do olho.

— Espera, espera! Eu vou falar. Eu não sei quem é o chefe, mas vou te dizer quem me mandou aqui.

— Então cante, passarinho; cante.

— Zed... O nome do cara é Zed.

— E quem é esse Zed?

— Ele me encontrou por meio de um contato. Só sei que ele tem uma boate na cidade.

— O nome da boate.

— Madame Sada Abe.

— E eu encontro o desgraçado lá?

— Foi lá que eu me encontrei com ele, e era pra lá que eu te levaria.

— O que mais sabe sobre esse Zed? A boate é fachada pra alguma atividade ilegal? Armas, drogas, prostituição?

— Eu fui à boate durante o dia. Não sei mais nada sobre esse cara.

— Quem está protegendo? — Quentin pressionou o cabo da faca no ferimento da coxa.

— Pare, seu desgraçado! — ela gritou, estava em seu limite. — É tudo que eu sei, já disse!

Quentin cessou a investida, colocou a faca ao lado das demais armas e olhou bem nos olhos de Hilda.

— Eu acredito em você, Hilda — ela suspirou aliviada. — Acho mesmo que me disse tudo o que sabia sobre Zed. O problema, passarinho, é o que você sabe sobre mim.

— O que vai fazer? — balançou-se na cadeira, enquanto Observava Quentin pegar sua semiautomática e um travesseiro. — Eu não vou...

A fala foi abafada pelo travesseiro pressionado contra o rosto. Em seguida, o som abafado do disparo precedeu o silêncio total no quarto.

— Desculpe, passarinha.

*

Apenas depois de matar Hilda, Quentin pensou nas consequências. O disparo, ainda que abafado pelo travesseiro, produziu um jato de sangue que fez uma tremenda sujeira no quarto, além do sangue no chão, fruto da tortura. Precisava limpar aquilo, e bem rápido.

A primeira coisa que fez foi enrolar o corpo em um lençol. Deixou-o em um canto e partiu para a arrumação geral. Levou mais de uma hora para tornar o quarto apresentável. Claro que qualquer perícia detectaria que ali ocorrera um assassinato, mas se não houvesse corpo, não haveria crime, e não haveria investigação. Já era noite. Ele esperou que a madrugada avançasse e, assim que julgou seguro, levou o pacote para o carro, acomodando Hilda confortavelmente em seu porta-malas.

Pegou todas as suas coisas no quarto e deixou o local. Era hora de voltar ao velho frigorífico.



The Boy Is Back in Town

Não há lugar como o nosso lar.

(The Wizard of Oz)

Após deixar o motel, Quentin foi direto para o velho galpão onde funcionara o frigorífico. Quando chegou, ainda estava escuro, o que facilitava a discrição da qual necessitava. Levou o corpo até o triturador, onde encontrou suas armas e algumas peças de roupa deixadas pelo tio. Sorriu ao perceber que Ben se antecipara às necessidades do sobrinho e deixara ali, também, um machado bem afiado e um galão cheio de combustível. O procedimento era simples: queimar o corpo, dividir e triturar as partes.

Temendo que o fogo pudesse ser visto à distância, incendiou o cadáver ali mesmo, no interior do galpão. A golpes de machado,

partiu a falecida ainda quente e triturou tudo. O cheiro de carne queimada lembrava churrasco, mas não lhe atiçava o apetite, muito pelo contrário; quase regurgitou a última refeição, que, a propósito, fora há bastante tempo.

Como tinha pressa, juntou os fragmentos e colocou-os no carro; desfar-se-ia deles na primeira oportunidade. Trocou as mortalhas que vestia por roupas limpas e inteiras e levou todas as armas de volta ao porta-malas. Sabia o que tinha que fazer a seguir, embora não houvesse decidido como. Entrou no carro e começou a dirigir de volta para a cidade.

Era relaxante dirigir de madrugada, a estrada deserta, o vento frio da noite invadindo, cortante, o interior do carro pela fresta da janela. Contudo, Quentin não relaxava; tinha questões a resolver antes de chegar ao destino. Não podia, simplesmente, ir até a boate, apontar seus revólveres e perguntar por um tal de Zed. Precisava de um plano, e dos bons.

Conjecturou consigo por um bom tempo, até concluir que o melhor seria ir primeiro a um local seguro e procurar ajuda. Mas quem poderia ajudá-lo? Como não queria envolver a mãe na questão, o primeiro, e único, nome que lhe veio à mente foi o de Roger.

— Isso! — disse a si, em voz alta. — Vou pra casa do Roger; ele não vai me negar ajuda. Lá, planejaremos o que fazer.

Foi o melhor em que pôde pensar. Seguiu dirigindo, torcendo para que não estivessem vigiando a casa do amigo.

Duas mentes trabalham melhor que uma, pensou, é o que dizem.

*

Chegou à casa de Roger com o sol a pino. Por sorte, a rua onde morava o amigo era pouco movimentada. Acionou a campainha, afoito, olhando atentamente para todas as direções, em um constante estado de alerta que adquirira nas últimas semanas. Tencionava desistir e sair dali com o carro, quando ouviu destrancarem a porta por dentro. Logo, a folha de madeira se abriu, revelando uma face que aparentava ter acordado naquele momento.

— Quentin? Meu Deus! Onde você esteve?

— Abre o portão da garagem, preciso guardar o carro; e depressa. Lá dentro, explico tudo.

Confuso, Roger não contestou; destrancou o portão e deixou que Quentin adentrasse com o Dodge. Logo, estavam dentro da casa, seguros. Parecia que ninguém os tinha visto. Assim que chegaram à sala, Quentin sentou-se no sofá, ofegante.

— Fecha as janelas. Sua mãe tá em casa?

— Não, tá no trabalho — respondeu Roger, fechando as janelas.

— O que tá acontecendo? Apareceram uns caras te procurando na locadora.

— O que disse a eles?

— Que você tinha sumido, ora! Onde você esteve?

— Tem uns caras atrás de mim; tive que me esconder — disse, tirando o .44 da cintura e colocando sobre a mesa. — Mas, agora, estou de volta, e vou atrás dos desgraçados.

— Onde foi que arranjou isso? Sabe usar essa porra?

— Fica frio. Apreendi umas coisas nesse tempo que estive sumido.

— Se minha mãe chega e vê essa arma, vai ficar maluca.

— Que horas ela chega?

— Depois das nove, mas...

— Não se preocupe, então. Eu não sei quem está atrás de mim, mas tenho uma pista; por isso voltei.

— Isso não faz sentido, cara...

— Eu vou precisar da sua ajuda.

— Não estou entendendo nada!

— Eu também não sei por que isso tá acontecendo, mas esses caras não vão desistir; vão me caçar até o inferno.

— Se isso é verdade, os caras são perigosos.

— Bastante.

— Você não deveria ter vindo aqui. Não quero me envolver nessas coisas!

— Não tenho a quem recorrer! — Quentin se levantou, balançando o revólver enquanto gesticulava. — Você é um dos poucos amigos que tenho, talvez o único em quem posso confiar.

— O que quer que eu faça? — Roger também se levantou; estava suando. — Sou só um cara que trabalha numa locadora. Não posso sair com você atrás de uns mafiosos! Você tem que ir embora.

— Vai me deixar na mão, Roger? Nossa amizade não vale nada pra você?

— Não me coloque contra a parede, Quentin! Não é justo. Eu não quero morrer! E se sair por aí com um canhão desses na mão, com certeza eu vou morrer.

Quentin engoliu em seco. As palavras do amigo faziam todo o sentido. Roger não era o modelo de homem destemido. Mas, se ele não o ajudasse, quem o faria? A situação era complexa, a solução não haveria de ser simples.

— Ok, tá certo! Não vou te pedir pra pegar um revólver e sair por aí comigo atrás dos desgraçados.

— Ainda bem — Roger se sentou, suspirando com ligeiro alívio.

— Mas me deixe ficar aqui por algumas horas, me ajude a pensar. E preciso despejar uma coisa no seu esgoto.

— Uma coisa?

— Não vai querer saber.

— O caralho! Não vou despejar porra nenhuma no meu esgoto sem ao menos saber que porra é!

— É um cadáver.

— Puta que pariu!

— Não é bem um cadáver, são os fragmentos dele. Farinha de presunto — parou por alguns segundos, constrangido por ter feito uma piada da qual Roger não achara a mínima graça. — Ela não era uma pessoa boa, se isso te deixa mais tranquilo.

— Claro, então tá resolvido, né? Pessoas más podem jogadas no vaso sanitário sem preocupações. Você ficou louco?

— Não precisa me ajudar com isso, deixa comigo.

Roger puxou os próprios cabelos, o rosto avermelhado, o coração aos saltos. Ainda não acreditava que aquilo estivesse acontecendo. Era surreal demais pra ser verdade. Respirou fundo algumas vezes, tentando controlar o pânico que dizia para sair correndo até o trabalho da mãe.

— Merda, não acredito que vou fazer isso.

— Valeu, amigão, eu...

— Tem que ir embora antes que a mamãe volte.

— Tá certo, eu vou.

— O que tem em mente?

— Não sei, cara. Eu também estou apavorado. Tenho uma pista, um tal de Zed.

— Quem é Zed?

— Só sei que é dono de uma boate, aqui na cidade. E que mandou a assassina pra me matar.

— Wow!

— É tudo o que eu tenho. Preciso pegar esse Zed e descobrir o que ele sabe, quem está por trás dessa merda.

— Isso é muito arriscado!

— Eu sei, eu sei. Mas é a única maneira. Só que não posso ir sozinho, preciso de alguém pra me ajudar.

— Não vem...

— Calma, cara, não vou pedir pra ir comigo, já disse! O problema é que não consigo pensar em mais ninguém.

— Por que não chama a polícia?

— Disseram que eu não podia confiar na polícia.

— Disseram? Quem disse?

— Uns caras que me ajudaram. E eu acredito neles. Além disso, dá uma olhada nos policiais que estão nas ruas; não são de nada.

— Merda. Se não pode confiar na polícia, em quem vai confiar?

— Não sei, não sei. E se...

— Já sei! — Roger levantou-se de um salto, como quem acaba de inventar a roda.

— O que foi?

— Você precisa arranjar uns mercenários!

— Seria ótimo, mas onde diabos eu vou conseguir mercenários? Fora que eu torrei toda a grana que tinha comprando

armas.

— Vai ter que dar um jeito. Talvez possa roubar um banco.

— Muito arriscado.

— Uma lanchonete, então. Todo mundo rouba bancos, mas não esperam um assaltante em uma lanchonete. Pode chegar, apontar esse trabuco aí, pegar o dinheiro do caixa e as carteiras dos clientes.

— Não seja idiota, Roger. Acha que uns trocados numa lanchonete vão ser suficientes pra contratar mercenários? Isso se eu soubesse onde encontrar mercenários.

— E esses caras que diz terem te ajudado?

— Fizeram a parte deles e saíram fora. Nem tenho como encontrá-los.

— Tem que haver alguém. Tanto bandido por aí, algum deve servir.

— Não posso sair por aí perguntando pros caras que vendem bagulho na esquina se têm uns amigos fodões pra um servicinho.

Permaneceram sentados por um tempo; as ideias não surgiam. O silêncio ali era medonho, pois o tempo estava passando, e ficava cada vez mais difícil elaborar um bom plano. Mais de uma hora depois, Quentin teve um estalo, uma clarividência forçada. Era apenas uma possibilidade, talvez a última.

— Tem alguém, mas é um tiro no escuro.

— Não importa, tem que tentar. Minha mãe não demora pra chegar. Quem é?

— O senhor Caine.

— O velho maluco?

— Ele não é maluco, só diferente.

— Acredita no que dizem sobre ele?

— É verdade, o Lance me disse que o Caine foi um assassino profissional, e que agora tem uma empresa de morte por encomenda.

— O velho que toda semana pega um monte de filmes asiáticos é um gangster? Fala sério.

— Tenho que falar com ele; pra isso, vou precisar de você.

— O que quer que eu faça? — Roger fez uma careta, uma mistura estranha de medo e desgosto.

— Não precisa fazer essa cara. Só preciso que vá até a locadora e me traga a ficha do Caine. Lá tem os contatos dele, endereço... Essas coisas.

— Por que não vai você?

— Porque tem uns caras querendo meu rabo, esqueceu? Não seja bundão!

— E se esses caras estiverem lá fora?

— Se eles soubessem que eu estou aqui, já tinham entrado e chutado nossas bundas. Agora, vai lá, antes que a mamãe chegue.

Roger se enraiveceu, mas não disse nada. Pegou a carteira, as chaves do carro da mãe e saiu.



A Mercenária

Se você não lutar por alguma coisa, será vencido por qualquer coisa.

(Sucker Punch)

Enquanto esperava, Quentin ligou a televisão; precisava relaxar antes de conversar com Caine. Sabia que seria um conversa difícil, isso caso o homem se dispusesse a ouvi-lo. Passeou pelos canais da TV até encontrar algo que chamasse sua atenção, que o fizesse parar de pensar nos problemas. Parou em uma apresentação peculiar. Belas mulheres trajando biquínis minúsculos e portando armas de grosso calibre.

A câmera focalizava várias garotas alternadamente. Cada uma delas portava uma arma pesada — metralhadoras, rifles, fuzis — e

atirava em sequência com o entusiasmo de uma líder de torcida de colégio. Louras, ruivas, morenas, asiáticas; a variedade acompanhava os tipos de armamento. Em seguida, uma tomada que apresentava todas elas, enfileiradas, atirando em sincronia. O som dos disparos cessou e uma das garotas, loura com um biquíni ostentando as cores da bandeira estadunidense, tomou a tela, enquadrada do umbigo para cima.

“Oi, eu sou a Tiffany, sou professora de dança do ventre e vice-miss Ohio. E essa” — a garota levantou sua arma ao lado do corpo, como quem mostra seu bebê recém-nascido — “é minha AK-47”.

A mulher virou-se de lado, atirou algumas vezes, produzindo um barulho ensurdecedor e fazendo seu corpo modelado a exercícios vibrar. Quentin não sabia se prestava atenção no poder de fogo da metralhadora ou nas formas atraentes da atiradora. Após a demonstração, ela segurou a arma junto ao peito, olhando diretamente para a câmera.

“Nada me separa da minha AK.”

Logo a seguir, voltou a atirar; a voz do narrador entrou em cena, sobrepondo-se ao som dos tiros.

“AK-47! A melhor da categoria. Sempre que for absolutamente necessário abater todos no recinto, não há arma igual. Não aceite substitutos.”

Quando a câmera mudava de uma garota para outra, Quentin ouviu a porta se abrir e desligou imediatamente o televisor; apanhou o revólver sobre a mesa e escondeu-se atrás do sofá.

— Hei, Quentin, cadê...

Roger perdeu a fala com o susto que levou quando o amigo surgiu de trás do sofá, segurando uma .44 .

— Quer me matar? O que você tá fazendo aí atrás?
— Podia ser alguém hostil!
— Hostil? Quando foi que começou a falar como um cara do exército?

Quentin deu de ombros, guardou a arma na cintura e meneou a cabeça para o amigo.

— E aí, conseguiu?

— Tá aqui — respondeu Roger, tirando a ficha do bolso e entregando-a para Quentin. Após sentar-se, este pôs-se a analisar a ficha com cuidado.

— David Caine — leu em voz alta. — Data de nascimento: 20 de setembro de 1926. Ele não parece tão velho.

— Deve ter feito plásticas. Criminosos procurados costumam fazer isso pra mudar a aparência.

Com um olhar de reprovação, Quentin tirou os olhos do papel por um momento para encarar o amigo; em seguida, voltou a analisar a ficha.

— Nunca atrasou a entrega de um filme. Pelo endereço, mora na parte rica da cidade.

— E atravessa a cidade para pegar filmes quase tão velhos como ele.

— Cala a boca, Roger.

— Só falei...

— Tem um telefone aqui. Vou ligar.

— E o que vai dizer? Preciso de uns bandidos pra pegarem outros bandidos que querem me matar?

— Alguma coisa assim, mas não de forma tão estúpida — piscou, fazendo o amigo se irritar.

— Mas vê se não demora; minha mãe já vai chegar!

— Fica frio, Rog; frio.

Roger apontou para o telefone em uma mesa perto da janela, e Quentin foi até ele. Sentou-se ao lado do aparelho, com a ficha em uma das mãos, e discou o número. Ouviu o telefone tocar por algumas vezes até que uma voz grave atendeu:

— Alô.

— Olá, eu gostaria de falar com o senhor Caine.

— E quem deseja?

— Diga que é o gerente da Video Archives, e que é um assunto de extrema urgência.

— Um momento.

Quentin ouviu o fone sendo colocado sobre uma superfície sólida do outro lado da ligação, e logo escutou os passos do atendente se afastando. Ficou aguardando, uma espera de minutos que se estenderam de forma angustiante. Após o longo período, ouviu ruídos que indicavam uma nova aproximação.

— Qual o problema? — reconheceu a voz de Caine imediatamente.

O homem, apesar de velho, tinha uma voz firme. Falava de forma suave, como se em sua vida não houvesse preocupações.

— Senhor Caine? Aqui quem fala é Quentin. Sou gerente da Video Archives, onde o senhor frequenta, e...

— Garoto, não tenho tempo a perder. Dirijo um negócio, aqui. Diga logo o que quer e deixe-me trabalhar.

— Claro, senhor. Eu... É... Eu preciso de uns mercenários!

— Do que está falando, garoto?

— Eu sei que o senhor comanda um grupo de assassinos profissionais e preciso de alguns para me ajudar numa situação delicada.

— Está enganado, garoto; procura pela pessoa errada.

— Mas eu...

Caine desligou o telefone.

— Porra!

— O que foi? — indagou Roger.

— O velho desligou. Filho da puta!

— E o que vai...

— Vou ligar de novo.

Outra vez, Quentin girou o disco de acrílico até completar o número de David Caine. Aguardou por um momento e logo ouviu a voz do homem.

— Alô.

— Senhor Caine, é o Quentin.

— Olha, garoto, se isso é uma brincadeira...

— Não é brincadeira, me ouviu? Tem um bando de desgraçados querendo me matar e preciso de ajuda. Quero contratar os seus serviços.

Silêncio. O desespero na voz do jovem fez David pensar por um momento. Quentin suava pelo rosto e tinha os pés trêmulos, batucando o assoalho de modo involuntário.

— Bem — começou o idoso —, digamos que eu tenha aquilo que você precisa. Como um gerente de locadora vai pagar pelos serviços de mercenários treinados?

— Eu... olha... eu...

— Não tem o dinheiro, não é, garoto?

— Não, não tenho. Eu gastei o que tinha em armas, mas... Eu posso trabalhar para o senhor em pagamento; faço o que quiser!

— De que um garoto como você me serviria? Não seja estúpido.

— Deve ter alguma coisa que eu possa dar! Por favor, senhor Caine, eu preciso mesmo da sua ajuda.

Novamente, o silêncio reinou. As batidas do coração do jovem eram quase audíveis; a respiração, ofegante; a cabeça latejava, dolorida; uma angústia sufocante.

— Você fuma?

— Não, senhor.

— Bebe?

— Socialmente, apenas, mas...

— Talvez haja algo. Se seus órgãos forem saudáveis, podem me servir, ao menos alguns deles.

Quentin engoliu em seco.

— Está disposto a perder parte de si para garantir sua sobrevivência, garoto?

— Si... Sim, senhor.

— Está bem, então. Dê-me seu endereço e espere; mandarei alguém e veremos o que pode ser feito.

Ele informou o endereço, sob protestos mímicos de Roger, e logo desligou o telefone.

— Você ficou louco? — gritou o amigo, afoito.

— Cale a boca, Roger!

— Mas minha mãe...

— Vamos para o quarto. Quando sua mãe chegar, haja normalmente, tá certo? Sei que ela chega, toma um banho e logo vai

dormir. Agora, pare de se borrar como um menininho e me ajude a levar o carro para os fundos, para que a mamãe não veja.

*

Apavorado e suando em bicas, Roger fez aquilo que o amigo ordenou. Ambos esperaram no quarto. Quando a mãe chegou, mal deu atenção ao filho. Tomou um banho e se deitou. Enquanto esperavam, Quentin e Roger ficaram no quarto, conversando sobre o que acontecera nas últimas semanas. Os detalhes do treinamento e, principalmente, o massacre no Bad Motherfuckers assustaram sobremaneira o jovem; ele não acreditava que o amigo fosse capaz de tais feitos. Sua mente se dividia entre o horror e a admiração, mas não teve coragem de dizer o que sentia. Afinal, Quentin agora era uma pessoa bastante diferente, e armado com duas pistolas .44.

Algumas horas se passaram, até que, finalmente, ouviram soar a campainha. Roger, sem pensar, correu para atender, antes que o visitante acionasse novamente o mecanismo e acabasse acordando sua mãe, que repousava em sono pesado. Abriu a porta sem nem ao menos perguntar quem era e, assim que botou os olhos na figura que se postava à sua frente, ficou sem fala.

Quentin seguiu o amigo, preparado com os dois revólveres em punho; contudo, ao avistar a pessoa que acabara de chegar, também teve um momento de surpresa, um instante em que o ar para respirar parecia suspenso, como se o tempo houvesse parado.

Para começar, não esperavam que o mercenário enviado por Caine fosse uma mulher. Em segundo lugar, não esperavam que fosse uma mulher tão linda e de aparência tão singular. Com aproximadamente um metro e oitenta de altura, ostentava longos cabelos loiros emoldurando um rosto belíssimo; a pele clara e lisa

parecia macia como pêssego; a boca, carnuda; o queixo, delicadamente quadrado. Dos olhos, apenas um se fazia visível, e era de um azul oceânico e vivo, enquanto o outro era coberto por um tapa-olho negro de tecido acetinado. Vestia-se com uma peça única de tecido sintético brilhante, amarelo vibrante, com duas faixas laterais em preto. Carregava uma bolsa preta de couro, a alça sobre o ombro esquerdo.

Logo atrás da mulher, avistaram seu transporte: uma motocicleta visivelmente cara e potente, estampada com as mesmas cores de sua vestimenta. Levaram alguns segundos analisando a recém-chegada, até que ela cansou-se de esperar e quebrou o silêncio.

— É aqui que precisam de uma... Guarda costas? — ela sorriu, exibindo uma dentição alva e um sorriso por demais charmoso.

— Na verdade — começou Quentin, contendo o impulso de gaguejar enquanto fitava os pés da mulher, os quais desejou estarem descalços —, é um pouco mais que isso; mas é aqui, sim.

— E os dois garotinhos vão me deixar esperando aqui fora ou vão me deixar entrar?

De imediato, os amigos abriram caminho; ela adentrou a casa com graciosidade, sentou-se no sofá e acendeu um cigarro.

— Quem é o Quentin?

— Ele — Roger apontou para o amigo.

— Então, vamos ao que interessa. Comece a contar em que tipo de enrascada se meteu.



Who is Zed?

Mantenha seus amigos por perto e os seus inimigos mais perto ainda.

(The Godfather: Part II)

— Como se chama? — perguntou Quentin, sentando-se desconfortavelmente em frente à mulher.

— Pris. Antes de começar, vou deixar uma coisa bem clara. Quando isso tudo acabar, você vai fazer o que o Caine quiser, entendeu?

— Como assim, o que ele quiser?

— O que ele quiser; ponto. Se não está de acordo, está me fazendo perder tempo.

Ela fez menção de se levantar, mas Quentin estendeu a mão para que esperasse.

— Tudo bem, tá certo. O senhor Caine me falou sobre órgãos ou algo do tipo. Que se dane, não tenho escolha. Se fizer isso sozinho, vão acabar comigo, de qualquer maneira.

— Não é tão burro quanto parece — Pris soltou uma baforada de fumaça e dispensou as cinzas do cigarro em um vaso de flores ao lado do sofá. — Pode começar.

Após respirar fundo, Quentin iniciou o relato. Disse tudo de que foi capaz de se lembrar, desde que Harry e Tony começaram a persegui-lo, passando pela compra do carro e das armas, o encontro e treinamento com o tio Ben, o massacre dos motoqueiros, a assassina e a volta à cidade. Quando terminou, Pris o olhava de uma forma fria; seu olho descoberto era incapaz de revelar o que se passava em seu âmago. Aquilo o fez estremecer, mas permaneceu inerte, aguardando que a mulher se manifestasse.

— Quer dizer que não faz ideia de por que estão atrás de você?

— Exatamente.

— Isso está pior do que eu pensei.

— Talvez devesse chamar mais ajuda.

— Por quê? Por eu ser mulher? Acha que uma garota não vai dar conta?

— Na... Não é isso! É que... É que...

— É gago, garoto?

— Não, porra! — Quentin explodiu. Já estava cansado de ser tratado como uma criança por todos. — É que eles têm recursos, provavelmente muitos homens. Pensei que Caine mandaria uma equipe.

— Não se preocupe, franguinho, eu sou mais que suficiente para a tarefa. Dê-me alguns minutos, vou descobrir quem é, de fato, esse tal de Zed.

Pris abriu a bolsa e retirou dela uma espécie de telefone portátil. Quentin e Roger nunca haviam visto algo do tipo, apenas em filmes de ficção. Ela discou alguns números, levantou-se e caminhou até a janela. Os dois perceberam que a mercenária conversava com alguém, mas o tom de voz era demasiado baixo e nada foram capazes de compreender. Logo desligou o telefone e voltou para o sofá.

— E então? — indagou Quentin, curioso.

— Esperamos; logo teremos a informação de que precisamos.

Ele não ousou perguntar novamente, ainda que a resposta lhe parecesse bastante insuficiente. Aguardaram em silêncio. Pris ainda fumava o cigarro. Roger a observava e pensava consigo que aquele cigarro parecia nunca acabar. O constrangimento causado pelo silêncio era quase palpável, e foi interrompido pelo toque moderado do telefone de Pris.

— Pronto — ela atendeu e ficou em silêncio por alguns segundos. — Ok, certo. Obrigada, Lucy.

Os dois amigos encaravam a mulher com curiosidade. Ela deu uma última tragada no fumo e apagou o cigarro no mesmo vaso de flores no qual vinha depositando as cinzas produzidas.

— Vamos ter que pegar o Zed pra fazer umas perguntas — disse ela, enfim.

— O que descobriu sobre ele? — Quentin estava aflito, ansiava por respostas.

— É provável que esteja envolvido, sim, mas não está por trás de nada. Acredito que seja apenas um intermediário contratado. Zed é dono de uma boate de *bondage*; dá alguma grana, mas, na verdade, não passa de fachada pra lavagem de dinheiro da venda de drogas. Além disso, também explora a prostituição.

— Não tem muita novidade aí.

— Eu não terminei. Acontece que Zed também é um policial.

— Caralho! — Quentin surpreendeu-se.

— Puta que pariu! — até Roger se manifestou.

— Não se preocupe. É só um guardinha de merda, não vai nos dar problemas. A essa hora, a boate já está funcionando. E estamos com sorte; meu informante disse que ele estará por lá, hoje. Devemos agir, agora.

— E qual é o plano? — Quentin estava agitado.

— Mostre onde estão as armas.

— Vem comigo.

Dirigiram-se até os fundos da residência. Quentin abriu o porta-malas do Dodge, revelando seu arsenal.

— Porra, tem um puta armamento aqui, garoto!

— Dá pra parar de me chamar de garoto?

— Tá bom, garoto, não se perturbe. Sabe mesmo usar essas coisas?

— Sei o bastante. Então, qual é o plano?

— Entrar discretamente, se possível; pegar o desgraçado e levá-lo para interrogatório.

— Parece simples.

— Parece. Mas não estamos na porra de um filme de ação, garoto. Vamos atacar com tudo. Pessoas podem morrer, algumas

pelas suas mãos; sangue pode jorrar; talvez inocentes também sejam mortos; e teremos que torturar algumas pessoas, o que pode envolver técnicas não muito agradáveis, do tipo dilaceração de membros, penetração anal com lâminas, incineração de vivos e algumas coisas piores. Está pronto pra isso, garoto?

Quentin fechou o porta-malas e encarou Pris com convicção no olhar. Ela sorriu ao não enxergar hesitação na expressão do jovem. Ele guardou a magnum no compartimento do coldre e disse:

— O que estamos esperando?

— Bote essa lata velha pra funcionar e me encontre do lado de fora — Pris virou-se e entrou novamente na casa, dirigindo-se para a porta da frente.

Quando o Dodge chegou à rua, Pris já estava montada em sua motocicleta, capacete vestido e motor ligado. Preparava-se para partir, mas Quentin parou o carro e chamou por sua perigosa acompanhante.

— Que foi, garoto? — Pris demonstrava impaciência.

— Preciso passar antes no meu apartamento.

— Pra quê?

— Tenho que buscar uma coisa, e fazer um... Seguro.

— Se esses caras estão atrás de você, certamente estão vigiando o apartamento.

— Provavelmente. O que significa que teremos que despistá-los.

— Vamos logo, então.

*

— Não vejo ninguém vigiando o perímetro — disse Pris.

— Isso é bom, não? — Quentin não tinha muita convicção em suas próprias palavras.

Haviam estacionado na rua paralela ao apartamento do jovem, em frente a um terreno baldio, de modo que podiam ver a fachada do prédio sem grandes dificuldades. Àquela hora da madrugada, tudo estava deserto e, para surpresa dos dois, não havia sinal de vigília no local.

— Significa que não pensaram que você pudesse ser tão burro.

— Eu não viria se não fosse importante. Além disso, se houver alguém, podemos interrogar o desgraçado!

— Se tiver alguém aí, dificilmente vai saber de alguma coisa. Esses caras não são amadores, garoto.

— Que seja. Mas eu realmente preciso entrar naquele apartamento.

— Tá certo. Pegue uma arma e vamos nessa.

Quentin abriu o porta-luvas e apanhou a Magnum. Antes que encaixasse a arma no coldre, Pris o repreendeu.

— Guarde esse canhão, garoto. Não queremos chamar a atenção. Pegue uma semiautomática com silenciador. Temos que ser cirúrgicos; não bote tudo a perder.

— Tá bom, tá bom. Não precisa ser rude.

Pris sorriu. Quentin dissera aquilo como uma criança emburrada ao ser repreendida por uma travessura. Após pegar uma semiautomática e colocá-la no coldre, ele apanhou um silenciador e guardou no bolso. Saiu do carro e seguiram pelo terreno baldio. Caminhavam apressados, porém cuidadosos; era preciso atenção redobrada, estava escuro e silencioso demais. Chegaram à rua do apartamento e não houve sinal de que alguém estivesse ali.

Atravessaram e rumaram até o prédio. Antes de abrir o portão, Quentin sacou a pistola e conectou o silenciador. Pris já empunhava sua própria arma; entraram um de cada vez.

Subiram as escadas em absoluto silêncio, comunicando-se apenas com gestos. Pris estava à frente; assim que chegaram ao andar seguinte, ela vigiou o corredor e Quentin a ultrapassou, voltando à escadaria; repetiram o procedimento nos andares posteriores, em alternância, até chegarem ao quinto, onde ficava a residência do jovem. Caminharam até a porta e Pris postou-se de frente para a entrada, arma em punho, pronta para o disparo, enquanto o outro apanhava o chaveiro no bolso para abrir o apartamento. O atrito das chaves preconizou um barulho tímido, mas perigoso. Ela o repreendeu com um murmurar inaudível e ele tratou ser tão silencioso quanto possível.

Girou a maçaneta levemente e empurrou a folha de forma suave, deixando o caminho livre para que Pris adentrasse. Fechou a porta atrás de si e seguiu em frente. Atravessaram a sala, que estava inteiramente revirada; com certeza estiveram ali à sua procura. *Eles procuraram alguma coisa, aqui,* pensou Quentin, forçando-se para descobrir o que teria em sua posse que pudesse interessar àquela gente.

Apesar da bagunça feita, não havia sinais de que alguém ainda estivesse no apartamento. Seguiram para a cozinha, onde a pia ostentava uma grande pilha de pratos e copos sujos. Pris manifestou seu asco com um esgar na face. Ambos sobressaltaram-se ao divisar, sobre o fogão, uma metralhadora. Cessaram o caminhar e tentaram se comunicar em silêncio. Quentin fez menção de apanhar a arma,

mas ela o impediu, apontando para o banheiro logo à frente. Ele entendeu imediatamente, apontou a pistola e aguardou.

Após alguns minutos, ouviu-se o som da descarga. Um odor desagradável já se precipitava, vindo do sanitário. A fechadura foi destrancada e a porta abriu-se devagar. Um homem surgiu, de não mais que quarenta anos de idade, vestindo um terno preto simples e segurando uma revista em quadrinhos que Quentin reconheceu ser sua. Antes que o estranho pudesse reagir, o dono do apartamento puxou o gatilho repetidas vezes. O impacto fez com que o invasor voltasse ao cubículo, caindo sentado sobre o vaso, o peito com várias perfurações e uma grande quantidade de sangue tingindo sua roupa e as paredes. Quentin virou-se para Pris.

— Faça logo o que veio fazer, garoto — disse ela. — Vou ficar de vigia lá fora. Tranque o apartamento e mantenha sua arma por perto.

Ele apenas assentiu com a cabeça, enquanto ela lhe dava as costas em direção à saída. Parou por um momento para admirar o corpo de curvas sinuosas que se afastava, com pensamentos pouco puros em sua mente, e, logo que ela saiu, trancou a porta, seguindo em direção à cozinha. Arrastou a geladeira e pegou um caderno afixado atrás do eletrodoméstico, foi para a sala e arrastou uma cômoda alta, com várias gavetas, revelando um cofre embutido na parede. Abriu o pequeno caderno e começou a folheá-lo. Assim que encontrou a página que procurava, permitiu-se um tímido sorriso no canto da boca.

— Vamos trabalhar.





Madame Sada Abe

Nada vem de graça, você tem que tomar à força.

(Departed)

— Conseguiu o que queria? — Pris parecia impaciente, contudo não alterava o tom de voz.

— Sim, podemos ir — respondeu Quentin, rumando para o veículo que o esperava na rua paralela.

Sem mais palavras, Pris vestiu o capacete, subiu em sua motocicleta e acelerou antes que Quentin pudesse girar a chave do carro na ignição. Vendo-a se afastar, ele deu a partida e saiu apressado, alcançando-a no quarteirão seguinte. As ruas escuras da cidade estavam vazias, um ou outro bandido ou usuário de

entorpecentes em algumas esquinas, um punhado de prostitutas aqui e ali; nada que chamasse a atenção.

Se, por um lado, dirigir à noite era algo relaxante, o que viria a seguir não produzia o mesmo efeito. Quentin não sabia que desafios estavam por vir e tinha dúvidas sobre se conseguiria lograr êxito apenas com a ajuda de Pris. Entretanto, pensar na derrota em nada lhe ajudaria. Precisava manter o foco no próximo passo e torcer para que conseguisse sair vivo daquela enrascada na qual fora metido sem ainda saber o motivo.

Enquanto divagava atrás do volante, nem viu que já estavam na rua em que se encontrava seu destino. Antes de parar, viu Pris dar meia volta com a motocicleta e parar ao seu lado.

— Pare mais pra frente, vou dar uma volta no quarteirão pra ver se tem outro jeito de entrar. Abra os olhos e não faça nada até eu voltar.

— Sim, senhor! — Quentin prestou uma continência cheia de deboche. Pris ignorou e se afastou.

Poucos minutos depois, ela ressurgiu na rua. Quentin estava inquieto, tamborilava os dedos no volante freneticamente e suava em abundância, mesmo que o clima da noite fosse bastante aprazível.

— Não tem outro jeito de entrar, vamos ter que usar a entrada principal. Vamos.

Ela estacionou a motocicleta próxima ao carro e seguiu até a boate. Ele tratou de trancar o veículo e segui-la imediatamente. A boate possuía uma entrada simples, um portão metálico com menos de dois metros de largura por três de altura.

— Olha só — disse Pris —, não podemos entrar atirando, isso chamaria muita atenção e nem chegaríamos a tocar no Zed.

Precisamos agir de forma invisível.

— E como...

— Cala a boca e escuta. Eu vou bater, você mantenha distância. Provável que haja apenas um segurança. Sempre são homens, e homens sempre são uns idiotas.

— Ei...

— Shiu. Vamos ser discretos, mas, se for necessário, esteja pronto para atirar.

— O que vai fazer?

— Colocar o garotão pra dormir — ela sorriu, como dificilmente fazia. Quentin admirou a brancura dos dentes alinhados com perfeição e, por um momento, esqueceu por que estavam ali.

O encanto se quebrou quando ela retirou uma faca curta de uma bainha presa à cintura e escondeu a mão direita atrás do corpo; com a esquerda, bateu três vezes na porta. Uma abertura horizontal se revelou e um par de olhos negros espiou do lado de fora. Sem dizer palavra, o vigilante destravou as trancas e fez a porta abrir. Quando olhou bem para Pris, deixou um sorriso estampar seu rosto. Era um homem enorme, parecia um armário, alto, ombros largos; uma constituição sólida de pura brutalidade misturada a uma montanha de músculos. O rosto, de pele clara e fustigada de sol, abriu-se de forma grotesca, como se um presente lhe tivesse sido entregue.

— Veio se divertir, gostosinha?

— Como adivinhou?

Ela se aproximou, fazendo o segurança sorrir ainda mais. A face contorcida denotava lascívia. Pris acariciou a barba por fazer, delineando o rosto de forma quadrada.

— Acho que a diversão pode começar por aqui — disse a mercenária.

Acariciou os cabelos curtos e, quando o homem tencionava abrir a boca para dizer algo, teve a fala interrompida por uma estocada rápida e precisa. A faca enterrou-se na garganta até o cabo entalhado em madeira pressionar a pele. Ele tentava pedir socorro, mas só conseguia se engasgar com o próprio sangue.

— Ajuda aqui, garoto! — pediu Pris, se esforçando para sustentar o peso do gigante.

Quentin correu até ela e aparou o corpo já sem vida do segurança, segurando o braço forte do homem. Lentamente, os dois colocaram o defunto sentado. Pris fechou seus olhos, como um último ato de misericórdia.

— Você matou o cara!

— Não, só botei pra dormir — ela piscou, indiferente ao espanto do jovem.

— Nem sabemos se é um cara mau.

— E não somos todos? Levante as mangas e procure pelas tatuagens, provavelmente vai achar algo que comprove que esteve na cadeia por estupro ou homicídio, ou os dois.

— Você tá de brincadeira, né?

— Sim, estou. Agora, pare de bancar o escoteiro e arraste o corpo pro beco aqui ao lado. Depois, me encontre lá dentro.

— Mas...

— Sem “mas”, garoto — disse ela, virando-se e entrando na boate.

Quentin bufou, quis proferir impropérios, talvez chutar algum objeto que não fosse muito duro, mas estava sozinho e o único objeto

presente era o enorme cadáver do segurança cujo nome ele desconhecia. Respirou fundo, abaixou-se e segurou firme os tornozelos do homem morto.

— E lá vamos nós — sussurrou entredentes, sabendo que seria uma noite longa.

*

Quentin entrou na Madame Sada Abe ofegante, o esforço despendido o esgotara. Lembrou-se de Forrest. O pobre coitado fora bem mais fácil de carregar que o brutamonte da portaria. Olhou ao redor e avistou o entretenimento noturno. Mulheres vestidas com roupas curtas e justas de látex ou de couro rebolavam e se contorciam em postes metálicos. Os clientes eram dos mais variados tipos. Alguns se vestiam de terno e gravata, outros mais pareciam caminhoneiros. As mulheres, na maioria, eram belas e voluptuosas. A maioria estava descalça, o que fez Quentin perder algum tempo admirando a beleza podal que tanto o atraía.

Acordou para a vida quando sentiu um cutucão na cintura; na verdade, aquilo foi praticamente um soco, um golpe que o fez tossir e gemer abafado de dor. Olhou para o lado e viu Pris, que o fitava não muito contente.

— Pare de babar por essas putas e vamos ao trabalho.

— Oh... Ah... Tá certo, vamos.

Pris começou a caminhar por entre as pessoas. Quentin a seguiu de perto. O local era abafado. Uma névoa de gelo seco tomava o ambiente, e o cheiro de drogas, sexo e álcool inflamava as narinas não acostumadas. Quando a mercenária subitamente parou, ele quase trombou com ela, mas se deteve a poucos centímetros.

— Aquele — disse Pris, voltando-se para o jovem e apontando de forma discreta para um homem ao fundo do salão — é o braço direito do Zed. O nome do cara é Mahoney. Se alguém pode nos dar a localização do Zed, é ele.

— Então, vamos pegá-lo!

— Não tão rápido, ligeirinho. Se sairmos arrastando o desgraçado, os outros seguranças vão notar.

— Mas temos que ir depressa, antes que deem falta do jamanta, lá fora.

— Tem razão. Mas eu já sei o que fazer, deixa que eu conduzo. Apenas me acompanhe, tá certo?

Quentin assentiu com a cabeça e arrepiou-se quando sentiu o toque da mão de Pris a envolver a sua; não sabia o que ela tramava, mas fez seu papel. Lado a lado, caminharam em direção a Mahoney, que escrutinava todo o local; era sua função garantir que tudo se mantivesse em ordem. Quando percebeu o casal se aproximando, aprumou o corpo que se escorava na parede almofadada e esperou pela abordagem.

— Oi, moço — começou ela. Parecia uma bandeirante falando.

— Pois não.

— Gostaríamos de falar com o seu chefe.

— Eu sou o chefe por aqui — respondeu Mahoney, com um misto de orgulho e irritação.

— Oh, desculpe, é que só estamos vendo garotas por aqui.

— Algum problema com as garotas?

— Não, claro que não. São todas lindas e parecem bem competentes, mas é que meu noivo aqui — ela voltou o olhar para

Quentin, que sorriu, dissimulando seu papel satisfatoriamente — gosta de... Bem...

— Não precisa ter vergonha, querida — interrompeu o homem.

— Estamos acostumados a todo tipo de gosto — aos poucos, o sujeito ia amolecendo.

— Ele gosta de me ver apanhar de outro homem — sussurrou, alisando a gola da camisa de Mahoney.

— Garoto mau — o homem sorriu, exibindo uma dentição amarelada onde dois dentes cobertos de ouro se destacavam.

— Será que alguém pode fazer isso por nós?

Pris queria vomitar diante do hálito nauseabundo exalado pela boca insalubre de Mahoney, mas manteve o olhar terno e o semblante de boa moça que gosta de apanhar de homens.

— Bem... Infelizmente, só temos garotas trabalhando com sessões individuais, mas seria muita falta de sensibilidade minha deixar um casal tão simpático sair daqui sem se satisfazer. Só um momento — ele avançou alguns metros boate adentro e sinalizou para um dos seguranças espalhados pelo local. — Teddy, venha aqui.

O homem, que era quase tão grande quanto o recém-morto que cuidava da portaria, avançou desengonçado entre as pessoas que se divertiam lascivamente em meio à fumaça densa e postou-se diante do chefe.

— Senhor?

— Fique no meu posto, vigie tudo e não deixe nada sair do controle. Vou resolver um assunto e retorno em uma hora.

— Certo — respondeu Teddy.

— Como se chamam? — indagou Mahoney, com um sorriso nos lábios engordurados.

— Eu sou Mary — disse ela.

— Brian — Quentin improvisou o primeiro nome que lhe veio à cabeça.

— Ok, Brian e Mary, me acompanhem.

Mahoney entrou por uma porta e seguiu um corredor estreito e escuro. Quentin e Pris o acompanharam. Várias portas surgiam dos dois lados. A maioria delas estava fechada, mas algumas se encontravam entreabertas. Quentin parou ao lado de uma porta e aguçou a visão para enxergar pela fresta. Um homem amarrado em uma cadeira, tinha os testículos afixados no assento por pregos e os mamilos presos com alicates que uma das garotas da casa manipulava, torcendo a pele e fazendo o homem gemer abafado por trás da máscara de couro que vestia.

Assustou-se quando sentiu o braço ser envolvido por uma mão e puxado para longe da porta. Virou a cabeça e viu que era Pris; ela o encarava com severidade.

— O que está fazendo, estúpido? — sussurrou. — Foco, imbecil!

Sem responder, ele voltou a caminhar, seguindo Mahoney, que já alcançava o fim do corredor. O gerente da Madame Sada Abe estacou em frente a uma porta, introduziu uma das chaves penduradas em seu cinto e a abriu.

— Por favor — disse ele, oferecendo a passagem para que o casal pudesse entrar.

Em seguida, o homem também entrou, acendeu as luzes e trancou a porta atrás de si. O local era ligeiramente repugnante,

pensou Quentin, mas não podia externar sua opinião. As paredes de espuma, encardidas e sujas; o chão de cimento batido. Havia alguns ganchos em correntes que pendiam do teto, duas cadeiras de madeira e uma mesa onde repousavam os instrumentos.

— Sentada ou em pé, gracinha? — indagou Mahoney, sob o olhar atento de Quentin.

— Hmm, eu pensei que poderíamos nos divertir um pouco, primeiro — respondeu Pris, aproximando-se do homem e acariciando seu queixo.

Abriu o zíper do macacão lentamente, deixando o gerente de olhos vidrados. Quando os seios se revelaram, Mahoney não perdeu tempo, estendeu as duas mãos para tocá-los, como uma beata diante de uma figura sagrada. Mas não chegou a sentir a pele da mulher sob seus dedos, pois antes que alcançasse os seios de pele branca e macia, perdeu os sentidos.

Pris fechou o zíper com pressa, enquanto Quentin, segurando uma barra de metal, encarava-a abaixo do pescoço.

— Não devia ter demorado tanto, idiota! — Pris estava irritada. — Esse porco estava prestes a me apalpar.

— Desculpe, mas é que foi difícil não me distrair — Quentin esboçou um sorriso, ainda mirando os seios dela, agora cobertos.

— Não se comporte como um adolescente. Quando isso acabar, vá a um bordel e descarregue essa energia. Agora, temos um trabalho sério a fazer.

— Ok, tá certo. Só me avise da próxima vez que for mostrar os peitos.

Ela revirou os olhos, se recusando a comentar a fala infeliz do jovem.



Onde está o Zed?

Não causo dor sem razão. Meus impulsos sádicos são satisfeitos quando causo dor por uma boa razão

(The Family)

Quando se acorda de uma boa noite de sono, a sensação é agradável, principalmente quando se pode levantar aos poucos, sentindo o corpo voltar ao estado de vigília; a percepção de que o cansaço se foi e de que suas energias foram restauradas. Contudo, quando se desperta de um desmaio provocado por um golpe na cabeça...

A primeira coisa que Mahoney percebeu foi a dor, uma fulminante dor de cabeça; depois, uma secura na boca. Abriu os olhos. Só então começou a sentir a ardência nos pulsos. Algemas o

prendiam em um dos ganchos no teto, machucando a pele. Os pés pendiam soltos no ar. Estava nu, com exceção do aparato de couro e metal a apertar seus testículos, agora também doloridos em demasia.

— O que diabos estão fazendo, seus desgraçados depravados?

Pris e Quentin esperavam sentados o despertar do homem. Assim que ele acordou, a mulher levantou-se, o jovem fez o mesmo, e ambos encararam Mahoney.

— Achei que aqui estavam acostumados a todo tipo de gosto — Pris o encarava profundamente. O olhar dela o assustava.

— Me tirem logo daqui, seus idiotas, ou vão sofrer as consequências.

— Não seja estúpido, Mahoney. Só queremos algumas informações. Se for um bom garoto, vai sofrer pouco e poder voltar pra casa pela manhã.

— Quem são vocês? — o olhar do prisioneiro passou de medo para pavor extremo.

— Nós fazemos as perguntas, ok? — Pris caminhava ao redor do homem pendurado, manipulando sua faca como uma criança faz com um brinquedo.

— O que querem de mim?

— Cadê o Zed? — disse Quentin, ainda sentado na cadeira e segurando a barra de ferro com a qual desacordara Mahoney.

— O quê?

— Ele perguntou — Pris se aproximou e pressionou a lâmina contra o mamilo esquerdo do prisioneiro — cadê o Zed.

— Não sei do que estão falando.

— Não nos faça de idiota — Quentin se levantou. — Todo o mundo sabe que o Zed é dono dessa espelunca, e que você é a

putinha dele. Agora, apenas diga onde ele está e tudo ficará bem.

— Vá se foder! — cuspiu Mahoney.

Quentin respirou fundo. Pris começava a empurrar a lâmina contra a pele do homem, fazendo-o gritar como um porco no abate, quando o jovem fez sinal para que ela parasse.

— Que foi? — ela perguntou, um semblante de decepção aparente.

— Acho que isso não vai nos levar a nada.

— Escute o rapaz, mulher! Se continuarem com isso, vão se dar muito... Aaaaahh!

O golpe foi certo, Quentin acertou-o com barra de ferro na lateral do quadril; era certo que o osso se quebrara. O urro foi alto e grotesco. Identificaram algumas palavras entre todos os improperios que saíam da boca de Mahoney, mas não parecia o suficiente. Um novo golpe foi dado.

O homem gritava com furor, suor abundava em sua face e saliva escorria do canto da boca. Seus olhos estavam injetados, tomados de um vermelho vivo. A perna tremia em espasmos. O segundo golpe partiu mais um pedaço do osso.

— Vocês são doentes! — berrou, em desespero.

— Achei que gostassem da dor — disse Pris, sorrindo para o torturado. — Afinal, não é tão durão como parece.

— Onde está o Zed? — Quentin voltou a perguntar.

— Quando ele souber o que estão fazendo, vão pedir pra morrer rápido, mas ele não fará isso, ele vai foder essa vadia até...

O punho de Pris encontrou o rosto de Mahoney, a frase foi interrompida e o sangue encheu-lhe a boca. Ofegante, ele cuspiu

uma porção daquele líquido vermelho e viscoso, dois ou três dentes mergulhados nele.

— Não faça ameaças que não pode cumprir, seu merda! — ela elevou a voz. Em seguida, puxou o aparato que prendia os testículos, fazendo a pele esticar-se e um novo urro de dor irromper da garganta dele. — Onde está o Zed?

— Foda-se, puta!

— Sério? Vai continuar com essa atitude? — Pris soltou os testículos, fazendo-o suspirar de alívio, e voltou-se para Quentin. — Pegue aquele alicate, garoto — apontou para a ferramenta sobre a mesa. — Sabe o que fazer?

— Claro — respondeu ele, pegando o alicate e aproximando-se de Mahoney. — Apertar e torcer.

Com um sorriso no rosto, Quentin apertou um dos mamilos, fazendo o outro gemer baixinho. Pressionou com mais força, a pele em volta foi tomada pela vermelhidão. Ao torcer a ferramenta, um grito descomunal ecoou pelo recinto. Contou até trinta, então afastou o alicate.

— Esses gritos estão me incomodando — disse Pris, antes que ele voltasse a torturar o homem.

— Vamos tapar a boca dele — Quentin caminhou até a mesa e pegou uma fita adesiva cinza.

— Não, não use isso — alertou ela, com pressa.

— Por quê? Dói que é uma beleza na hora de tirar.

— Mas não é rápido, não quero ficar muito tempo nesse lugar de merda.

— Então...

— Tire a meia.

— Como?

— Tire a meia! Tire a sua meia e enfie na boca dele!

— Mas foi presente da minha mãe!

Pris o fitou com severidade. Era o suficiente para que ele não mais a questionasse e fizesse exatamente o que ela mandara. Tirou o tênis sem desamarrar o cadarço, removeu a meia, que estava suada e não cheirava muito bem, embolou-a com a mão e foi até Mahoney. Tentou forçar a entrada na boca, mas o homem cerrou os dentes, recusando-se a abri-la. Quentin olhou para ela, que apontou para o próprio nariz.

Ele entendeu na hora. Com o alicate que segurava, envolveu o nariz do homem torturado e pressionou sem delicadeza, interrompendo o fluxo de ar. Após alguns segundos, sem mais aguentar prender a respiração, ele abriu a boca, no que Quentin introduziu a meia até o fim. As bochechas de Mahoney se inflaram e seus olhos verteram lágrimas.

— Agora, continue — disse ela.

Prontamente, ele voltou a prender o mamilo no alicate e a torcer. Dedicou-se a isso por alguns minutos, alternando entre os mamilos. O homem murmurava através da meia e se contorcia de dor. Dois filetes de sangue corriam o peito e a barriga, acumulando-se nos pelos do púbis.

— Tire a meia. Vamos ver se o garotão mudou de ideia.

Quentin puxou a peça de algodão da boca de Mahoney, que soltou uma lufada de ar, como se o nariz, também ferido, não fosse o suficiente para respirar. Os algozes o observaram recuperar o fôlego por alguns segundos, e logo Pris voltou a perguntar.

— Então, garotão, onde encontramos seu amigo?

— No meu rabo! — respondeu entredentes, emendando uma cuspidada.

Pris aproximou-se e socou a barriga proeminente do torturado. Ele abriu a boca para gritar e Quentin aproveitou a oportunidade para introduzir de novo a meia. Aproximou o alicate outra vez do mamilo, mas Pris acenou, fazendo-o parar. A mulher se aproximou e retirou o acessório que prendia o genital de Mahoney; apontou para o membro encolhido, os testículos em frangalhos, avermelhados da compressão.

Sorrindo de uma forma que fez o homem estremecer, Quentin envolveu o pênis com a ferramenta e começou a torcer. Desesperado, o prisioneiro urrou através da meia, sacudindo a cabeça como louco. Pris fez cessar o procedimento.

— Acho que nosso passarinho quer cantar.

Tirou a meia e deixou-o respirar. Em seguida, sacou a faca da bainha e deixou-a bem próxima dos testículos.

— Então, onde ele está?

— Eu vou dizer, eu vou dizer — expeliu Mahoney. — Só parem com isso, deixem meu menino em paz.

Ambos riram, mas preferiram não comentar. Sabiam que o tempo era curto e que se demorassem muito ali, logo alguém procuraria pelo gerente, e isso não seria agradável. Seriam obrigados a atirar em todos eles, o que daria tempo para Zed escapar, caso estivesse por perto.

— Onde está?

— No meu chaveiro... Tem uma tetra chave de cabeça azul. Você vai encontrar uma porta na outra ponta do corredor. Use essa chave e desça as escadas.

— O Zed vai estar lá? — Quentin perguntou.

— É o escritório particular dele. Ele está lá, agora.

— Alguém fazendo a segurança? — indagou Pris.

— Não. Ele está sozinho. Tem alguém com ele, mas não é uma ameaça.

— Quem está com ele?

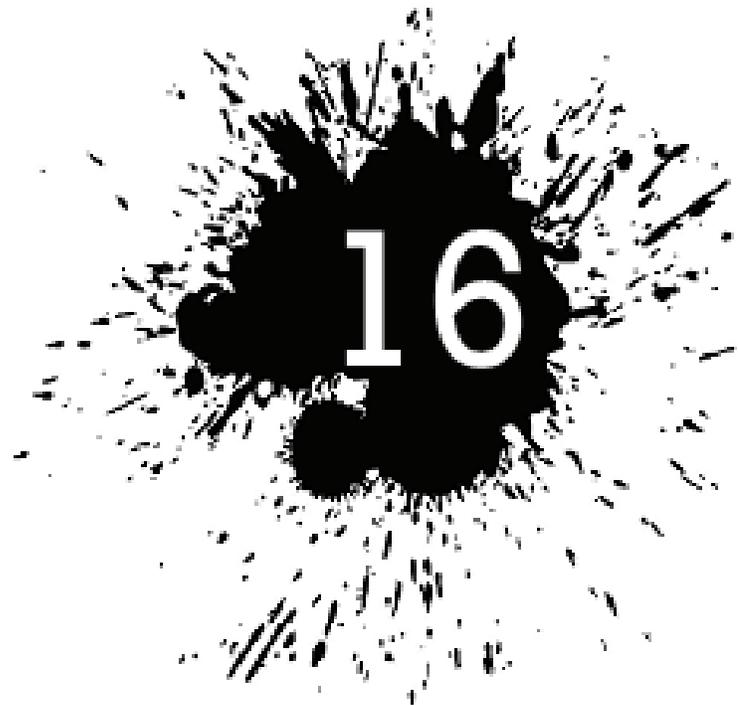
— Alguém que ele pegou pra diversão. Isso é tudo, eu juro! Por favor, me tirem daqui!

— É pra já — disse Quentin, pegando a barra de ferro no chão.

— Ei, espere! Eu fiz o que queriam, têm que me libertar. Por...
Um único golpe, de baixo para cima, em cheio na nuca. O desmaio foi instantâneo, assim como o sangue a verter da pele recém-aberta.

— Vamos? — disse Quentin. Pris o encarava, surpresa.

— Você é bem mais do que eu imaginava, garoto — ele sorriu, jogando a barra no chão. Ela virou as costas e abriu a porta. — Vamos pegar o filho da puta.



O Sequestro

Aqui se combate violência com violência.

(The Last King of Scotland)

Deixaram Mahoney desacordado, pendurado pelos pulsos e sangrando abundantemente pela ferida recém-infligida; provavelmente, a menos que fosse socorrido logo, o que era difícil de acontecer, o gerente sangraria até a morte. Pris e Quentin pareciam não se importar com aquilo. Ela trancou a porta por fora e ambos seguiram em direção ao escritório de Zed. Atravessaram o corredor apressados, chegaram à porta e testaram a chave que o homem torturado lhes dera. A fechadura abriu sem problemas e eles desceram por uma escadaria íngreme e mal iluminada.

Chegando ao pavimento inferior, deram de frente para outra porta, de madeira barata, também trancada; não possuíam a chave para abri-la, e Pris desejou poder voltar até Mahoney e lhe aplicar furiosos castigos por não tê-los alertado quanto a isso.

— Pegue sua arma — sussurrou ela.

Quentin obedeceu, sacando o .44 do coldre e apontando para a entrada. Pris apanhou sua pistola e contou mentalmente até três, enquanto se afastava. Ao término da contagem, golpeou a porta com a sola da bota direita. A madeira cedeu facilmente, dando passagem para que os dois entrassem. Apesar do barulho, não foram notados, e a cena que se desenrolava à sua frente deixou-os atônitos por breves segundos.

Um homem, que deduziram ser Zed, trajando um uniforme de polícia, estava de costas; com as calças e as cuecas arriadas, movimentava o quadril para frente e para trás, gemendo e resfolegando. Os cabelos loiros estavam bagunçados, e o suor abundante molhava sua blusa. À sua frente, um homem negro, forte e alto, de costas, o tronco estendido sobre uma mesa. Suas calças também estavam arriadas, e recebia as estocadas do policial com um esgar na face. Tinha uma bola vermelha na boca, presa por tiras de couro que se uniam na nuca. A cabeça, sem um fio de cabelo, brilhava à luz da única lâmpada no recinto.

— Acabou a festa — gritou Quentin.

Zed se assustou, cessando a penetração forçada. O homem sobre a mesa esboçou um olhar aliviado. Sem se preocupar em cobrir o genital que pendia ainda ereto entre as pernas, o policial tentou alcançar sua arma que descansava em uma mesa ao lado, mas

Quentin foi mais rápido, acertando seu joelho com um único disparo.

— Aaaah! Seu filho da puta!

— Acho que você é o Zed, não é?

— Quem você pensa que é? — vociferou, ajoelhado e sentindo muita dor.

— Olha aqui, você...

— Não aqui — disse Pris. — Não temos tempo. Vamos levá-lo, eu tenho o lugar certo para conversarmos — ela piscou um olho; Quentin ruborizou e sorriu. Em seguida, ela aproximou-se de Zed, abaixou-se e fitou seus olhos avermelhados. — Tem alguma saída secundária?

— Vá pro inferno, vadia!

Pris sorriu, pegou a faca na bainha e estocou no buraco feito pelo disparo no joelho do policial. O grito foi sonoro, mas, ali embaixo, ninguém os ouviria.

— Resposta errada, amigão — disse Quentin.

— Então? Saída secundária? — Pris segurava a lâmina com firmeza, pronta para girá-la a qualquer momento.

— Tem uma porta aqui nos fundos — respondeu o homem, apontando com a cabeça para os fundos do recinto.

— Pegue aquela fita — Pris ordenou a Quentin, apontando para uma fita adesiva cinza ao lado da arma de Zed.

Em alguns segundos, o dono da boate tinha a boca coberta por fita e as mãos algemadas atrás do corpo. O homem negro, que há pouco era sodomizado pelo policial, estava de pé, apenas fitando os dois estranhos que acabaram de salvá-lo, ainda que não estivessem ali para aquilo.

— Solta o cara — disse Pris, segurando Zed pelo braço.

Quentin se aproximou do homem, removeu o acessório que o impedia de falar, e, em seguida, cortou com uma faca as cordas que atavam seus pulsos e tornozelos.

— Você está bem, cara? — perguntou o jovem, enquanto o outro subia as calças e afivelava o cinto.

— Eu devo a vocês — disse, tirando a carteira do bolso e apanhando um cartão. Em seguida, entregou-o a Quentin. — Se precisarem de alguma coisa, liguem nesse número.

— Ah... Ok, obrigado — o jovem pegou o cartão e leu o nome Ringo James. — Agora, temos que ir. Tenha um bom dia.

Pris empurrava Zed em direção à saída. Quentin os seguia, ainda fitando o cartão dado por James. Chegaram a uma porta, curiosamente destrancada, e atravessaram. Saíram em um beco na rua de trás da boate. Ainda que fosse noite, não seria prudente sair com um homem ferido e algemado pela rua.

— Vou dar a volta e trazer o carro.

Dois minutos mais tarde, o Dodge era estacionado com o porta-malas virado para o beco. Quentin desceu e abriu o porta-malas.

— Porra, garoto! Não tirou as armas do carro?

— Desculpe, é que...

— Você ia simplesmente colocar o cara mau junto com esse arsenal?

— Mas ele tá amarrado.

— Não é o suficiente, vamos ter que apagar esse bostinha.

— Mas preciso das informações dele!

— Eu disse apagar, não matar. Acordamos ele quando chegarmos.

Pris empurrou Zed e obrigou-o a entrar ali. O semblante do policial era uma mistura de ódio e medo, mas a mulher o fitava de volta com apenas indiferença nos olhos. Antes de fechar a porta, segurou-o pela camisa e socou sua cabeça duas vezes. Foi o bastante para que perdesse a consciência. Fechou a porta e entrou no carro junto com Quentin. Ele dirigiu até onde estava a moto, ela desceu e montou seu veículo, dando a partida.

*

Percorreram cerca de vinte quilômetros, e Quentin não sabia mais onde estavam. No entanto, Pris parecia conhecer bem o lugar. Em meio a uma grande área sem construções, erigia-se um galpão de pé direito altíssimo e portões de metal oxidado, porém de constituição sólida. Ela empurrou o portão, que estava destrancado, e entrou com a moto. Quentin também estacionou lá dentro, vendo a entrada ser novamente fechada atrás de si.

Ao sair do automóvel, observou que o lugar já estava preparado para aquilo que fariam a seguir. Além de uma cadeira velha no centro, uma mesa ao lado onde repousavam um grande número de ferramentas; algumas delas, Quentin tentava descobrir para que serviam, pois jamais vira algo parecido.

— Traz o guardinha aqui — Pris bateu no espaldar da cadeira, novamente piscando para o jovem. Toda vez que ela piscava, com aquele tapa-olho exótico, o rapaz sentia um calor no peito.

Quentin abriu o porta-malas e encontrou Zed desmaiado. Havia uma boa quantidade de sangue empoçado sob o corpo; sorte ter mantido o plástico a forrar o compartimento. Desferiu três tapas na face suada do policial, até fazê-lo acordar.

— Acorda, Branca de Neve.

Zed murmurou. Certamente a dor no joelho voltara, e a vontade era de gritar algo, mas a fita adesiva o impedia de libertar o urro.

— Levanta!

Foram necessários mais alguns bofetões até que o homem saísse do porta-malas. Quentin agarrou seu braço e o conduziu até a cadeira. Pris já tinha um rolo de fita adesiva nas mãos e foi logo prendendo pulsos e tornozelos na madeira. Em seguida, removeu de supetão o pedaço de fita que selava a boca.

Zed não disse nada, apenas bufou e resfolegou. Tinha a boca seca e a cabeça latejava. O joelho vertia uma quantidade generosa de sangue; se continuasse assim, não demoraria a desmaiar novamente.

— Precisamos estancar o sangue — Pris apanhou uma faixa limpa e atirou para Quentin.

— Por quê? Deixe o desgraçado sangrar!

— Se ele desmaiar, não vai poder dizer nada.

— Justo — respondeu ele, enquanto estancava o ferimento e enrolava a faixa no joelho. — Pronto, podemos começar?

— Pode fazer as honras — Pris sentou-se na mesa. Tinha um sorriso nos lábios e o olhar fixo em Quentin. Percebendo isso, ele sorriu de volta, não conseguindo impedir as bochechas de ruborizarem.

— Então, Zed — começou Quentin, ajoelhado em frente ao prisioneiro —, você tem duas opções. Primeira: eu pergunto, você responde, e, daqui a algumas horas, estará no conforto de um hospital. Segunda: eu pergunto, você não responde, eu te torturo, você sangra e grita como um porco e responde, e, daqui a algumas

horas, estará todo fodido e, com sorte, conseguirá se arrastar até o hospital. Então, o que me diz?

— Vocês são uns doentes! Se não me soltarem, estarão em uma encrenca dos diabos. E você, garoto, não tem pra onde fugir. Eles vão te encontrar, mais cedo ou mais tarde.

— Acho que ele escolheu a segunda opção — observou Pris.

Ainda sentada na mesa, pegou uma faca enferrujada entre os instrumentos ali dispostos e atirou-a para Quentin. Ele segurou a arma pelo cabo e deslizou o dedo pelo fio da lâmina. Os olhos de Zed estavam arregalados, mirando o metal enferrujado com pavor.

— Ela está certa, Zed? Vai se fazer de durão? Pois eu acho que você só é durão quando está enrabando um cara amarrado. Quando é você o vulnerável, a coragem dá no pé. Estou errado?

— Vá se ferrar, garoto! Se eu contar alguma coisa, o que farão comigo vai ser pior que qualquer coisa que você possa imaginar.

— Acho melhor se apressar — Pris se dirigiu a Quentin. — Não vai demorar para darem falta do Senhor Violador aí.

— Não vão nos achar aqui tão fácil.

— Eles têm recursos, não será tão difícil assim nos rastrear.

— Tá certo. Vamos acabar logo com isso. Vai falar?

— Seu... Aaaaaah!

Assim que Zed abriu a boca para cuspir mais um impropério, Quentin cravou a faca com toda a força em sua coxa, girando, em seguida, cento e oitenta graus. A dor foi tamanha que o policial perdeu o controle de seus impulsos fisiológicos, descontraindo o esfíncter e a bexiga. O odor dos dejetos emergiu rapidamente.

— Desgraçado, filho da puta! — O grito misturava-se ao choro, as lágrimas corriam desenfreadas pela face suada. — Por que fez

isso, seu merda do caralho? Por quê?

— Não temos tempo, Zed. Preciso de respostas. Diga quem é o chefe e por que me quer, e tudo isso acaba!

— Você não ent... — Quentin forçou a faca novamente, completando o giro. — Tá bom, tá bom, eu falo! Pelo amor de Deus, você é completamente doente!

— Estou ouvindo, Zed. Comece a cantar, passarinho.

— Os caras me pagaram pra mandar alguém atrás de você no motel. Mas a assassina que eu mandei não voltou.

— Diga algo que eu não sei.

— Não sei quem é o chefe!

— Resposta errada, id...

— Espere, espere! Posso te entregar o homem com quem negociei. — Quentin esperou, fitando os olhos molhados do prisioneiro. — Não sei onde encontrar o cara, mas todos o chamam de Coronel.

— Isso não me ajuda em nada, seu des...

— Um telefone! — Zed estava desesperado. — Tenho um número de emergência para entrar em contato.

— Pode falar.

— No meu bolso, tem um papel com o número anotado — o prisioneiro respirava com dificuldade, o coração golpeava as costelas com violência.

— Não acredito que seja tão estúpido — disse Quentin, pescando o papel no bolso de Zed.

O número estava lá. Ele se levantou, guardou o papel em sua carteira.

— Deixe eu ir embora, eu já disse tudo que sabia.

— Vamos chamar uma ambulância.

Pris desceu da mesa e caminhou até o jovem. Olhou bem para os olhos de Zed. O medo ainda estava presente, e a fragilidade era impressionante, nem parecia o mesmo sujeito que há pouco violentava um homenzarrão no subsolo de sua boate.

— Empresta o seu revólver — diferente do costumeiro, Pris disse em tom de pedido, não de ordem.

Sem pestanejar, ele sacou o .44 do coldre e o entregou a ela. Assustou-se quando Pris puxou o gatilho quatro vezes. O impacto foi tamanho que o corpo, com um rombo no peito, fez a cadeira tombar para trás.

— O que está fazendo? — indagou Quentin.

— Faxina. Agora, vamos dar o fora daqui e ir atrás desse Coronel.

— Precisava matar o infeliz?

— Precisava. Ninguém pode saber o que ele nos disse, precisamos do fator surpresa. Olha só, garoto, você é até interessante, mas é sensível demais. Gente morre todo o tempo. Tá parecendo uma maldita bandeirante.

— Esquece, não tá mais aqui quem falou. Só tente usar menos munição da próxima vez.

— Vamos sair daqui. Quando estivermos seguros, ligaremos para o Coronel.

Pris piscou, enquanto abria o portão do galpão. Passaram com os veículos e Quentin selou a passagem. Não disseram mais nada. Ela acelerou e ele foi em sua cola. A motocicleta avançou como se não houvesse amanhã. O Dodge estava no limite de sua capacidade,

o termostato acusava superaquecimento e Quentin começava a ficar nervoso.

Súbito, um vulto negro passou à sua frente. Em seguida, sentiu um forte impacto e perdeu os sentidos.



O Coronel

*É difícil a gente gostar de um cara que quer matar a gente.
(Whole Nine Yards)*

A dor na cabeça era extrema, nem mesmo em sua pior ressaca sentira algo parecido. Quando abriu os olhos, uma luz forte apontava para o seu rosto, forçando-o a fechá-los novamente. Sem enxergar, tentou lembrar como fora parar ali, mas a última memória acessível em sua mente era a dele no carro, tentando alcançar Pris. Sentiu que seus membros superiores estavam amarrados com cordas ásperas, fixos nos braços de madeira de uma cadeira. As pernas também não podiam se mover.

Mesmo de olhos fechados, o jato de luz incomodava, atravessando a pele fina das pálpebras e esquentando sua fronte.

Quando percebeu a luminescência se extinguir parcialmente, arriscou abrir vagarosamente os olhos.

— Você nos deu um grande trabalho, jovem Quentin.

Não foi capaz de reconhecer a voz, mas notou um sotaque estranho. Aos poucos, o borrão alvo se limpava da visão e algo distinguível se formava à sua frente. Com dificuldade, reconheceu que era um homem, vestido em um uniforme militar completo, adornado por diversas medalhas. Alguns segundos depois, percebeu a medalha no pescoço, uma cruz simétrica com o símbolo da *Schutzstaffel*. Aquilo o fez estremecer, era a visão mais bizarra que já tivera. Atrás do homem, uma bandeira vermelha ostentava uma enorme suástica preta sobre um círculo branco.

— Como eu vim parar numa maldita festa à fantasia? — inquiriu Quentin.

— Gosto do senso de humor americano — prosseguiu o militar; com a mente mais desanuviada, o jovem prisioneiro concluiu ser o tal Coronel. — Mesmo nas situações mais difíceis, sempre reagem com uma boa piada. Mas, desta vez, quem rirá por último serei eu. É um bingo!

— Como?

— Não é assim que vocês dizem? É um bingo!

— Apenas bingo, senhor... Coronel.

— Uh... Vejo que já ouviu falar de mim; fico realmente lisonjeado. E eu não costumo dizer isso para quem estou prestes a matar.

— E como pretende me matar? De tédio?

— Rá rá rá rá rá! — o Coronel gargalhou de maneira forçada, sacudindo os ombros como um boneco articulado. — Adoro os

americanos, são tão engraçados.

Enquanto ria, o militar tirou de um bolso do casaco um enorme cachimbo e uma caixa de madeira. Da caixa, retirou um punhado de fumo e um fósforo. Encheu o forninho e riscou o palito, incendiando as ervas secas. Puxou a fumaça com vigor e deleite, ao mesmo tempo em que encarava Quentin de uma forma estranha.

— Sei que não vai me matar. Trabalha pra alguém que me quer vivo, caso contrário, eu já estaria morto. Por que não diz logo quem é o filho da puta e por que diabos me quer?

— Tudo a seu tempo, rapaz. Tudo a seu tempo. Em breve, saberá o porquê de tudo — disse o homem, cuspiendo uma baforada de fumaça no rosto do prisioneiro. — Sabe de uma coisa, jovem Quentin? Eu sou um militar, como pode ver, mas meu grande mérito é o de ser um excepcional detetive. Eu segui seus rastros e consegui interceptar sua fuga após você e aquela mulher de um só olho matarem aquele homem inábil que contratei. Mas uma coisa não sai de minha mente, algo que não consegui decifrar.

— Será que dá pra me matar primeiro? — Quentin se fazia de indiferente, mas estava apavorado.

— Em breve, jovem. Primeiro, me esclareça: como aprendeu a manusear armas tão bem e como foi que matou todos aqueles motociclistas?

— Bem, é uma longa história, e talvez um pouco cansativa para um nazi que mal fala minha língua.

O Coronel sorriu, sugou a fumaça tóxica do cachimbo e se encostou no espaldar da cadeira.

— Aquele caubói que te ajudou no massacre continua uma incógnita para mim. Assim como aquelas semanas em que você

simplesmente desapareceu. Por favor, jovem Quentin, mate minha curiosidade.

— Isso é vinho? — indagou, apontando com a cabeça para uma garrafa que repousava no canto da mesa, acompanhada de três copos finos.

— Perdoe-me, meu jovem. Como pode ser tão rude? Aceita uma taça de vinho?

— Eu preferia algo mais forte, já que pode ser minha última dose, mas um vinho não é de todo ruim.

O estrangeiro pegou a garrafa mais dois copos e posicionou-os ao centro da mesa, removeu a tampa e serviu duas doses generosas.

— Schultz — chamou um dos homens que montavam guarda logo atrás do prisioneiro —, desamarre a mão direita do nosso convidado.

— *Ja!* — respondeu o soldado, um alemão com aproximadamente dois metros de altura, forte como um puro sangue.

O anfitrião empurrou o copo com a bebida até Quentin que, após se acostumar com a liberdade parcial, esticou o braço para alcançar o vinho. Como tinha sede, bebeu todo o conteúdo em um único gole, devolvendo, em seguida, o copo ao Coronel.

— Vê-se que não está acostumado a apreciar um bom vinho. Vou relevar, conquanto que me conte o que eu quero saber.

— Pode me servir um pouco mais, por favor?

Após ter o copo novamente cheio, o jovem prisioneiro bebeu um pouco, respirou fundo e fitou os olhos do Coronel; era um olhar de curiosidade, como o de uma criança que vai ao circo pela primeira vez.

— Então...

— Bem — Quentin tinha um meio sorriso na boca, mesmo estando apavorado —, tudo começou quando minha mãe chegou em casa um dia com um presente embrulhado em papel dourado. Pela forma, eu soube logo o que era, estava acostumado a receber aquele tipo de presente. Era um garoto de apenas catorze anos, então abri como alguém da minha idade faria, rasgando o papel em vários pedaços. Quando coloquei os olhos na capa daquele VHS, meus olhos brilharam, sabe? Eu não me esqueço daquilo. A figura do De Niro de braços cruzados, óculos escuros, um moicano na cabeça, aquilo...

— *Nein, nein, nein!* — gritou o coronel, levantando-se e socando a mesa com raiva. — Não me trate como um imbecil, americano, ou sou capaz de lhe entregar faltando pedaços.

— Você queria ouvir a história, eu estava contando. Foi assim que aprendi. — O cinismo do jovem prisioneiro fazia o ódio faiscar nos olhos do alemão à sua frente.

— Rapazes! — Apontou os dedos para dois soldados que se postavam como estátuas alguns metros à retaguarda de Quentin. — Levem esse *arschloch* para seu... aposento. — Após a ordem, gargalhou de forma doentia.

Um dos soldados desamarrou-lhe os tornozelos e o outro atou-lhe os pulsos atrás do corpo. Cada um lhe segurou um dos braços e conduziram-no para fora da saleta. Seguiram por um corredor até um quarto escuro. Totalmente vazio, não possuía janelas. Era praticamente uma cela. Quentin sentiu o cheiro de urina e sangue, além de outras coisas piores; o refluxo subiu de imediato, mas se

esforçou para não regurgitar os detritos que forçavam passagem pela garganta.

Antes de ouvir a porta se fechar às suas costas, sentiu a sola da bota do soldado em seu traseiro, fazendo-o cair com o rosto no chão insalubre do lugar. Ali, a única fonte de luz vinha da fresta por debaixo da porta, e não servia para muita coisa. Quentin se arrastou até uma das paredes e encostou-se a ela, respirando fundo e tentando pensar. Não tinha habilidades de luta, nem tampouco para fugir dali; o desespero, que já existia, mas fora parcialmente suprimido pelo cinismo diante do coronel, foi aumentando gradativamente. Ele sabia que não tinha escapatória, nada menos que um milagre poderia salvá-lo de um destino cruel.

Apesar dos longos minutos passados, seu coração não diminuía o ritmo e sua respiração continuava ofegante como se acabasse de correr quilômetros. Contudo, a fadiga estava impregnada em seu corpo, e, após algum tempo — talvez minutos, talvez horas — acabou por adormecer naquele chão fétido e imundo.

*

Quentin acordou assustado. Ouvira o barulho de vozes e pancadas. À medida que retomava a consciência, voltava a sentir o cheiro forte de dejetos. O som externo também se intensificava e tornava-se mais claro. Ouvia gritos, gemidos, palavras em alemão; escutava também barulhos diversos de batidas, objetos se quebrando e disparos de armas de fogo. Levantou-se, afoito, procurando uma maneira de desamarrar suas mãos. Não sabia o que estava acontecendo, mas não queria estar amarrado quando aquela confusão chegasse a ele. Contudo, não havia nada que pudesse usar.

O lugar estava totalmente deserto, até a maçaneta fora removida do lado de dentro, sem parafusos, pregos ou lascas de madeira.

Preciso sair daqui, pensou, resoluto. Pôs-se a tentar arrombar a porta, mas esta era reforçada por tiras de metal, e a fechadura parecia antiga e forte. Depois de algumas tentativas, desistiu, amargando uma dor forte nos braço e ombro esquerdos. Tomou fôlego e se preparava para investir novamente, agora com a sola do sapato, quando percebeu que estava descalço. Os alemães tiraram seus sapatos. Ouviu o barulho cessar por um instante; em seguida, o som de passos no corredor avivou-se rapidamente, indicando a aproximação. Temendo quem estivesse se aproximando, afastou-se o quanto pôde da entrada e esperou. Dois disparos precederam a abertura da porta. Quentin já se imaginava sendo levado dali com violência extrema, arrastado pelos braços de qualquer maneira, quando surgiu um rosto conhecido no umbral.

Sua reação foi instantânea: sorriu como um idiota feliz ao fitar aquele olho brilhante, o tapa-olho negro, a roupa amarela e preta. A semiautomática pendia ao lado do corpo, firme na mão direita. A esquerda carregava uma katana suja de sangue.

— Vamos, garoto! — disse Pris. — Precisamos dar o fora desse lugar.

— Por que demorou tanto? — respondeu ele, correndo em direção à sua salvadora.

— Tive que pedir reforços — a mulher tirou a faca da bainha e cortou a corda que atava os pulsos de Quentin.

O jovem esfregou a pele onde estivera a corda, ferida e avermelhada. Pris voltou pelo corredor pelo qual viera e ele a seguiu de perto. Ouvia alguns gritos vindos da sala do Coronel, contudo,

não reconhecia nenhum sotaque alemão. Quando chegaram à saleta, viu dois alemães ajoelhados. Um deles era o coronel, o outro, um soldado. Em frente aos homens, uma figura curiosa.

Era um homem alto, forte, cabelos pretos bem penteados. Usava uma camiseta branca, meio surrada, com suspensórios segurando as calças de tecido escuro. Do pescoço, pendiam inúmeros cordões com medalhas de prata. Tinha sangue salpicado no rosto e por todo o corpo, o que era explicado pelos cadáveres de militares que se espalhavam pelo chão. No entanto, o que mais impressionou Quentin foi o olhar; era doentio, emoldurado por sobrancelhas espessas; dava medo. O sujeito segurava um bastão de madeira, apoiado no ombro do soldado, pronto para ser usado novamente.

— Tire os escalpos — disse o homem, sacando uma faca comprida de uma bainha na linha axilar e entregando-a a Quentin.

— O... O quê? — indagou o rapaz, confuso, após pegar a arma branca oferecida.

— Dominic é um colecionador — explicou Pris.

— Mas... Isso é...

— Devia obedecer, garoto. Ele salvou sua vida, mas pode reverter isso a qualquer momento. E, acredite, eu não vou tentar impedi-lo.

Antes que Quentin rebatesse, assustou-se com o urro de Dominic, que afastou o bastão e golpeou a cabeça do soldado com extrema força. O corpo tombou de lado, o crânio esfacelado sobre uma grande poça de sangue. Sem pensar duas vezes, o jovem se ajoelhou ao lado do corpo mais próximo e pôs-se a remover o escalpo do falecido.

— Eu quero meus escalpos, rapaz — disse Dominic, gargalhando.

Aproximou-se do coronel e pousou o taco em seu ombro direito. O alemão murmurava, mas a mordança em sua boca impedia que as palavras fossem ditas.

— Ele não, Dom — interveio Pris.

— Por que não? Esse é o filho da puta mais bem penteado e perfumado daqui. Eu quero seu escalpo!

— Precisamos do desgraçado para pegarmos o chefe, sacou? Vamos poupá-lo para termos mais escalpos. O que acha?

— Tá certo — concordou o brutamonte, formando no rosto uma expressão de derrota —, mas só porque você pediu. E você, garoto — voltou-se para Quentin —, ande logo com isso.

Ligeiramente assustado, Quentin dedicou-se à tarefa a ele infligida. Puxou o cadáver ainda quente pelos cabelos, e tocou a lâmina na pele da testa. Em um movimento contínuo, fez a faca separar o couro cabeludo do crânio. Pensara que seria mais difícil, mas aquela arma era bastante afiada e, em poucos segundos, tinha em mãos o primeiro escalpo. Dominic, observando a performance do jovem, atirou para ele um saco de pano. Não foi preciso explicar; imediatamente, colocou o couro cabeludo do alemão dentro do saco.

Partiu para o segundo, que estava a dois metros do primeiro. Puxou os cabelos e começou a cortar. Aquela tarefa ativara sua memória. Lembrou-se, enquanto escalpelava o alemão, de certa vez quando a mãe pediu que lhe ajudasse a destrinchar um frango. A sensação de separar as partes da ave morta era parecida, contudo, retirar o escalpo de um homem morto parecia bem mais simples, além de ligeiramente prazeroso.

Quando chegou ao último cadáver, o mais fresco de todos, já ganhara habilidade na tarefa. Tinha as mãos lambuzadas de vermelho, mas parecia não se importar. Findados os defuntos, Quentin levantou-se com o saco de escalpos na mão e estendeu-o para Dominic.

— Fez um bom trabalho, garoto! Tem jeito pra coisa.

— Agora — manifestou-se Pris —, vamos descobrir onde está o chefe dessa zorra toda e darmos o fora daqui.

Com a faca, rompeu a mordança que tapava a boca do coronel, deixando que um gemido de alívio irrompesse por entre os lábios. O suor abundava no rosto do alemão. Contudo, este mantinha uma pose de altivez.

— Quem é o chefe? — indagou Pris, antes que o militar dissesse qualquer outra coisa.

— Não sabem com o que estão se metendo, meus jovens.

— Não temos tempo, Coronel — Quentin disse, aproximando seu rosto do homem de joelhos.

— Cavalheiros... E dama — completou, ao ver a expressão de desagrado de Pris —, sabem que isso não vai dar certo. Assim que eu disser o que querem saber, esse troglodita vai atingir meu crânio com essa rudimentar arma. Sendo assim, acredito que necessitamos de um acordo mais equilibrado.

— O que quer? — Quentin estava agitado. Toda aquela sessão de escalpelamento o excitara sobremaneira.

— Bem, primeiro, que me desamarrem. Depois, forneçam-me uma arma de fogo carregada e me deixem ir.

— Que tal umas garrafas de uísque e algumas dançarinas exóticas? — rebateu Quentin, sorrindo.

— Creio que isso não seja necessá... Aaaaahh!

O berro foi sonoro. Pris acabara de cravar sua faca no ombro direito do Coronel. Segurava o cabo com firmeza, e começou a rodar enquanto repetia a pergunta.

— Quem é o chefe... Coronel? Não temos tempo para gracinhas.

— O que está fazendo? — ele gritou desesperado. — É louca!

— Sim, muito louca — respondeu Quentin. — E ela não vai parar até que diga o que precisamos saber. Além disso, nosso amigo grandalhão aqui vai adorar seu escalpo perfumado em sua coleção.

— Está bem, está bem! Só a faça parar — murmurou o alemão, tentando conter a dor no ombro.

Pris soltou a faca, que permaneceu cravada na carne do militar. Dominic permanecia com o taco em posição, e Quentin postava-se ao lado do interrogado.

— O homem que está por trás de tudo isso se chama...

Mas não houve tempo para concluir a frase. Um estrondo precedeu a porta arrombada que caiu aos pedaços no chão. Ouviram-se alguns disparos. Pris e Quentin saltaram para trás da mesa do Coronel, mas Dominic foi atingido, uma vez entre os olhos e duas no peito. Tombou sem vida quase que instantaneamente. O sorriso sádico ainda estampava a face, misturado à surpresa manifesta no olhar.

Os homens entraram atirando. Quentin e Pris se protegiam como podiam. O cabide estava próximo, e ele conseguiu alcançar seus revólveres. A mercenária sacou a semiautomática e ambos atiraram de volta. Lançaram uma primeira investida e se recolheram, recebendo o troco em uma saraivada de tiros que fazia a mesa, de

madeira e metal reforçado, tremer furiosamente. Dispararam novamente, dois oponentes caíram, mas ainda havia muitos.

Quentin abriu o tambor de suas armas, sabendo que não tinha munição extra. Pris esgotara seu último pente. Ambos ofegavam, o coração saltando do peito com violência, o suor abundante precipitando-se das têmporas quentes.

— Acabou minha munição! — ela gritou, para ser ouvida em meio aos disparos.

— Só tenho sete balas — disse ele, fitando os tambores abertos e contando quatro projéteis em um revólver e três no outro. — Acho que estamos fodidos.



Fuga impossível

*Os mortos só sabem uma coisa: É melhor estar vivo.
(Full Metal Jacket)*

O barulho era ensurdecedor. Quentin e Pris mal podiam ouvir a voz um do outro. Sem nada dizer, ela estendeu a mão; ele soube o que a mercenária queria e, sem hesitar, depositou um dos revólveres na palma aberta. Com a arma em punho, revelou-se rapidamente e disparou uma vez, voltando a se esconder com agilidade. Ouviram os tiros de resposta enquanto ela fazia a contagem, estendendo os dedos da mão livre. Um... Dois... Três... Quatro... Cinco. Dessa vez, Quentin se levantou, atirando também uma vez.

Precisavam economizar munição, pois em breve ficariam indefesos. Contudo, se parassem de atirar, favoreceriam a

aproximação dos oponentes, o que seria a garantia de uma morte certa. Seguiram administrando a munição, até que sobrou apenas um projétil na arma de Pris. Quentin fez um sinal, com o dedo horizontalmente na garganta. Pela primeira vez, viu na expressão da mercenária a iminência da derrota.

Encostado à mesa, sentindo-a vibrar pelos disparos e ouvindo os tiros zumbirem forte em seus tímpanos, o jovem começou a rezar. Tentou se lembrar de alguma oração que pudesse ajudar, embora não fosse de seu costume fazer aquele tipo de coisa. Acabou por fazer uma mistura dos fragmentos que conseguiu capturar da memória e fechou os olhos; quase aceitava que seu fim acabara de chegar. Não havia esperança, não havia escapatória. Quem quer que fosse que estivesse em seu encalço, hoje colocaria as mãos nele.

Pris atirou; agora, estava acabado, não havia mais munição. Após proferir sua oração de colagens de fragmentos, Quentin abriu os olhos; fitou o rosto preocupado da mercenária, por quem passara a nutrir certo afeto, além da atração física inevitável; olhou para o outro lado e notou um objeto que não percebera antes. Aguçou a visão e seu coração disparou; era como um sinal dos céus, uma resposta dos santos, deuses ou seja lá quem atendera às suas preces. Abaixou-se e esticou o braço para alcançar o artefato esférico.

— Acho que ganhamos uma sobrevida! — gritou para Pris.

O rosto da mercenária, que antes era de preocupação, ganhou uma nova luz, os olhos brilharam e um sorriso desenhou-se na face. Antes que ela se manifestasse, Quentin estendeu a mão, oferecendo a granada encontrada. A mulher apanhou o artefato e devolveu o revólver descarregado para o dono. Com um sinal de cabeça,

confirmou com o jovem se ele estava pronto para o que viria a seguir; precisariam ser rápidos.

Puxou o pino da granada com os dentes, levantou-se parcialmente e atirou o objeto na direção dos atiradores. Em seguida, ela e Quentin abaixaram-se, aguardaram alguns segundos e ouviram o estrondo. Destroços voaram para todos os lados, mas os disparos cessaram. Aproveitaram a calma pós-explosão e levantaram-se. Alguns corpos foram lançados por sobre a mesa, e estavam bem próximos. Pris pegou algumas armas dos cadáveres, dividindo o espólio com Quentin.

— Vamos, logo! Os outros estão vindo.

Em meio a muita fumaça, corpos e entulho, correram e passaram pela porta dos fundos. Antes de deixarem o prédio, já ouviam os passos dos sobreviventes em seu encalço. Pris estava à frente. Quentin não fazia ideia de onde estavam. Quando ela parou em frente a um carro preto, ele perguntou:

— Cadê meu carro?

— Aquela lata velha já era. Entra aí atrás e pega a espingarda debaixo do banco.

— Filhos da puta! — gritou Quentin, entrando pela porta de trás e apanhando a espingarda calibre 12 com pressa.

Pris assumiu o volante, ligou o veículo e acelerou. Em poucos segundos, a velocidade passava dos cem quilômetros por hora. Não demorou muito, também, para que três outros carros surgissem à retaguarda.

— Estão atrás de nós — avisou Quentin.

— Porra! Foram mais rápidos do que pensei. Carrega logo a espingarda!

Sem pestanejar, ele pegou a caixa com projéteis que encontrara junto à arma e começou a municiar a espingarda. Olhou para trás e percebeu que os carros se aproximavam com velocidade. Estranhou que não usassem carros militares, visto que os alemães vestiam-se como se ainda estivessem na Segunda Guerra. Em vez disso, dirigiam três Mini Coopers, cada um em uma cor diferente; azul, branco e vermelho.

Quentin abriu a janela e colocou a arma para fora. Não tinha uma boa mira ainda, era noite e a iluminação da rua, que estava deserta, não ajudava muito, mas estava pronto para disparar.

— Acerte nas rodas ou no motorista, nada de desperdiçar oportunidades.

— Acelera! Nossa melhor chance é despistá-los. Seja Michael Caine em Um Golpe à Italiana.

Ela virou o rosto por um momento, sem descuidar da direção, depois, voltou a olhar para frente e disse:

— Caine não está dirigindo no filme, seu idiota!

Ficou sem palavras, buscou pela memória e viu que Pris estava certa, mas não teve tempo de dizer nada, pois os carros já estavam muito perto, e o primeiro tiro foi disparado. O para-brisa traseiro trincou em toda a sua extensão, mais alguns disparos e estaria inutilizado. Quentin respondeu, disparando duas vezes. Tentou acertar as rodas, mas atingiu apenas as lanternas do lado esquerdo do veículo vermelho. Recuou, saindo da janela, ao ver que o carro, já ao seu lado, preparava uma colisão lateral.

O impacto fez seu veículo patinar. Pris girou o volante, retomando a direção em linha reta, mas logo uma nova batida ocorreu. O carro branco aproximou-se do outro lado. Quentin

mudou de janela, atirando contra o motorista. O vidro, totalmente fechado, apenas trincou de leve; era blindado.

— Caralho! — praguejou o jovem. — São blindados.

— Acerte as rodas, é nossa única chance — disse Pris, dando um golpe no volante. — Segura aí.

O aviso foi intempestivo, pois já estavam colidindo com o veículo alvo. Os alemães foram lançados para a faixa contrária. Pris acelerou ao máximo, ganhando alguns metros de vantagem.

— Atira! — gritou ela.

Quentin colocou-se para fora da janela, mirou e disparou com precisão, duas vezes. O pneu dianteiro esquerdo dilacerou-se rapidamente, a roda nua raspava o chão, produzindo faíscas que podiam ser vistas à distância.

— A outra! — ordenou Pris.

Aproveitando a fragilidade do veículo, Quentin atirou mais duas vezes, produzindo o mesmo efeito no pneu da direita. O perseguidor desacelerou involuntariamente. Logo a borracha entrou em combustão e o veículo começou a desaparecer pelo espelho retrovisor. Quando voltaram a atenção ao carro vermelho, que vinha da esquerda, viram um clarão ao longe: a explosão do automóvel que ficara para trás.

Abaixaram-se quase no limite do tempo. De janela aberta, o passageiro do veículo disparou repetidas vezes, a lataria ficou cravada de furos. Quando os disparos cessaram temporariamente, Quentin levantou a cabeça e atirou duas vezes. Um dos passageiros foi atingido na garganta, e um jato escarlate manchou o para-brisa. Abaixou-se, prevendo uma nova investida, mas não antes de reconhecer um dos homens no banco traseiro. O Coronel tinha uma

pistola longa na mão direita, e se protegia atrás de um de seus soldados, um enorme alemão de cabeça raspada à máquina.

— Abaixa o banco, tem granadas no porta-malas!

— E você só avisa agora? — respondeu ele, entre os disparos dos inimigos.

Afoito, Quentin abaixou o banco e apanhou uma caixa de papelão cheia de granadas de mão. Segurou uma delas, tirou o pino e esperou. Quando notou um intervalo entre os disparos, estendeu a mão para fora da janela e lançou o artefato. Por infortúnio, o explosivo bateu na lateral da janela e caiu no asfalto.

— Merda! — gritou Pris.

— O que foi?

— Você errou!

— Porra!

Quentin olhou pela janela. O carro vermelho, em que se encontrava o coronel, ainda estava próximo. Alguns metros atrás, o terceiro veículo, o azul, tentava alcançá-los. Em seguida, a explosão. O artefato detonou no exato momento em que o automóvel celeste passava por ele.

— Isso! — comemorou Quentin. — Agora só falta um — completou, sendo logo interrompido pelos disparos do carro ao lado.

— Se segura, garoto; vamos voar!

Pris abriu um compartimento no painel do carro, revelando um botão vermelho. Olhou para o lado, os homens do Coronel atiravam sem parar, era difícil manter a direção e se abaixar ao mesmo tempo. No momento que julgou adequado, pressionou o botão. O carro disparou, ganhando uma boa distância.

— Que porra é essa? — indagou o jovem, surpreso com aquela arrancada.

— Nitroglicerina.

— Por que não usou isso antes? Poderíamos ter fugido sem acabar com a lataria do seu carro.

— Não usei antes porque isto não é uma fuga, garoto. Agora, sente-se e coloque o cinto, e fique atento aos meus comandos.

Após alguns minutos, a mercenária virou o volante com habilidade, fazendo o automóvel girar cento e oitenta graus no próprio eixo. Apagou os faróis e desligou o carro.

— Tire o cinto e esteja pronto para fazer o que eu disser.

— Mas o que...

— Shh... Apenas obedeça, se quiser viver e sair dessa.

Engoliu em seco, desconectou o cinto de segurança e esperou. O silêncio era assustador. Para ele, aquilo parecia uma grande estupidez. Estavam no meio da estrada esperando que alemães armados até os dentes viessem matá-los, mas Pris já o havia salvado antes, e sua melhor cartada era confiar. Sozinho, ele bem sabia, já estaria morto há tempos.

Depois de algum tempo, surgiu, ao longe, um par de luzes brancas. Aos poucos, a forma do Mini Cooper vermelho. No momento em que o carro aparecia claramente à sua frente, Pris girou a chave na ignição, engrenou a marcha e acelerou.

— Esteja pronto ao meu comando — disse ela.

Quentin estava apavorado. Se não acontecesse um milagre nos segundos seguintes, bateriam de frente com o carro dos alemães, e ele ainda estava sem o cinto de segurança e as janelas estavam quase

todas quebradas. Apesar de não usar mais a nitroglicerina, o velocímetro passava dos cento e oitenta por hora.

— Preste atenção — gritou ela; estavam bem perto —, quando eu disser, você pula do carro.

— O quê?

Pris não respondeu, apenas manteve a aceleração. Quando estavam quase colidindo, acendeu os faróis altos e berrou, já abrindo a porta ao seu lado:

— Agora!

Sem tempo para pensar, e tomado pelo medo, Quentin imitou o ato da mulher, abrindo a porta e saltando do carro. Seu corpo saiu rolando no asfalto frio, a pele esfolando a cada batida. Enquanto rolavam, ouviram o estrondo provocado pelo impacto entre os dois carros.

Pris foi a primeira a se levantar. Fitou os dois veículos, que agora estavam fundidos em um emaranhado de metal retorcido e borracha em combustão. Correu até Quentin, que estava um pouco tonto, mas ainda consciente; deu dois bofetões de leve em suas faces, fazendo-o se reencontrar com sua consciência.

— Jesus Cristo! Você é totalmente louca!

— Vamos, rápido! Acho que o coronel ainda está vivo, mas o carro pode explodir a qualquer momento.

— Então, temos que correr!

— Cala a boca e me ajuda — ela já se afastava, em direção aos destroços.

As portas do Mini Cooper estavam bastante amassadas, o que impedia sua abertura. Por sorte, a janela do passageiro, do lado direito, estava aberta. Pris puxou o homem morto pela janela com

pouca dificuldade; em seguida, agarrou um dos braços do Coronel, que logo ela percebeu ainda estar respirando, e tirou-o do veículo da mesma maneira.

— Ajuda aqui — ela disse, pegando um dos braços enquanto Quentin segurava o outro.

Arrastaram-no até terem uma distância segura dos destroços. Alguns segundos mais tarde, veio a explosão. Os restos dos veículos estavam envolvidos em uma colossal bola de fogo e o calor chegava até eles, ainda que estivessem bem distantes. O homem, desacordado e com vários ferimentos pelo corpo, sangrava em profusão. Pris revistou seus bolsos, até encontrar um telefone portátil no bolso do casaco. Não era algo comum, ela sabia que aquela tecnologia indicava que estavam lidando com gente grande. Atirou o aparelho para Quentin, que o apanhou no ar.

— Sabe o que fazer?

Ele emudeceu por uns instantes, mas logo soube o que fazer. Fitou as teclas do telefone em suas mãos; em seguida, pressionou o botão com a inscrição REDIAL. Ouviu dois pulsos antes de uma voz rouca e fraca atender.

— Alô! Coronel?

— Infelizmente, o Coronel não pode falar agora — respondeu Quentin.

— Ele está vivo? — havia indiferença na voz.

— Por enquanto, mas não está muito bem. De qualquer forma, acho que é a mim que você quer. Estou errado?

— Deixe-me falar com o Coronel!

Ele esperou por alguns segundos. Pris caminhou até ele e lhe entregou sua semiautomática. Sem pestanejar, Quentin apontou a

arma para a cabeça do Coronel. O homem estava retomando a consciência, os olhos semiabertos. Antes que o alemão pudesse dizer alguma coisa, o jovem atirou duas vezes, sem piscar.

— Ops! — voltou a falar ao telefone. — Infelizmente, parece que o Coronel não está mais vivo. Então, que tal me dizer quem diabos você é e que porra quer comigo? — elevou a voz, estava genuinamente alterado.

— Ah, meu jovem, você não faz ideia, mas fará. Quer saber o que se passa? Encontre-me a uma da manhã.

— Onde?

— Pegue a 101, vire na primeira trilha à esquerda depois do quilômetro 66. Siga até encontrar um galpão. Estarei à sua espera.

Quentin desligou o telefone, não havia mais nada a ser dito. Passava das cinco da manhã, e o sol ensaiava aparecer. Ele guardou o telefone no bolso, o revólver no coldre e virou-se para Pris.

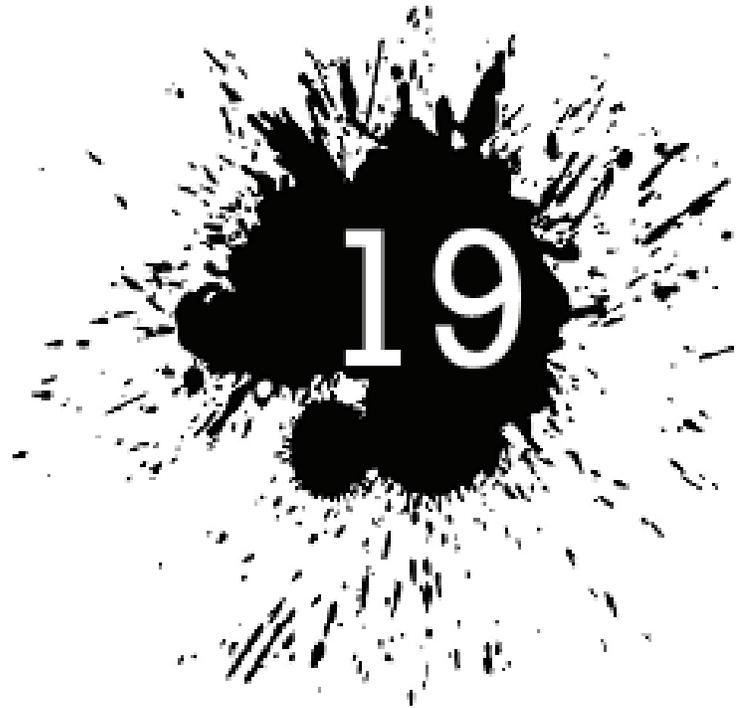
— Ele quer que eu vá encontrá-lo. Tenho menos de 20 horas.

— Tudo bem, já sei o que vamos fazer.

— Precisamos de um carro.

— Precisamos sair daqui. Vamos andando, logo! Assim que passar um carro, nós roubamos — Pris piscou, embora não sorrisse mais.

Ele estava cansado, muito cansado, ferido e o corpo todo doía. Além do mais, não se lembrava da última vez em que bebera ou comera algo. Contudo, sabia que a mercenária ao seu lado estava certa, e tudo o que poderia fazer era segui-la; assim o fez.



A Hora da Vingança

Matar você? Não, não vai me trazer nenhuma satisfação...

Mas tudo que rolar até lá, isso sim vai dar muita satisfação.

(Sin City)

Depois de recuperar as armas que puderam, Quentin e Pris seguiram a pé. Caminharam por cerca de meia hora até que o primeiro carro surgisse no horizonte. A mulher foi até o meio da via e começou a balançar os braços.

— Por favor — pediu ele, com o semblante fatigado —, tente não matar ninguém, ok?

— Que tipo de monstro pensa que eu sou?

Ele não respondeu, apenas ficou a observar enquanto o veículo se aproximava. Por sorte, reduziu a velocidade e parou a alguns

metros da dupla. Antes que fizessem qualquer coisa, Quentin identificou uma família em viagem. Um homem de meia idade, barba grande, chapéu de pescador e camisa de botões meio aberta; ao seu lado, uma jovem com não mais de dezesseis; e, no banco de trás, um rapaz que devia ter entre treze e quatorze.

Pris sacou a semiautomática e caminhou lentamente até o carro. A janela do motorista estava aberta, o que facilitou o contato do cano da arma com a cabeça do homem.

— Por favor, não faça mal aos meus filhos — suplicou ele.

— Ninguém vai matar ninguém, a menos que façam merda, tá certo? Agora, saiam do carro, devagar.

Sem questionar, a família saiu do veículo. Pris os orientou para que se juntassem à beira da estrada.

— Deitem no chão, com as mãos atrás da cabeça.

— Por favor, minha jovem, não...

O senhor se calou ao ouvir o disparo zunir próximo ao seu ouvido.

— Apenas se deitem e calem a boca, logo aparece alguém pra ajudar.

Afastou-se lentamente, entrando no carro e assumindo o volante. Quentin entrou apressado, acomodando-se ao lado da mulher. Pris ligou o automóvel, girou cento e oitenta graus, apressada, deixando uma marca negra no asfalto e fazendo o cheiro de borracha em combustão subir forte. Poucos segundos depois, já estavam distantes o suficiente para não ser possível ver a família saqueada que deixaram para trás.

— Devíamos ter deixado as malas — disse Quentin, após algum tempo.

— Cala a boca, escoteiro. Se quiser, posso deixá-las no caminho, junto com o seu rabo branco.

— Não tá mais aqui quem falou.

*

Durante o Percurso, Pris manteve-se silenciosa; Quentin tentou conversar algumas vezes, mas as respostas secas e curtas inibiram investidas posteriores. Já seguiam avançando por mais de uma hora, e ele ainda não sabia qual era seu destino. Após algum tempo, reconheceu a região.

— Estamos voltando para o galpão? — indagou, confuso.

— Sim — respondeu a mercenária.

O olhar de Pris estava vidrado, injetado de ódio. Ela não disse, mas Quentin podia imaginar que era por causa da perda do amigo. O tal de Dominic parecia um lunático completo, mas se dispusera a lutar contra soldados alemães para salvá-lo; no fundo, ele também sentia pela morte do homem.

— Ele era seu amigo há muito tempo?

— Dominic? Tanto tempo que nem me lembro quanto.

— Sinto muito pela morte dele.

— Ele parecia um maluco, mas já me livrou de muitas enrascadas. Estava sempre pronto para ajudar e nunca pediu muito em troca, alguns escalpos e uns canalhas para espancar e profanar seus cadáveres era o bastante pra Dominic.

Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas, mas ela não as deixou cair. Enxugou-as com as costas da mão e voltou a dirigir em silêncio. Desde que a encontrara pela primeira vez, Quentin nunca a tinha visto tão séria, tão dura; até mesmo quando matava deliberadamente parecia estar mais leve.

Mais alguns minutos se passaram, em silêncio sepulcral, até chegarem ao galpão. Pris estacionou do lado de fora, saiu do veículo, abriu o portão e entrou, sem se importar em levar o carro para dentro; ela não pretendia ficar muito tempo por ali.

— Não é perigoso ficarmos aqui? — indagou o jovem, ligeiramente preocupado. — Eles conhecem esse lugar.

— Eles já perceberam que você é louco e vai até o encontro. Além disso, seria muita burrice voltarmos aqui, por isso não tem ninguém de guarda, e por isso estamos aqui.

Pris avançou galpão adentro, até alcançar a extremidade oposta. Quentin não sabia o que ela faria, pois não havia nada ali. Surpreendeu-se quando a mercenária se agachou e tateou o chão. Após alguns segundos, puxou uma espécie de alça, revelando um extenso alçapão. A mulher embrenhou-se na escuridão, até que ele ouviu um clique e lâmpadas se acenderam. Sem perder tempo, ele seguiu pela rampa.

Lá embaixo, estendia-se um amplo recinto. Era bem mais limpo e arrumado que a parte superior. Logo vislumbrou três carros e uma van. Pris já abrira o capô do utilitário, foi até uma das inúmeras prateleiras e apanhou uma chave de boca e uma bateria automotiva selada.

— O que vamos fazer? — inquiriu ele.

— Vamos buscar reforços — respondeu, sem se virar enquanto instalava a bateria.

— Mas... Eu não tenho como pagar. Não tenho nem como te pagar, quem dirá pagar outras pessoas.

— Não se preocupe com dinheiro, garoto. Talvez o desgraçado que te quer tenha algo que possamos pegar. Fora isso, a coisa agora

se tornou pessoal, e eu conheço uma dúzia de bastardos que topariam uma missão suicida por vingança, sem problemas.

Ele não sabia o que dizer. Pris era uma mercenária, mas se tornara muito mais que isso, perdera um amigo por Quentin e agora corria o risco de perder ainda mais. A assassina terminou a instalação da bateria, guardou a ferramenta e arrastou um enorme galão de combustível até a van. Com uma mangueira, proveu a sucção do líquido e acoplou ao tanque do veículo. Não demorou para que o abastecimento fosse completado. Em seguida, ligou o automóvel e dirigiu até próximo a duas portas metálicas embutidas na parede de concreto. Abriu a parte de trás da van e as duas portas na parede.

Havia, ali, um número exorbitante de armas, munição e equipamentos. Era mais impressionante do que o depósito do senhor Dois H. Quentin permaneceu imóvel, ainda analisando o arsenal. Todas as armas pareciam recém-saídas da fábrica, o metal brilhante e reluzente; as munições tinham o mesmo aspecto, além de rádios-transmissores, armas brancas, explosivos e dispositivos de detonação. A bazuca ao fundo o fez perder o ar.

— Hei, garoto! Mexa essa sua bunda branca e me ajude aqui — ordenou ela, apanhando algumas armas e colocando no carro.

— O que devo pegar? — perguntou o jovem, já se aproximando do arsenal.

— Não temos tempo para sutilezas, então pegue as maiores, quanto maior poder de destruição, melhor.

Sem mais palavras, ele pôs-se a pegar o armamento e acomodá-lo no veículo. Era um automóvel imenso, certamente caberiam mais armas do que seriam capazes de usar. Quentin pensou nisso

imediatamente, mas achou sensato omitir sua opinião. O ódio que divisava nos olhos de Pris era quase palpável; ela, naquele momento, era totalmente inflamável, e qualquer estímulo mal pensado poderia desencadear uma grande explosão.

— Deixe espaço para quatro pessoas, apenas isso. Vamos levar todo o poder de fogo que pudermos.

Em mais alguns minutos, o utilitário estava carregado. Era um comboio do inferno pronto para a guerra. Quentin engoliu em seco, aquilo estava além de tudo pelo que passara até então. Fecharam a porta traseira. Pris havia se equipado com dois coldres, um de cintura e um axilar, carregando quatro semiautomáticas, além de uma faca na bainha da perna. Ela entrou no veículo e o ligou. Assim que o ex-gerente da Video Archives sentou-se ao seu lado, deu a partida e subiu a rampa, cantando pneus e deixando uma marca negra de borracha no chão.

Deixaram o galpão. As portas ficaram escancaradas. Ela não se incomodou; tinha apenas um objetivo e nada mais importava no momento. Quentin sentiu que aquela mulher tinha uma força de espírito muito intensa, mas toda aquela ira começava a amedrontá-lo. Tentando não transparecer o pavor que brotava como gotas encorpadas de suor no seu rosto, ele fitou o rádio e esticou o braço para alcançar o botão ligar. Contra todas as suas expectativas, Pris não se opôs, parecia que nem notara o movimento, mesmo que captasse cada um deles com sua visão periférica.

O volume estava alto, e ele não se deu ao trabalho de abaixá-lo. Não sabia que estação era aquela, mas a guitarra frenética de Dick Dale era algo inconfundível. *Se estamos seguindo em direção à morte,* pensou ele, em silêncio, *que pelo menos a trilha seja foda.*

*

O primeiro ponto de parada foi em um bairro do subúrbio, escuro e pouco movimentado; o silêncio era estranho para aquela hora do dia. Pris estacionou em frente a uma casa pequena, porém de arquitetura harmoniosa e bem conservada. A mercenária saltou do veículo e foi até a porta, fitou a campainha, de contornos futuristas e de material cor de prata, e pressionou o botão. Do lado de fora, não escutou o som, mas sabia que a dona da casa estava ali e já ouvira o sinal.

Após alguns minutos, ouviram o caminhar suave de alguém dentro da residência. Como houvesse um olho mágico na porta, não existia a necessidade de perguntar quem era. Os ruídos indicaram que pelo menos quatro travas eram destrancadas. Em seguida, a porta abriu-se lentamente, revelando a anfitriã.

— Pris? — disse a mulher, aproximando-se a abraçando a amiga. — Aconteceu alguma coisa? Você nunca aparece sem avisar.

— Podemos entrar?

— Claro, entrem.

Pris adentrou a casa. Quentin a seguiu em silêncio. Sentia-se ligeiramente intimidado. A anfitriã, cujo nome ele ainda desconhecia, o conduziu até a sala. Apesar de limpo, o lugar parecia um porão: escuro e com a decoração mais básica que já vira. Apenas um sofá feito de madeira de demolição e pneus velhos, uma mesa do mesmo material e um tapete cinza. As paredes eram de cimento cru, assim como o piso e o teto. No meio da sala, pendia uma lâmpada pendurada pelo fio de energia.

Pris se sentou, com as pernas abertas como um homem, o corpo curvado, cotovelos sobre os joelhos. O olho descoberto quase não

piscava e sua expressão era dura, coisa que a amiga logo notou. A anfitriã, Quentin percebeu bem, parecia uma extensão da casa — ou o inverso —; vestia roupas de coloração marrom acinzentadas, inteiras, limpas, mas com aspecto de velho. Uma calça larga, uma camiseta sem mangas sob um casaco de capuz. Colocou-se entre os dois, no centro da sala, e descobriu a cabeça. Revelou-se um crânio perfeitamente redondo. Os cabelos raspados à máquina endureciam o rosto de traços finos e delicados. Passara dos quarenta, mas ainda guardava uma beleza jovial, contudo embrutecida.

— O que tá acontecendo, Pris? E quem é essa criança?

A criança era Quentin, ele não gostou de ser chamado assim. Era pior do que garoto, como todos cismaram de chamá-lo ultimamente; mas não disse nada, não conhecia aquela mulher e ela lhe causava um leve pavor.

— Preciso de sua ajuda. O garoto se chama Quentin, eu o estava ajudando, mas as coisas se complicaram e pedi ajuda ao Dominic. Eles o mataram. Dominic está morto, Grace.

— Porra! — ela alisou a cabeça careca, fechando os olhos por alguns instantes. — E o que precisa?

— Estou reunindo um grupo. Dominic merece ser vingado.

— Quem são essas pessoas? — Grace se sentou ao lado de Quentin, ignorando-o completamente e com os olhos fixos na amiga à sua frente.

— Não sabemos, mas têm muitos recursos.

— Quando partimos?

— Está tudo pronto, as armas estão no carro. Mas, antes que decida me ajudar, tem que saber: essa é uma missão suicida, as coisas podem acabar muito mal e não vai ter dinheiro envolvido.

— Certo, deixa eu pegar a minha faca e calçar um par de tênis.

Grace se levantou e deixou o recinto. Assim que ela desapareceu no corredor, Quentin se encurvou e sussurrou para Pris:

— Ela me dá arrepios.

— Fale isso na frente dela. Grace vai chutar seu rabo tão forte que nunca mais vai conseguir sentar.

— Falavam de mim? — disse, voltando com uma faca que mais parecia uma espada, de tão grande.

— Vamos? — Pris devolveu.

A dona da casa seguiu na frente, em direção à porta. Logo, todos já estavam acomodados no veículo e Pris acelerava forte rumo ao próximo local.

*

Seguiram por mais trinta minutos até Pris estacionar em frente a uma casa em um bairro de classe média. Um jardim modesto antecedia a construção, e uma motocicleta estava estacionada próxima à porta. Antes que a motorista desembarcasse do automóvel, Grace a interpelou:

— Sério? Vai chamar aquela maluca?

— Ela é de confiança, e a loucura e agressividade dela vão ser muito úteis.

— A Connie é instável, pode sair do controle e foder com tudo!

— Não vai chegar a esse ponto — contra-argumentou Pris, impaciente.

— E se chegar?

— Boto ela pra dormir — piscou o olho descoberto, batendo de leve na semiautomática no coldre axilar.

Indiferente aos protestos de Grace, Pris seguiu rumo à residência. Postou-se em frente à porta e bateu três vezes. Segundos depois, ouviu um grito ao longe.

— Vai atender à porta, Dexter!

Pris aguardou, mas não ouviu os passos que esperava ouvir. Bateu mais uma vez, escutando gritos e murmúrios, e, mais uma vez, nem sinal de alguém se aproximando. Olhou para o relógio em seu pulso, respirando fundo para manter a pouca paciência que ainda tinha. Percebendo que ficaria o dia todo ali até que um ser humano se dispusesse a abrir a porta, resolveu entrar à força. Contudo, a força não foi necessária; assim que testou a maçaneta, notou que a porta não estava trancada.

Apanhou uma das pistolas e manteve a mira. Seguiu pelo corredor até chegar a uma sala exageradamente mal arrumada. No sofá, um homem assistia a um jogo de basquete no televisor.

— Hei, quem diabos é você? — disse ele, assustado.

O sujeito vestia uma camiseta sem mangas, que um dia fora branca, uma bermuda jeans e chinelos de dedo. Tinha uma garrafa de cerveja em uma das mãos e batatas fritas na outra. A mercenária lhe apontou a arma e sussurrou:

— Senta essa bunda aí e fica quieto. Cadê a Connie?

Visivelmente apavorado, o homem apenas apontou a direção. Pris piscou e seguiu em frente. Avançou por um corredor até chegar a um quarto. Antes do contato visual, pôde ouvir os murmúrios da amiga. Pela fresta da porta, logo avistou a outra, fazendo flexões em uma barra de ferro suspensa. Com uma camiseta branca e calças jeans, fazia o exercício com facilidade, o corpo magro e leve, o braço com os músculos proeminentes se contraindo com o movimento.

Pris se aproximou, furtiva, e empurrou a porta de uma vez com a sola do sapato. Connie saltou da barra imediatamente, apanhando o revólver sob o travesseiro na cama ao seu lado. Em uma fração de segundo, as duas mulheres tinham apenas um metro de distância entre elas, cada uma apontando sua arma para a outra. Quando a dona da casa reconheceu sua visitante, baixou a guarda.

— Caralho, Pris! Quer morrer?

— Também senti sua falta — respondeu, guardando a semiautomática e se aproximando para um abraço.

— O que faz aqui? E por que o inútil do Dexter deixou você entrar?

— Aquele monte de estrume não impediria uma criança de invadir essa casa. Mas, infelizmente, essa não é uma visita social.

— Nunca é, não é mesmo?

— Estou reunindo um time, sem grana envolvida, apenas muito risco e muita gente pra matar.

— Qual é o problema?

— Mataram o Dominic, estou nessa pela vingança.

— Quando começamos?

— O carro está lá fora, já tenho as armas.

— Quem está nessa?

— Por enquanto, eu e a Grace, e um garoto que eu estava ajudando.

Connie abriu o guarda roupas e retirou uma jaqueta de couro, sentou-se na cama e calçou um par de coturnos. Em seguida, levantou-se e seguiu rumo à saída. Na sala, pegou o controle remoto sobre a mesa e desligou a TV.

— Hei! — protestou Dexter — Que porra está fazendo, sua vadia? Eu vou...

Mas Dexter não pôde concluir a fala, sua boca estava cheia de sangue e alguns dentes fora do lugar. Tentou retomar os improperios, mas Connie lhe atingiu com outro soco, dessa vez no nariz, que quebrou de imediato, liberando um filete de sangue espesso e escuro.

— Tire seu rabo da minha casa, seu merda inútil!

Sem protestar e tentando conter o sangramento com as mãos em concha sobre o rosto, o homem se levantou e saiu correndo, atravessou a porta e sumiu. Pris ria; sentira falta do temperamento explosivo e violento da amiga, mesmo que fosse um tanto perigoso.

— Por que você se mete com esses tipos? — perguntou Pris.

— Não sei. No começo ele trepava bem, mas, no fim, todos acabam se tornando uns inúteis bebedores de cerveja.

Saíram da casa, Connie trancou o lugar e seguiram até o carro. Pris abriu a porta de trás da van e a amiga entrou. Grace disfarçou o desagrado de ter a outra ali. Não conseguia acreditar que coisa boa saísse daquilo com ela no grupo.

— Hei, Grace — a resposta foi apenas um meio sorriso e um meneio de cabeça. — Esse é o garoto? Qual seu nome?

— Quentin — respondeu ele.

— Certo, vamos nessa.

Pris assumiu novamente o volante e deu a partida. Olhou pela abertura às suas costas. Grace estava quieta, encostada à parede do veículo. Connie sorria, pegara uma escopeta e a alisava, como quem segura um bebê. A motorista sorriu e voltou a atenção para a estrada.

- Quantas pessoas faltam? — indagou Quentin.
- Duas. Apenas duas.

*

O bairro negro não ficava longe, mas era quase outra cidade. Assim que adentraram seus limites, os olhares se voltaram para a motorista branca com um tapa-olho. A maioria das pessoas que ali vivia era gente de bem, mas não demorou para que um grupo de homens barrasse a passagem. Atravessaram um carro na rua e cinco sujeitos pararam em frente.

— Algum problema, amigos? — indagou Pris, já sabendo do que se tratava.

— Tá perdida, branquela? — disse um deles, um homem negro e alto, vestido com uma camiseta de um time de basquete e calças largas esportivas.

— Vim visitar uma amiga.

— Acho que errou o caminho, irmãzinha. Melhor dar meia volta e dar o fora daqui.

— Olha só, *irmãozinho* — enfatizou a última palavra —, vim falar com a T-Brow. Se me fizer perder mais tempo, vai arcar com as consequências.

As palavras pareceram mágicas, pois imediatamente, sem dizer nada, os homens entraram no carro e saíram do caminho. Pris engatou a primeira e seguiu. Quentin olhou para ela, impressionado. Não sabia quem era a tal de T-Brow, mas, certamente, não era pouca coisa.

Adentraram por mais algumas quadras até alcançarem a casa. Era uma construção de grande porte, que se destacava entre as casas simples ao seu redor. Na porta, dois homens faziam guarda,

armados com rifles e com pistolas na cintura. Pris desceu e pediu que a esperassem no carro. Quentin não se sentiu à vontade de ficar ali, cercado de olhares hostis, mas concluiu que entrar naquela casa não parecia mais seguro.

A mercenária se aproximou dos dois homens, que seguraram mais firme suas armas. Antes que a interpelassem, ela deu a primeira palavra.

— Vim falar com a T-Brown.

— Quem é você?

— Diga que a Pris está aqui.

Eles se olharam, confusos; as únicas mulheres brancas que apareciam por ali eram viciadas e prostitutas, às vezes, ambos. Contudo, a mulher vestida de amarelo e ostentando um tapa-olho não lhes parecia nem uma coisa, nem outra.

— Andem logo, não me façam perder tempo.

Um dos brutamontes virou-se para avisar da visita, mas não foi necessário. Uma mulher surgiu na janela do segundo andar e gritou para os homens:

— Deixem essa vadia branca subir!

— Ela está armada — disse um deles.

— Eu perguntei se ela estava armada, idiota? Apenas deixem a vadia subir!

Eles obedeceram, com uma resignação que deixou Pris impressionada. Era a primeira vez que procurava por T-Brown naquele lugar. A mercenária entrou, seguindo até as escadas que levavam ao segundo andar. No caminho, muitos homens e mulheres, a maioria armada. Alguns apenas fumavam erva ou cheiravam pó. Havia, ainda, alguns que se divertiam de outra forma,

como o casal seminu que praticava um coito sem se importar com quem os visse.

Subiu os degraus em ritmo ligeiro. Chegando lá em cima, a mulher que autorizara sua entrada a esperava em um quarto luxuoso, um grande contraste com tudo o que se via naquele bairro.

— Hei, vadia branca! — disse T, indo de encontro a Pris e abraçando-a.

— Um caminho longo pra chegar até a rainha — ambas riram.

T convidou Pris a se sentar; a mercenária aceitou à oferta e preferiu não fazer rodeios.

— Gostaria de ficar pra botar a conversa em dia, mas não tenho muito tempo.

— Qual é a treta?

— Dominic foi morto e estou indo atrás dos filhos da puta que o mataram.

— Porra!

— Estou reunindo um time.

— Olha, irmã, eu gostava muito daquele lunático, mas não estou mais no ramo, entende?

— Posso ver. Mas não tem muita gente em que confio disposta a entrar numa missão suicida. Não há grana envolvida e é grande a chance de morrermos no meio disso. Você é uma das poucas em que tenho plena confiança, e sei que tem sangue pra coisa.

— Merda, Pris! Não pode aparecer do nada e me chamar pra ir à guerra! Sabe há quanto tempo eu não mato alguém? Eu simplesmente não preciso. O dinheiro das drogas me deu o necessário pra ficar longe dessas encrencas.

— Como entrou nessa? Você abominava esse negócio desde que sua irmãzinha se envolveu com coca.

— É um negócio como outro qualquer, e eu não vendo pra crianças. Se uma criança estiver usando essas merdas na minha área, eu tenho a cabeça do fornecedor assim que descobrir.

— Que seja; isso não é problema meu. A questão é: preciso de você nessa, mas não tenho tempo pra te convencer. Então, vem comigo ou não?

Silêncio. T-Brown suspirou, coçou o couro cabeludo entranhando os dedos no penteado Black Power. Levantou-se e foi até uma mesinha no canto do quarto, de onde pegou uma garrafa de uísque e um copo.

— Caralho, Pris! — disse após o primeiro gole. — O Dominic já salvou meu rabo uma porção de vezes, e você também. Você tá me colocando mesmo contra a parede — tomou outro gole, que esvaziou o copo, e o encheu novamente. — Que se dane, vamos nessa!

— É essa música que eu vim pra ouvir — Pris sorriu, embora seu humor não fosse dos melhores, ainda.

— Espere no carro; me dê cinco minutos pra acertar as coisas por aqui.

— Certo, cinco minutos. Não se atrase, ok? Não temos muito tempo.

— Tire essa bunda branca da minha casa e espera na porra do carro!

Elas riram, Pris saiu do quarto e desceu as escadas. Logo já estava no carro. Assim que fechou a porta do veículo, Grace indagou:

— Ela vem com a gente?

— Vem. Pediu cinco minutos.

Quatro minutos depois, T-Brown saiu da casa. Vestida toda de preto, calças de couro e casaco de brim, um coldre na cintura com duas pistolas. A pele negra estava maquiada, batom vermelho e sombra azul escuro. Calçava botas longas e caminhava de forma sensual, como sempre fizera. Dirigiu-se para a traseira da van, cuja porta foi aberta de imediato.

— Três vadias brancas e um garotinho — disse ela, sorridente.

— Faltava uma corzinha por aqui, não?

Cumprimentou Grace e Connie com apertos de mãos, sentou-se e bateu na parede, o sinal para que Pris desse a partida.

— Para onde vamos? — perguntou T.

— Temos mais uma vadia pra buscar. Depois disso, explico qual é o plano.

— E quem é a outra vadia?

— Patty Mississippi.

— O quê? — disseram em uníssono as três mulheres.

— Aquela mulher é louca! — T-Brown exclamou.

— Mais pirada que eu — Connie concordou.

— Não pode estar falando sério — completou Grace.

— Calma, vai ficar tudo bem. Ela esteve um tempo em reabilitação, está recuperada. Além disso, ela é boa, não importa se é louca.

— Não quero botar meu traseiro nas mãos daquela pirada! — T estava exaltada.

— Seus traseiros estão nas minhas mãos, fiquem frias. A Patty vai nos ajudar. Agora fiquem quietas, temos pelo menos uma hora de viagem até o rancho.

Alguns murmúrios de protesto reverberaram pelos quilômetros seguintes, mas Pris apenas aumentou o volume da música no veículo e ignorou as reclamações, até que cessaram por completo.

*

Apesar de tenso com o que estava prestes a ocorrer, Quentin acabou adormecendo durante o percurso. Acordou quando Pris estacionou; abriu os olhos, a visão ainda enevoada, e percebeu que estava em uma espécie de área rural. Uma cerca baixa de madeira rodeava uma casa simples e ampla ao fundo do terreno. À esquerda, um paiol, à direita, galinhas, porcos e algumas cabras. Não havia nenhuma pessoa visível por ali, mas as janelas da casa estavam abertas.

— Esperem aqui, vou falar com ela primeiro — disse Pris. — Caso ela aceite se juntar a nós, discutiremos os detalhes na casa.

As outras acederam, e Quentin nem se deu ao trabalho de responder: já se acostumara a acatar as ordens de Pris; até então, fora o que o mantivera com vida, era melhor seguir nessa linha de atuação. Apenas observou enquanto sua mercenária favorita caminhava em direção à casa.

Pris fez menção de bater na porta, mas, encontrando-a entreaberta, apenas empurrou a folha de madeira e entrou. Antes de encontrar a amiga, percebeu um cheiro delicioso no ar, o que a fez lembrar que não comia havia mais de trinta e seis horas. Quando chegou à cozinha, Patty não a percebeu, pois, enquanto preparava sua refeição, cantava a plenos pulmões.

*But you made me feel
Yeah, you made me feel*

Shiny and new
Like a virgin
Touched for the very first time
Like a virgin
When your heart beats

A mercenária ouviu durante algum tempo, então se manifestou:

— Sabe sobre o que *Like a Virgin* é?

— Ai! — gritou assustada, deixando o molho que provava cair em seu vestido rosa com bolinhas brancas. — Sua vaca, me assustou! — completou, após reconhecer a amiga.

— Não vai me dar um abraço?

Patty deixou a colher de pau ao lado da panela e foi até Pris. Abraçaram-se forte, como irmãs que há muito não se veem. A anfitriã ofereceu uma cadeira e ambas se sentaram à mesa de madeira rústica ao centro da cozinha.

— Que surpresa é essa? O que te traz aqui?

— Infelizmente, não é coisa boa.

— Fala logo, mulher!

— Mataram o Dominic.

— O quê? Caralho! Puta merda! Quem fez isso?

— Uns caras barra pesada, e estou indo atrás deles. Vou matar a todos. Por isso estou aqui.

— Espera, você quer dizer que...

— Isso. Vim pedir sua ajuda. Sei que você está em recuperação e deixou essa vida, mas preciso de pessoas em quem confio pra isso,

e que fariam o serviço sem nada em troca. Olha, Patty, vou entender se disser não, eu não tenho direito de te pedir uma coisa dessas e...

— Ficou louca? É claro que vou com você!

— E o Cris?

— Está viajando, não sei pra onde. Coisas de negócios, sabe?

— Ele não vai ficar bravo?

— Que tipo de mulherzinha pensa que eu sou? Fala sério!

Quem mais está nessa?

— Tem um garoto comigo, ele foi o catalizador dessa porra toda. Além dele, Grace, Connie e T-Brown.

— Bom time. Quando partimos?

— Gostaria de chamar as outras pra discutirmos os detalhes aqui, tudo bem pra você?

— Claro.

— Além disso, estou com uma fome dos diabos, será que tem dessa coisa pra todas nós?

— Na minha casa nunca falta comida para minhas amigas. Chame logo aquelas vadias enquanto eu ponho a mesa.

*

Apesar de todas terem sido contra chamarem Patty para o time, quando se encontraram com ela, foram extremamente amáveis. Aquilo mais parecia um reencontro com a turma do colégio, e não uma reunião de assassinas rumo a uma missão possivelmente suicida.

— Isso aqui tá uma delícia! — comentou Grace, enchendo seu prato pela segunda vez.

— Não me lembro de essa branquela saber cozinhar assim! — exclamou T-Brown.

— A vida é uma escola, e estamos sempre aprendendo — disse Patty. Todos olharam para ela, depois gargalharam.

Após a refeição, elas se levantaram para retirarem a louça. Quentin as imitou, sentindo-se ligeiramente excluído do grupo. Encheram a pia e voltaram para a mesa; sentadas, voltaram seus olhares para Pris, que logo começou a falar.

— Bem, estamos lidando com gente grande. Têm muitos recursos, muitos homens e não sabemos quem são. Ou seja, estamos em maus lençóis.

— Então, qual é o plano, vadia? — disse T.

— Vamos até lá e matamos todo mundo.



Quem é o inimigo?

Nunca mande ovelhas para matar um lobo.

(Wanted)

Estavam todas bem acomodadas no carro. Não havia, de fato, um plano formado, mas eram profissionais, sabiam o que fazer; no entanto, não conheciam o local, nem mesmo tinham a localização exata. Chegariam com antecedência e fariam um reconhecimento; conhecer a topografia do sítio era primordial para o sucesso da abordagem. Depois, se dividiriam e atacariam simultaneamente. Com sorte — muitíssima sorte —, matariam a todos ali e sairiam ilesas.

Todas estavam vestidas para a batalha, com exceção de Patty Mississippi, que apenas apanhara um casaquinho azul claro que jogou

por sobre o vestido cor-de-rosa com bolinhas brancas. Quentin estava tenso, mas as garotas ali pareciam calmas; calmas demais, na sua opinião. Contudo, aquilo fazia sentido, não era a primeira vez delas em um confronto armado, nem a primeira vez em que arriscavam suas vidas. Tentando abstrair o pavor que estremecia seu corpo, o jovem entre as mulheres começou a puxar conversa.

— Então, todas aqui são assassinas profissionais?

— Eu saí do ramo há algum tempo — disse T.

— Eu também — emendou Patty. — Estou aposentada...

Estava.

— Como entraram nisso? — indagou Quentin. — Quero dizer, não dá pra simplesmente ir a uma agência de empregos e dizer: “oh, tem vaga para estágio em assassinatos por encomenda? Gostaria de entrar para o ramo”.

Algumas delas riram. Grace estava mais séria, não concordara com a entrada de Connie para o grupo, a chegada de Patty dobrava sua insatisfação e insegurança quanto ao autocontrole das duas.

— Bem — começou Brown —, minha irmã menor se envolveu com pó e heroína, ainda criança. Então, dei um jeito nos filhos da puta que venderam aquela merda pra ela. Acabei tomando gosto pela coisa e...

— E agora você vende o mesmo que deram pra ela? — Quentin entrava em um terreno perigoso.

— É diferente. Eu controlo pra quem vendo. Na minha área, crianças não usam aquelas porcarias. Assim, se torna um negócio como qualquer outro.

— E você, Connie?

— Eu? Bem... Tive que aprender algumas coisas para sobreviver. Depois, usei o que aprendi para viver.

— Como assim?

— Uma corporação queria meu rabo, e mandaram um sujeito que era uma máquina pra me pegar.

— E você o matou?

— Mais ou menos. Eu estou aqui, né? Então, eu venci o desgraçado.

— Grace?

— Digamos que eu ganhei experiência na eliminação de pragas.

— Tipo ratos? O que isso tem a ver com matar pessoas?

— Era uma praga um pouco maior, sabe?

— Sou a próxima, né? — adiantou-se Patty, sorridente. — Então, eu trabalhava pra um cara...

— Um cafetão — completou T-Brown.

— Não precisa falar assim. Continuando, eu trabalhava pra esse cara, até que conheci o Cris, meu marido. A gente se meteu em uma confusão, pegamos uma coisa que pertencia aos sicilianos.

— Fala da máfia? — inquiriu Quentin, interessadíssimo.

— É, isso mesmo. Eram uns mafiosos sicilianos. O Cris e eu tivemos que nos defender, quase não saímos vivos disso, mas, depois de matar alguns homens, você toma gosto pela coisa. Se puder fazer isso e ainda ganhar algum dinheiro, tanto melhor.

Silêncio. Quentin processava todas aquelas informações. Estava impressionado. Eram mesmo assassinas da pesada. Falavam sobre aquilo com grande naturalidade, o que lhe dava um pouco de

segurança em estar ao lado delas, mas também o apavorava sobremaneira, pois preconizava o quão perigosa era aquela situação.

— E você, criança? — foi T quem perguntou. — Como foi que se meteu nessa?

— Sinceramente, ainda estou tentando descobrir. Simplesmente esses desgraçados começaram a me perseguir, tentando me pegar a qualquer custo. Surgiram uns caras pra me ajudar, que também não explicaram o que diabos estava acontecendo. Desde então, estou nessa, com minha vida virada do avesso.

— Estamos chegando — avisou Pris, que não participara da conversa.

A essa altura, Quentin estava mais calmo. A conversa distraíra sua mente por alguns momentos. Contudo, agora que se aproximavam do local de ataque, o coração voltava a disparar e o suor a se precipitar do rosto.

— Vamos parar naquela mata, em meio às árvores.

Logo o veículo cessou. Saltaram e cada uma pegou o equipamento que julgava adequado. Seguiram caminhando por cerca de um quilômetro, até que avistaram o grande galpão. A construção ficava em uma espécie de vale, o que facilitaria o reconhecimento a certa distância. Com os binóculos, escrutinaram o perímetro. Havia quatro veículos do lado de fora do galpão. Três homens guardavam a entrada, enquanto mais oito se dividiam em vários pontos ao redor da edificação.

— Não podemos contar com tiro à distância. Eles são muitos, e a primeira morte daria um alerta e denunciaria nossa posição — disse Pris. — Teremos que agir cirurgicamente. Vamos nos separar. Eu pego os três da entrada, e vocês ficam com dois vigias, cada uma.

— Ora, por que você vai ficar com a maior parte da diversão?
— protestou Connie, que tinha uma espingarda de grosso calibre nas mãos, pendurada no ombro por uma correia.

— O garoto vai comigo, então, tecnicamente, serão um e meio pra cada, enquanto vocês terão dois.

Connie não parecia convencida, mas não respondeu de imediato.

— Fica fria, Connie, vai ter mais diversão quando entrarmos.

As quatro assassinas combinaram onde cada uma atacaria e se separaram. Com os relógios sincronizados, investiriam contra seus alvos simultaneamente, dentro de quatro minutos. A predileção seria por não usarem armas de fogo, visto que não tencionavam fazer alarde aos homens que estavam dentro do galpão; estando em menor número, era primordial o fator surpresa.

Quentin seguiu Pris, com as duas .44 no coldre e segurando uma faca bem afiada. Aprendera a usar revólveres e pistolas com o tio, mas não tinha nenhuma habilidade com lâminas, por isso estava ainda mais nervoso. Apesar da tensão, confiava na habilidade da mercenária que o guiava. Estava escuro, e mesmo com sua visão já acostumada com a escuridão, era difícil se locomover. Entretanto, a dificuldade também era uma vantagem, pois propiciava maior discrição na aproximação. Pararam a cerca de cinquenta metros dos oponentes.

— Como vamos nos aproximar sem que nos vejam antes e nos encham de furos?

— Está escuro, só precisamos nos mover da maneira certa. Eu posso cuidar de dois deles, mas você tem que neutralizar o terceiro.

— Como diabos vou fazer isso se não posso usar o revólver? — cochichou ele.

— Já te disse, cubra a boca e corte a jugular bem fundo; ele vai desmaiar logo e perder muito sangue. Deite-o no chão, e pronto!

— Você diz como se fosse fácil.

— Escute, me observe, eu vou pela direita e você pela esquerda, apenas faça o mesmo que eu, certo?

— Certo — respondeu, enquanto pensava: *vou morrer*.

Sem lhe dar tempo para desistir, Pris pôs-se a mover. Havia algumas pedras grandes no caminho, as quais utilizaram para se esconder entre um fôlego e outro. Era preciso estar atento ao movimento dos vigilantes e avançar no momento adequado. Quentin fez o mesmo, movendo-se de uma pedra a outra o mais rápida e silenciosamente possível. Quando estavam bem próximos, a mercenária apontou para os dois homens que eram sua responsabilidade, tirando a faca da bainha e segurando-a com firmeza. O jovem a imitou e, assim que ela sinalizou, avançaram simultaneamente.

Pris agarrou um deles pelo pescoço, enquanto cravava a faca na garganta do outro que estava bem próximo. O sangue encheu a boca antes que ele pudesse gritar. O homem caiu sobre os joelhos, sem conseguir disparar sua arma ou avisar aos outros que um ataque havia eclodido. Ela soltou o cabo da arma branca, deixando-a cravada no sujeito que agonizava, agora já deitado. O brutamonte do qual ela envolvia o pescoço tentava lutar, mas a asfixia começava a fazê-lo perder os sentidos. Aos poucos, o corpo foi escorregando, os olhos revirados. Pris, suavemente, deitou-o no solo. Com o homem

já desacordado, retirou a lâmina da garganta do outro e deslizou o metal maculado de sangue no pescoço do desmaiado.

Enquanto Pris liquidava os dois, Quentin fez conforme lhe fora orientado. Aproximou-se furtivo por trás do terceiro homem, cobriu sua boca com a mão esquerda e passou a faca em seu pescoço. Não era um perito em anatomia, não sabia exatamente onde se encontrava a veia jugular, mas pela quantidade de sangue que se esvaiu do ferimento, pensou que não fora tão mal assim. Logo a vítima perdia as forças e deslizava para o solo, sendo amparada aparada pelo jovem. Com o vigilante morto, ele esfregou as mãos em seu terno, tentando se livrar do fluido pegajoso que cobria suas mãos por completo. *Devia ter colocado um par de luvas*, pensou, amaldiçoando-se pelo descuido. O sangue causava-lhe certo asco, mais por sua textura do que por significar a morte de um ser vivo por sua causa, afinal, não era o primeiro que matava. O que fizera com o pobre Forrest fora deveras mais cruel, e a lembrança em nada lhe incomodava.

— Agora, vamos esperar as garotas para entrarmos e...

Pris se calou, sentindo algo gelado tocar sua nuca. Quentin estava na mesma situação.

— Larguem as armas — pronunciou uma voz às suas costas.

*

Enquanto Pris e Quentin avançavam, ocultos pelas pedras no caminho, Connie deu a volta no terreno até a parte de trás. Por entre o mato crescido, observou dois homens que faziam a guarda daquele espaço. Como todo bom capanga, eram o clichê de sempre: grandes, fortes e de expressões neutras. Um deles ostentava óculos escuros, o que fez Connie se esforçar para conter o riso. Caminhavam

lentamente, indo de uma ponta a outra da parede traseira do galpão; cada um seguia para um lado, encontrando-se, inevitavelmente, no centro. E era no encontro que ela pretendia agir.

Connie os observou atentamente, cada detalhe fazia diferença. Tinha menos de quatro minutos, então evitava até piscar. Notou como cada um dos homens se movimentava, para onde olhavam e como empunhavam suas armas. Ambos tinham rifles longos em mãos, o que significava duas coisas. A primeira era que, caso fosse atingida, o estrago não seria dos mais brandos; a segunda, armas grandes limitavam a agilidade, e isso ela teria de sobra: apenas manusearia sua faca, o que deixava o corpo livre para movimentos rápidos e complexos. Estabeleceu um padrão razoavelmente seguro da movimentação de ambos os vigilantes. Olhou para o relógio, três minutos e quarenta e três segundos transcorridos. O próximo encontro dos capangas seria o melhor momento para atacar, o único momento.

Empunhou a faca do seu modo preferido, daquele jeito em que cortar gargantas era como partir um tablete de manteiga; tirou outra faca da bainha presa à perna esquerda e inseriu o cabo entre os dentes, a lâmina virada para o lado esquerdo. Precisaria ser ágil e silenciosa. Abaixou-se, posicionando-se como uma pantera; no momento que julgou exato, de acordo com seus cálculos mentais, pôs-se a avançar sorrateira, olhos fixos nos homens que se aproximavam sem notar sua presença. O coração batia frenético, a adrenalina a enchia por completo; uma sensação que, para ela, era mais intensa e deleitosa que qualquer orgasmo.

Suas iminentes vítimas só a notaram quando era tarde demais. Connie estava entre os dois, que se preparavam para atirar.

Contudo, sua agilidade era ímpar, e, numa sequência de movimentos, os quais ela previra mentalmente, a assassina cravou a faca na garganta do primeiro, que estava frente a frente consigo, ao mesmo tempo em que curvava o tronco para trás e girava o pescoço para a esquerda em quarenta e cinco graus. Livre do primeiro, que tombava, já em agonia, agarrou a nuca do outro com a mão direita, fazendo o pescoço tocar a lâmina que se precipitava de sua boca, o giro reverso da própria cabeça fez o resto do serviço; o sangue da jugular rompida espirrou, maculando os cabelos castanho-claros da executora.

Connie sorria, com salpicos vermelhos sobre a pele clara. Partia ao encontro das suas companheiras quando luzes de lanterna apontaram para si. Viu sair, com grande surpresa, da escuridão profunda do mato alto à sua frente, quatro homens vestidos de preto. Usavam capacetes e óculos de visão noturna, e tinham apontados para ela rifles de precisão, os lasers vermelhos tremulando no seu peito.

— Merda — sussurrou.

*

Grace não gostava de armas brancas. Evidentemente, sabia como usá-las, embora não com a mesma expertise de suas companheiras naquela investida; irritava-a ter que abdicar das armas de fogo. Enquanto seguia sozinha até a posição designada, tentava encontrar uma alternativa que a apetecesse mais do que encarar dois gigantes armados com uma faca de limpar trutas. Quando chegou ao local de espera, sabia o que fazer. Conferiu o relógio e ainda tinha de esperar por mais dois minutos. Percorreu a mão pelo seu cinto de

utilidades e apanhou dois punhais pequenos. Seu plano era arriscado, mas as opções remanescentes não pareciam mais seguras.

Com uma lâmina em cada mão, Grace observava o movimento dos vigilantes enquanto calculava a melhor maneira de fazer aquilo que tencionava. Três minutos e trinta segundos, a respiração era ofegante, coração aos saltos, a adrenalina tão amarga quanto doce. Três minutos e cinquenta segundos, posicionou-se para o ataque, contou mentalmente os dez segundos faltantes. No momento em que o tempo se esgotara, atirou a primeira faca. Como planejara, não podia esperar o primeiro ser atingido, então, habilmente transferiu a segunda arma da mão esquerda para a direita e lançou-a. Correu.

O primeiro homem foi atingido em cheio no pescoço, a garganta encheu-se de sangue e o ar o abandonou. O segundo, no entanto, teve a faca cravada no ombro, o que o desequilibrou, mas não o suficiente para fazê-lo tombar. O vigilante demorou mais que o de costume para preparar o tiro, mas iria disparar, e Grace, que corria em sua direção, não teria tempo de desviar ou desarmá-lo. Prevendo a derrota, ela tirou a semiautomática do coldre. Já havia conectado o silenciador, como plano de contingência.

Sem cessar a corrida, disparou apenas uma vez, um tiro seco e preciso. O projétil atingiu a testa, exatamente no centro. O corpo do vigilante projetou-se para trás, bateu contra a parede do galpão e tombou no chão. Grace guardou a arma de volta no coldre e se aproximou ligeira, verificando, por precaução, a efetiva morte dos dois. Estavam, de fato, mortos. Mas o sorriso de vitória logo se apagou dos lábios finos da assassina, assim que notou, pousados sobre si, quatro pontos vermelhos luminosos.

*

T-Brown era uma garota durona, já botara para dormir muitos homens, e suas armas iam bem além daquelas que se podia carregar em coldres e bainhas. Nunca teve pudor de usar tudo o que podia para atingir seus objetivos. Sendo uma mulher extremamente bela e atraente, não se importava de usar de seus atributos físicos para fisgar suas presas. Deitara-se com muitos que tiveram como última visão seus belos seios fartos ou suas pernas esguias e sensuais. No fundo, usar do desejo lascivo dos homens contra eles a satisfazia bem mais do que apenas dilacerar seus crânios com metal e pólvora.

Assim que avistou os dois vigilantes que devia neutralizar, T se ocultou entre o capim crescido e começou a se despir; logo, estava inteiramente nua. Apanhou no bolso da roupa, que estava no chão, uma embalagem com lâminas de barbear. Após remover o embrulho de cada uma delas, espalhou-as no cabelo; um penteado afro tinha suas vantagens. Não levou mais que três minutos para fazer tudo. Agora, tinha ainda sessenta segundos antes de atacar.

O relógio marcava três minutos e cinquenta segundos. T-Brown pôs-se a caminhar e revelou seu corpo desnudo, que logo foi percebido pelos vigilantes. Inicialmente, eles apenas olharam, ligeiramente desorientados; logo, apontaram suas armas, mas ela não se inibiu. Sorria com malícia e continuava a se aproximar, pé ante pé, perna ante perna.

— Pare aí, moça! — avisou um deles.

Mas ela não parou, aproximou-se mais um pouco e só então cessou.

— Estou perdida, rapazes — disse ela. — Será que podem me ajudar?

Vendo-a de perto, os homens sorriram; a beleza de T era hipnotizante, e o modo como se movia transbordava sensualidade, um verdadeiro convite ao pecado.

— Atira nela! — pediu o outro vigilante. — O chefe disse que era pra acabar com quem quer que aparecesse por aqui, a não ser o garoto.

— Faremos isso — respondeu —, mas nada impede um pouco de diversão antes. — Soltou seu rifle e entregou para o companheiro.

— Não devíamos fazer isso!

— Vai dizer que não quer?

O homem se calou, enquanto o outro já abaixava as calças e abraçava T. Eles se beijaram, enquanto as mãos grossas do sujeito passeavam pelo corpo de pele macia e lisa. Logo ela já acariciava o membro rígido do vigilante; ele estava sob seu domínio. O outro apenas observava, mas ela sabia que estava excitado e não via a hora de chegar sua vez. Brown chamou; ele se aproximou, sem largar a arma, e imediatamente abriu o zíper da calça. Assim que o teve nas mãos, o volume quente e rígido, soube que tinha ambos controlados.

Com um na boca e o outro na mão, tirou uma das lâminas do cabelo. O primeiro corte separou o pênis do corpo. O homem se abaixou de dor, ao mesmo tempo em que ela se levantava e cortava a garganta do segundo. Conteve o grito do castrado com a mão sobre sua boca e cravou-lhe a lâmina no pescoço. Segurou até que o corpo parasse de se debater e deitou-o no chão.

T-Brown tencionava voltar e buscar suas roupas, pois a nudez já cumprira seu papel, mas, quando começou a se mexer de volta para o mato, já estava cercada.

*

Quentin e Pris deixaram suas facas caírem ao chão. Imediatamente, sentiram as armas de fogo serem retiradas dos respectivos coldres. Por sobre os ombros, viram que um grupo de quatro homens, portando rifles longos, os cercava. Os inimigos nada disseram, apenas empurraram a dupla com os canos das armas. Um deles abriu o portão e todos entraram no galpão. Caminharam até o centro do local. Então, um jato forte de luz foi jogado sobre eles. A princípio, apenas ofuscou a visão; levou alguns segundos para os olhos se acostumarem até que pudessem distinguir uma figura logo à frente.

A pessoa estava sentada em uma poltrona giratória, de costas para eles. Via-se apenas a ponta do boné além do espaldar. A fumaça expelida indicava que fazia uso de algum tipo de fumo. Os invasores — ou seriam visitantes? — esperavam em silêncio o momento em que o sujeito se revelaria. Acreditavam que aquele era o homem por trás de tudo aquilo.

Lentamente, a cadeira começou a girar; a expectativa de descobrir o rosto daquele que causara tantas intempéries, dor e mortes estava nas alturas. Quentin tinha o coração aos saltos em uma mistura de ansiedade e medo. Pris também estava agitada, mas o medo não habitava seu espírito, só havia ódio e desejo de vingança.

À medida que a cadeira girava, revelava-se um homem de aparência esquelética. De pele negra, tinha uma cabeça pequena, parcialmente coberta por um boné preto com as letras N e Y sobrepostas. O rosto magro de pele fina e enrugada ostentava um cavanhaque já inteiramente branco. Tratava-se de um ancião. Quentin concluiu que não devia ter menos de noventa anos. Quando se virou completamente, tiveram a impressão de que sorria, mas,

após algum tempo observando, perceberam que aquele era o formato de seus lábios, que eram murchos e esbranquiçados. Os olhos caídos e levemente esbugalhados por trás dos óculos de lentes grossas miraram Quentin e Pris.

— Então, você é o desgraçado dono dessa zorra toda?

O homem levou o cachimbo de volta aos lábios e aspirou o fumo, para logo soltar uma baforada encorpada, seguida de uma tosse típica dos anciãos.

— Esperei muito por esse momento — disse o velho, a voz fraca e rouca.

— Podia ter mandado um telegrama em vez de assassinos armados.

— Oh, não seja rude, jovem Quentin. Fiz apenas o que era necessário.

— Então, diga logo o que quer de mim! — Quentin demonstrava coragem, mas só tentava ganhar tempo até que as outras garotas chegassem para salvá-los.

— Acalme-se, garoto. Vamos esperar pelas outras visitas.

Nesse momento, irrompeu um grupo galpão adentro. T-Brown, Connie e Grace eram arrastadas pelos homens que as rederam do lado de fora.

— Tire essas mãos de cima de mim, seu filho da puta! — Connie gritava.

Grace estava em silêncio. Procurava não resistir. Contudo, seu rosto estampava uma expressão furiosa. T ainda estava nua, o que causou grande surpresa em Quentin e Pris. Ela também estava calada.

— Ih, fodeu — disse Quentin, olhando para Pris e baixando a cabeça.

— Fica frio, garoto — a mercenária respondeu, como se tivesse um plano para escaparem daquilo. Entretanto, não o tinha.



O Confronto

Não é o quão forte você bate, é o quão forte você pode apanhar, e continuar avançando.

(Rocky Balboa)

— Esplêndido! Estão todos aqui. Acho que podemos conversar como cidadãos civilizados. Billy — disse o homem, apontando para um de seus capangas. — Traga uma cadeira para cada e amarre todos; pulsos e tornozelos, por favor.

— Certo, chefe.

Alguns homens se afastaram junto com Billy, e logo Quentin e as quatro assassinas estavam devidamente amarrados. O jovem ex-gerente da Video Archives tentava se concentrar, mas a nudez de T-

Brown o perturbava. Aquele par de seios atraia seus olhos como um imã.

— Garoto — murmurou Pris —, para de olhar os peitos da T e começa a se concentrar, não temos muito tempo.

Ele não respondeu, mas se esforçou de forma hercúlea e conseguiu parar de olhar. Para mudar o foco, encarou o ancião à sua frente.

— Vai me dizer que caralho quer comigo?

— Por que a pressa, garoto? Temos todo o tempo do mundo.

— Temos? Parece que você já tá fazendo hora extra por aqui. E, afinal, qual é o teu nome, neguinho?

— Neguinho? Gosta dessa palavra, não é, seu branquelo de merda? Aproveite pra repeti-la enquanto pode.

— Qual é, coroa? Vai ficar ofendido, agora? Não vai me dizer como se chama?

— Meu nome é Skipper e...

O velho foi interrompido pela gargalhada sonora do jovem à sua frente. Quentin ria descontroladamente, como quem ouve a melhor piada de todos os tempos. Evidentemente, oitenta por cento daquilo devia-se ao desespero e medo de morrer. Os outros vinte eram sua racionalidade, tentando provocar a ira do ancião.

— Do que está rindo, moleque?

— Desculpa, senhor... — gargalhou — Skipper. É que é o primeiro mafioso preto que eu conheço com nome de cachorrinho de madame.

— De novo a palavra — resmungou o idoso. — Mas, hoje, não vai me irritar com isso, pois esperei muito por esse momento.

— Que tipo de tarado é você? — indagou Quentin. Estava amedrontado, mas pensou que seria mais inteligente agir como se não se importasse, não tivesse medo; era um jogo extremamente perigoso. — Gosta de garotões branquinhos para se divertir? Fez tudo isso pra me pegar! Sabe quantos morreram no caminho? Tudo isso pra me ter? Existem garotos que fazem isso por um punhado de dólares, sabia? Eles não se importam de beijar essa bunda preta e enrugada, desde que pague uns trocados.

— Cale a boca! — tentou gritar Skipper, mas a fraqueza da idade só lhe permitira elevar levemente o tom da voz.

O chefe fez um sinal com o braço e um de seus capangas acertou o rosto de Quentin com a coronha do rifle. O supercílio rompeu-se e o sangue escorreu abundante, pintando todo o rosto do rapaz.

— Como eu dizia — prosseguiu o idoso —, esperei muito por esse momento. Você, pequeno Quentin, é uma criatura arrogante e pretensiosa. Acha-se um gêniozinho incompreendido. O que você escreve não passa de lixo apelativo.

— De que merda tá falando, cara? — Quentin estava surpreso.

— Dos seus malditos roteiros “revolucionários”. Aquela merda racista e distorcida que você escreve.

— Como sabe sobre isso?

— Sei muito mais do que pensa, garoto. Muito mais do que você sabe.

— Não entendo.

— Não pensei que fosse capaz de entender. Mas vou te explicar, assim mesmo. Eu te conheço há muito tempo, conheço seu trabalho medíocre, pois eu não vim dessa época.

— Hein?

— Do futuro, garoto estúpido.

— Fala sério. Quer que eu acredite que veio numa máquina do tempo do futuro?

— É exatamente o que estou dizendo. Seus roteiros não vão ficar a vida toda na sua gaveta, e você não vai trabalhar a vida toda naquela locadora de quinta.

— Digamos que eu acredito no que você disse. Voltou no tempo só pra me pegar. Por quê?

— Porque seu trabalho é puro lixo, e estragou a minha vida. O reconhecimento que era meu de direito foi todo para um branquelo racista metido a gênio. Estou aqui pra corrigir isso.

— O que vai fazer, reescrever meus roteiros segundo a sua ótica de justiça social e igualdade? Jesus Cristo! Tenha dó!

— Vou destruir aquele lixo. E você nunca mais vai escrever.

— O que vai fazer, me matar?

— Não, claro que não! Que tipo de carniceiro pensa que eu sou? Sou um artista, garoto, não um assassino.

— Se vai continuar falando, eu preferia que me matasse.

— Podemos terminar com isso, se é da sua vontade. Apenas me diga onde estão os manuscritos e está livre.

— Peraí! — interrompeu Pris. — Isso tudo foi por umas porras de manuscritos de roteiros?

— Minha jovem, não se meta...

— Um amigo meu morreu nisso, seu filho da puta desgraçado! Vou tirar esse rabo velho dessa cadeira e acabar com sua raça, seu...

A coronha acertou a parte de trás da cabeça com força exagerada. A mercenária de tapa-olho desmaiou de imediato.

— Desgraçado! — gritou Quentin. — Deixe as garotas fora disso. Você já tem a mim.

— Diga onde estão os manuscritos, eu os pego e volto para o meu tempo. Simples assim.

— Vá se foder, neguinho!

— Não pensei que fosse resistir. Mas também não imaginei que seria tão difícil apanhar um nerd bunda chata como você. Enquanto fugia, parece que aprendeu uma ou duas coisas. Mas não se preocupe, mais cedo ou mais tarde, você vai falar — Skipper sinalizou para um de seus homens. — Pode começar.

O capanga, um sujeito negro vestindo um terno alinhado, puxou a cadeira pelo espaldar e arrastou-a para mais perto do chefe. Em seguida, vestiu um par de luvas de couro e começou a esmurrar o rosto de Quentin. A dor era excruciante, mas ele resistia. Ainda não compreendia a real intenção e motivação de Skipper. Aquilo que o velho lhe dissera parecia não ser o suficiente para aquela reação, mas sabia que, assim que desse o que ele queria, estaria morto.

— Onde estão? — perguntou o ancião.

— Vai se foder.

— Continue.

A surra prosseguiu. O rosto tomado de sangue já estava irreconhecível, os golpes passaram para o peito e estômago. A cada pancada, Quentin arfava e gritava de dor. Sentia que estava ficando fraco, poderia desmaiar a qualquer momento; desejava que isso acontecesse logo. Depois de um longo tempo, a dor parecia diminuir. Estava prestes a entrar em choque.

— Onde estão os manuscritos?

— Procura no seu rabo preto, filho da puta!

— Isso não está dando certo. Traga o martelo.

O torturador assentiu com a cabeça, saiu de cena e voltou com uma maleta de metal. Colocou-a no chão, abriu; vários utensílios se revelaram. Pris, que já havia acordado, espiou o equipamento e pensou que seria útil ter uma maleta como aquela em seu carro. O homem pegou um martelo pequeno. O metal da cabeça parecia pesado, a face, arredondada. Lentamente, desamarrou os cadarços dos sapatos de Quentin e os descalçou. Os dedos estavam suados e, ao entender o que estava por vir, o jovem estremeceu.

Com a ferramenta em mãos, o homem se posicionou da melhor maneira para desferir o golpe. O coração de Quentin batia aos saltos, a dor parecia irrelevante diante da sensação de desespero que o tomava. A expectativa de uma grande dor às vezes é maior que a própria dor, mas quem está prestes a ser atingido por um golpe cruel não tem clareza para entender isso. O capanga olhou para seu chefe, que assentiu. Elevou a mão acima da cabeça, o golpe viria com força.

— Esse porquinho foi ao mercado — disse Quentin entredentes; a voz estava fraca.

Em seguida, o urro de dor. O polegar esmagado sob o martelo latejava. Seus olhos, sujos do sangue de seu rosto, lacrimejaram. O coração batia tão forte que parecia prestes a parar.

— O que foi que disse? — indagou Skipper.

Quentin permaneceu calado, com a respiração ofegante. Não tinha forças para dizer mais nada. O velho aguardou alguns segundos, dando-lhe uma chance de dizer o que queria ouvir, mas não houve resposta. O torturador encarava seu chefe ansioso, esperando pela confirmação de que poderia partir para o próximo

dedo. A permissão para martelar veio com um fechar de olhos e acenar de cabeça.

— Esse porquinho ficou em casa — disse o capanga, uma satisfação sádica nos olhos.

— Ahhhhh!

O grito de Quentin ecoou por todo o galpão. As mulheres, sentadas ao seu lado, perfizeram esgares de aversão. Todas estavam surpresas com a resistência do garoto, mas sabiam que não aguentaria para sempre.

— Está começando a parecer com um rosbife, garoto — Skinner sorria, parecia gostar da cena. — Faltam oito, depois são os joelhos. Você é capaz de adivinhar até onde podemos ir. Posso passar dias nisso; faremos uma transfusão de sangue, se for preciso. Também tenho um desfibrilador, caso tente morrer. Onde estão os manuscritos?

Esgotado, Quentin apenas cuspiu uma porção de sangue. O fluido espirrou no terno do torturador, que olhou para o jovem com gravidade. Skipper indicou que continuasse, o que o fez sorrir novamente. Ergueu o martelo com júbilo estampado no olhar; estava pronto para transformar mais um dedo em uma pasta de carne e ossos.

— Espera, eu falo — Quentin custou a pronunciar as palavras. O homem com o martelo pareceu desapontado. Olhou para o chefe, que indicou que parasse. — Rua B. Palma, 1984, apartamento 101.

— Esse é o seu endereço. Já estivemos lá, seu canalha, não tem nada naquele lugar.

— Tem um cofre escondido, está atrás da cômoda, na sala.

— Qual é a combinação?

— 4, 8, 15, 16, 23 e 42... Esquerda, direita, direita, esquerda, direita, esquerda.

Skipper ficou algum tempo a observar seu prisioneiro. Tentava ler em seus olhos e expressão se dizia a verdade, mas havia tanto sangue, cortes e hematomas que era praticamente impossível captar qualquer nuance.

— Vai entender se não confiar inteiramente em você, não é, garoto? — não houve resposta. — Billy, Denzel, vocês ficam aqui. O resto vem comigo até o apartamento.

De imediato, um dos homens levou uma cadeira de rodas motorizada para Skipper, que levantou com dificuldade, apoiando-se em seu capanga, e acomodou-se no novo acento. Acionou os controles e começou a se locomover para a saída do galpão. Quentin estava destruído, sangue por todo o corpo misturado a suor e sujeira; surpreso por não ter entrado em choque, não via a hora de desmaiar. Mas ainda não podia se entregar, aquilo não estava acabado.

Billy e Denzel observavam os prisioneiros, mas não com muita atenção. Estes estavam desarmados e imobilizados, pulsos e tornozelos bem atados com fita adesiva; não tinham como fugir. Sabiam que só tinham sido deixados ali para eliminarem os cinco assim que o chefe confirmasse que os manuscritos estavam com ele.

Com grande esforço, Quentin girou lentamente o pescoço, trocando olhares com as garotas. Todas sabiam o que fazer. Os dois vigilantes estavam à sua frente; em um movimento síncrono, Pris, Connie, Patty, Grace e Quentin tiraram de suas calças, entre as nádegas, pequenas facas. Quentin tinha mais dificuldade em cortar a fita que lhe atava os braços, visto que apanhara mais que todas elas, mas progredia lentamente. Cerca de dois minutos depois, apenas T-

Brown não tinha os pulsos soltos. Ainda estava nua, então, não havia faca para ela.

Permaneceram sentados, trocando olhares e observando os vigilantes; ambos tinham a guarda aberta, não acreditavam na possibilidade de alguém ali conseguir se soltar. Apesar de ainda estar presa, T percebia tudo o que acontecia, e entendeu que era hora de agir quando Pris sinalizou com os olhos.

— Hei, grandão. Estou com sede. Pode, por favor, me dar um pouco de água?

Era quase inevitável que sua voz saísse sedutora. O vigilante riu, mas não tencionava ceder ao pedido. Prevendo tal reação, a mulher prosseguiu, com uma certa mudança de abordagem.

— Seu chefe vai demorar a chegar, o que acha de nos divertirmos um pouco?

— Cala a boca, vagabunda — proferiu o homem, sem elevar o tom de voz.

— Não seja rude só porque está com o seu namoradinho.

A provocação surtiu efeito. O capanga soltou o rifle, deixando-o pender pela correia em seu ombro, e se aproximou, pronto para desferir um bofetão no rosto sorridente da mulher nua. Mas, antes de golpeá-la, T impulsionou o próprio corpo para trás, fazendo a cadeira tombar. Era a deixa para que as outras entrassem em ação. Connie, que estava ao seu lado, levantou-se, abrindo os braços libertos, e saltou sobre o homem, envolvendo-lhe o pescoço com seu braço esquerdo enquanto lhe cravava a faca no estômago. Grace se aproximou, tomando o rifle do vigilante rendido. Ele chegou a atirar, mas errou por milímetros, então ela pressionou o gatilho, alvejando o peito várias vezes.

O vigilante caiu, arfando. O colete absorvera parte do impacto, mas a força dos projéteis quebrara algumas costelas. Pris correu até ele, antes que se recuperasse a ponto de atirar novamente. Desarmou-o e chutou-o na cintura. Ele se virou de lado, respirando com dificuldade. A mercenária de tapa-olho apenas o observava, quando Patty aproximou-se, faca em punho; virou-o novamente, montou seu corpo e cravou a faca com força no pescoço. O jato quente de sangue salpicou sua pele branca e seus cabelos dourados. Ela sorriu.

— Será que alguma de vocês pode me dar uma mãozinha aqui?
— protestou T-Brown, que permanecia atada à cadeira, o espaldar junto ao chão.

Rapidamente, Grace aproximou-se, cortou as fitas e ajudou-a a se levantar.

— Cadê a porra das minhas roupas?

Quentin cortou as fitas dos tornozelos e levantou-se lentamente. Estava muito fraco, mas tinha um sorriso nos lábios, exibindo a dentição pintada de vermelho e com algumas falhas recém-adquiridas.

— Eu prefiro que fique assim — disse, emendando uma tosse molhada de sangue.

As garotas riram. T irrompeu galpão afora, em busca de seu traje.

— Vamos, logo! — disse Pris. — Ainda podemos alcançar o filho de uma puta!

— Não precisamos — rebateu Quentin. — Só me arranjem um telefone.

— A Grace atirou no telefone do grandão ali — explicou Connie.

— De nada, por salvar sua vida — Grace respondeu, com sarcasmo.

— Foi só uma observação.

Enquanto discutiam, Pris já havia pegado as chaves de um furgão no bolso do vigilante morto; Patty ainda estava sobre ele. Mirava os olhos sem vida do homem, o sangue empoçando sob sua cabeça grande.

— Vamos, querida — disse Pris, suavemente. Patty levantou-se sem reclamar.

Quando T voltou, já vestida, todos os outros já estavam no furgão. Pris assumira o volante e Quentin sentara-se ao seu lado.

— Vamos logo, vadia! — gritou Connie.

Todos a bordo. Pris girou a chave e deu a partida.

*

Cerca de vinte minutos depois, estacionaram em um posto de gasolina, o primeiro sinal de civilização desde que partiram do galpão. Quentin desceu apressado, embora a fraqueza e a dor dificultassem seus movimentos.

— Alguém tem uma moeda? — perguntou.

Grace tirou do bolso um níquel e atirou para ele, que o pegou no ar. Caminhou mancando até o telefone público à porta da loja de conveniência. Seu estado não era dos melhores, o que atraiu a atenção dos funcionários do posto; contudo, ninguém disse nada. Quentin colocou a moeda no aparelho e discou os números com a velocidade que as limitações físicas permitiam. Aguardou alguns segundos até que alguém atendesse do outro lado da linha.

— Senhor Smith? Aqui é o Quentin... Sim, eu estive viajando, senhor Smith... Não, não me esqueci que lhe devo dois meses de aluguel... Escute, um tio meu está indo para o apartamento com alguns amigos, ele vai lhe pagar os aluguéis assim que se instalar... Sim, senhor, com juro e correção. Só me faça um favor... O tio Skipper é de idade avançada e não pode com muito barulho. Então, por favor, não deixe que ninguém fique pelos corredores do andar e, em hipótese alguma, vá até o apartamento. Eu já o informei e ele o procurará ainda hoje para pagar o que eu devo... Não, senhor Smith, não vou dar o calote... Só faça o que eu pedi, tá certo? Até mais.

Afastou-se do telefone em direção ao carro. O pé doía horrores e o caminhar era deveras penoso. Subiu novamente no veículo, precisando de grande esforço para conseguir.

— Pra quem ligou? — indagou Pris.

— Pro meu senhorio. Pedi pra não incomodar o tio Skipper.

— O que está aprontando, garoto?

— Vamos pro apartamento. Vocês vão querer estar lá pra ver.

— Do que está falando?

— Eu estou todo fodido, dói até o último fio de cabelo; não me obrigue a falar, por favor. Apenas vamos!

— Ok, vamos ver que surpresa preparou para aqueles filhos da puta.



Tic Tac

Cada minuto que passa é uma chance de virar a mesa.

(Vanilla Sky)

Sentado ao lado do motorista, Skipper estava ansioso, o coração batia quase forte, o que aumentava a frequência de sua tosse. Ordenara ao capanga que dirigisse o mais rápido que pudesse. Não se importava com eventuais multas, visto que não pretendia estar ali no dia seguinte, não naquela época.

— Chegamos, chefe — avisou o brutamonte que dirigia.

— Traga minha cadeira, depressa!

Rapidamente, os homens começaram a descer do veículo. Um deles apanhou a cadeira de rodas de Skipper e posicionou-a próximo à porta. Com ajuda do capanga, o idoso saiu do automóvel e

acomodou-se em seu veículo particular. Acionou os controles e seguiu em direção ao prédio. Tinham as chaves, então a entrada foi tranquila. Atravessaram o hall e chegaram a um ponto crítico. O prédio, de cinco andares simples, não possuía elevador. Olhar para uma escadaria como aquela sempre fazia o chefe se embravecer, mas estava tão obstinado que não perdeu tempo com impropérios inúteis.

Levantou-se com sua típica lentidão, e logo estava cercado por dois de seus homens, que o ajudaram a se locomover. Começaram a subir as escadas; cada degrau parecia um grande desafio, mas Skipper não fraquejaria, não agora, após ter chegado tão longe. Enquanto o chefe estava ligeiramente satisfeito com a velocidade do avanço, seus capangas transpareciam a impaciência. Caso não tivessem que ajudar o velho a subir, já poderiam ter feito o trajeto quatro ou cinco vezes.

Enfim, chegaram à porta do apartamento de Quentin. Skipper ofegava, queria dar uma ordem, mas a voz não saía, os pulmões queimavam e as pernas fracas doíam. Balançou debilmente a mão direita, o suficiente para que seus lacaios entendessem a mensagem. Um deles avançou até a porta, inseriu a chave e a abriu. O chefe se apressou em entrar na residência. Lá dentro, deparou-se com uma típica bagunça de homem solteiro. A sala cheia de fitas VHS, pôsteres de filmes nas paredes e papéis diversos espalhados pelos cantos.

— Revirem tudo, toda e qualquer cópia deve ser destruída. Enquanto isso, você abre o cofre.

Os homens começaram a se movimentar pelo apartamento, procurando por papéis em todos os cantos. A bagunça, que já não

era das menores, crescia absurdamente a cada segundo. O laçao designado acompanhou Skipper até a cômoda indicada por Quentin. O homenzarrão arrastou o móvel como se fosse papel, revelando o cofre que fez os olhos do chefe brilharem.

— Vamos logo, pegue a combinação.

O subordinado tirou um pedaço de papel no bolso, onde anotara a combinação, e começou a inseri-la no mecanismo. Levou tempo para que chegasse ao último número; a expectativa de Skipper era grande. Quando, enfim, terminou, nada aconteceu.

— Qual o problema? — indagou o ancião.

— Não sei, chefe. Não quer abrir.

— Tente de novo, idiota!

Ele não respondeu, muito embora quisesse quebrar os ossos daquele velho insolente que só sabia dar ordens. Mas não podia, dependia do desgraçado para voltar para casa e receber o devido pagamento pelos serviços prestados. Zerou o segredo e começou novamente. Após longa espera, chegou ao fim. Nada.

— Merda — deixou escapar.

— Seu imbecil! Será que não se pode conseguir um preto que faça um serviço direito?

— Essa é uma tecnologia muito ultrapassada, senhor. Não existe nada parecido com isso na nossa época!

— Saia da frente, idiota. Eu já vi coisas mais velhas que isso, você devia saber. Deixe que eu faço a porra do serviço.

O brutamonte afastou-se, injuriado, mas sem protestos. Skipper acomodou-se em uma cadeira e começou com o procedimento. As mãos magras e enrugadas tremiam sobremaneira, o que demandava muito cuidado com os movimentos. Cada giro parecia durar uma

eternidade, mas o velho não piscava, estava totalmente envolvido naquilo. O coração, aos saltos, poderia parar a qualquer momento; o rosto, de pele ressecada, suave em abundância. O velho havia finalmente terminado de inserir os números. Olhava fixamente para o cofre, como quem toma ar antes do mergulho.

— Aquele branquelo filho da puta bem que poderia ter guardado isso de uma forma mais simples — resmungou para si.

— Não vai abrir, chefe?

— Cale a boca, imbecil. Este é o meu momento, não o estrague com sua voz.

Skipper estendeu a mão e girou a tranca. O som do destravamento foi a melodia mais linda que ouvira em toda a vida. Puxou a porta pesada de metal lentamente, como quem beija uma garota pela primeira vez. Ao vislumbrar o conteúdo, o ancião arregalou os olhos de surpresa, o ar lhe faltou, não conseguia falar nem se mover. Ao ouvir o tic tac vindo do interior do cofre, o capanga espiou por sobre o ombro do chefe.

Presas a um pequeno relógio dourado, seis bananas de dinamite caseiras.

— Bomba! — gritou o homem, deixando Skipper para trás e correndo em direção à saída.

Contudo, era tarde demais para tentar escapar. A explosão logo aconteceu, com um estrondo ensurdecedor e uma bola de fogo que alcançou a todos antes que atravessassem o portal.

*

— Mais rápido! — pediu Quentin, a ansiedade sobrepujando a dor.

— Estou a cento e cinquenta em uma via de sessenta. Quer que uma carreata da polícia nos siga? — respondeu Pris.

— Desculpa, é que o tempo é curto.

— Se não justificar este desespero todo, vou chutar esse seu rabo branco tanto que vai se arrepender de ter pedido ajuda ao Caine.

Não faltava muito. Apenas mais alguns quarteirões e chegariam ao apartamento de Quentin. Estavam todas cansadas, não pela ação em si, que não foi das maiores, mas pela tensão que passaram enquanto o jovem era torturado.

— Você foi bem durão, garoto — disse T-Brow.

— Obrigado.

— Pensei que ia se borrar todo na primeira porrada.

— Eu também — replicou Connie. Todas riram.

— Só não me borrei porque não tinha nada no intestino.

— Falando nisso — manifestou-se Patty —, tô morrendo de fome. Podemos passar no McDonalds?

Todos olharam para Patty com estranheza.

— Que foi? — perguntou ela. — Vão me dizer que perderam a fome por causa de uns dedinhos amassados?

— Eu também estou com fome e... — Quentin começou a falar, mas foi logo interrompido.

— Chegamos — anunciou Pris, estacionando o carro. — Que porra é essa, garoto?! — exclamou.

Em frente ao apartamento, uma aglomeração de pessoas se formava. Quentin foi o primeiro a deixar o automóvel, sendo seguido pelo grupo de assassinas. Embrenharam-se no meio das pessoas, lutando por um espaço. As mulheres estavam curiosas,

enquanto o rapaz, apenas ansioso. As pessoas ao redor pareciam agitadas, falavam ao mesmo tempo, o que fazia com que nenhuma delas fosse inteligível. Quentin ainda mancava, os pés doíam miseravelmente a cada passo. Quando conseguiu vencer a parede de seres humanos que o separava do destino, apenas estacou e fitou a cena.

— Caralho! — disse Pris, vislumbrando sobre o ombro do rapaz. — O que você fez?

Ele caminhou alguns passos, apanhou um objeto entre os escombros, soprou e passou a palma da mão, removendo a superfície negra e revelando a capa de uma de suas fitas VHS. Quentin encarou o rosto austero de Chow Yun-Fat ocupando quase toda a superfície da capa, as palavras CITY ON FIRE na parte de baixo. Aos seus pés, reconheceu um par de óculos grossos. Abaixou-se e apanhou o objeto, entregando-o para Pris.

— Como fez isso? — perguntou a mercenária.

— Digamos que aprendi uma coisa ou outra com um parente que já se foi.

Avançou para o meio dos escombros, viu o tampo de sua mesa de centro redonda, estampada com o *tei-gi*. Reconheceu uma porção de coisas, objetos que representavam sua vida; uma vida que não existia mais. Chutou alguns destroços até encontrar um braço. Era magro e velho.

— Acho que é a última vez que vemos o senhor Skipper — comentou Pris. — Parece que ele não está muito bem.

— Não parece pior que da última vez que o vimos — Quentin deu as costas para os entulhos. — Vamos embora daqui.

— Acho bom. A polícia e os bombeiros devem estar chegando, já posso ouvir as sirenes.

Fizeram o caminho de volta, sendo observados com surpresa por toda a gente que cercava os restos da explosão. Entraram no veículo e deram meia volta. No caminho, ninguém disse nada; havia uma paz estranha que os rondava, uma sensação de dever cumprido. Contudo, havia dor, pois as mortes de Skipper e seus capangas não trariam Dominic de volta.

Uma a uma, Pris deixou as moças em casa. Despediam-se dela e de Quentin com um abraço. O rapaz pedia que não abraçassem muito forte, pois cada parte dele doía demasiado. Enfim, após as garotas serem deixadas em casa, restaram apenas os dois no carro.

— Então, garoto, onde quer ficar?

Quentin não respondeu de imediato, não havia pensado naquilo. Não tinha uma casa para voltar, e em hipótese alguma chegaria à casa da mãe naquele estado. Só de pensar em todas as perguntas que ela faria, a dor começava a piorar. Pris olhava para ele, esperando uma resposta.

— Eu... Não tenho pra onde ir.

— Quer ir pra um hotel?

— Não, eu não tenho um tostão furado. Bem... Pode me deixar na casa do Roger?

— Sem problema.

Seguiram por mais alguns quilômetros e logo chegaram à casa de Roger. Pris estacionou e desceu do carro. Quentin desembarcou lentamente, mancando.

— Escuta — começou ele —, eu não sei como te agradecer. Depois dessa surra, acho que seu chefe vai querer esperar uns dias

até vermos a coisa dos órgãos e tudo mais.

— Não se preocupe, garoto. Considere sua dívida quitada.

— Mas...

— Sem *mas*, garoto. Você foi bravo, mereceu a ajuda que teve.

Pris se virou para entrar no carro, mas foi interrompida.

— Vou te ver outra vez?

Virou-se novamente, aproximando-se de Quentin. Acariciou sua bochecha e a beijou suavemente. O rosto sujo e ferido dele enrubesceu por baixo dos hematomas.

— Quem sabe? Talvez tenha um emprego pra você com o Caine, no futuro — disse ela, se afastando.

— Como te encontro?

— Não pense nisso, garoto. Alguns encontros só devem acontecer uma vez.

Ela entrou no automóvel, deu a partida e se afastou rapidamente. Quentin caminhou até o meio da rua, que estava deserta, apesar da hora do dia. Ficou ali, a divisar o veículo se afastar cada vez mais, reduzindo seu tamanho até simplesmente desaparecer do alcance de sua visão.

Suspirou. Pôs-se a caminhar até a casa quando viu um clarão à sua frente, seguido de um impacto que não conseguiu identificar. Depois disso, tudo escureceu.

*

O veículo surgiu do nada, como se atravessasse um portal interdimensional. Quentin não teve tempo de se desviar ou mesmo de identificar o objeto que lhe atingira. O corpo foi lançado metros à frente, sendo, em seguida, esmagado pelo carro que avançava ligeiro. O modelo era um DeLorean DMC-12, prata. Ao seu redor,

todo um aparato tecnológico estranho demonstrava que fora severamente modificado. Por onde as rodas passaram, surgiram labaredas de fogo, duas retas perfeitamente paralelas que ardiavam em chamas. Entre elas, o corpo sem vida do jovem ex-gerente da Video Archives. Havia sobrevivido ao primeiro impacto, embora perdesse os sentidos rapidamente, mas o esmagamento fora muito violento, tirando dele qualquer chance de sobrevivência.

O carro parou logo à frente e seus tripulantes saltaram afoitos. O motorista era um senhor de idade avançada, cabelos brancos ligeiramente crescidos e muito desgrenhados. Vestia um macacão branco e, por sobre ele, um cinto de ferramentas. O passageiro era um rapaz mais jovem que Quentin, estatura baixa; vestia jeans, um colete vermelho sobre duas camisas de mangas compridas e uma camiseta de malha. O velho foi o primeiro a falar.

— Será que chegamos a tempo de salvar aquele jovem futuro cineasta?

Ambos olharam para todos os lados, procurando por alguém, mas não viram pessoal alguma. Quentin estava oculto pelas chamas.

— Era pra ele estar aqui, não, Doutor?

O Doutor olhou para o relógio em seu pulso, depois enfiou a cabeça pela janela do carro e analisou o complexo painel, cheio de botões e números, alguns deles indicando data e horário atuais.

— O horário está certo, assim como a data. Isso não é possível, ele devia estar aqui!

— Acho que alguma coisa deu errado, Doutor.

— Precisávamos salvar aquele jovem, Michael! O cinema precisa dele!

— É melhor irmos atrás daquele outro garoto... O inglês.

— Você está certo, meu rapaz, não temos tempo a perder — entraram afoitos no veículo. — Reprograme a data e o horário.

Segundos depois, o Doutor engatou a ré, passando, sem perceber, novamente, sobre o corpo de Quentin. Acelerou, percorreu uma pequena distância e o carro simplesmente sumiu com um grande clarão.

AGRADECIMENTOS

Se você chegou aqui após ler todo o livro, meu agradecimento principal, primordial e mais que especial é a você. Tantas obras maravilhosas para ler e você preferiu desperdiçar seu tempo com o meu maior e mais inconsequente delírio. Obrigado mesmo. Mas, se você pulou direto pra cá, faça-me o favor!, não temos nada a conversar. Volte à primeira página e passe por todo o calvário.

Agradeço a Adeline Shade e Baltazar Andrade, que leram esta garatuja antes da revisão final, sugeriram melhorias e apontaram os erros mais grotescos. Mariana de Lacerda, por mais uma vez revisar um trabalho meu, despendendo horas que poderiam ter sido bem melhor aproveitadas na escrita de seus textos. A Alec Silva, que não leu — o miserável não lê nada mesmo —, mas me ajudou com trechos, me presenteou com a ilustração da capa, escolheu a epígrafe e deu apoio moral para terminar e fazer chegar ao público esta obra. E a Tatiana Milk, que empregou seu talento ímpar na ilustração.

Especialmente a todos que apoiaram o projeto de financiamento no Catarse. À Raquel Moritz, do [Pipoca Musical](#), que foi um anjo, apontou correções e abraçou a campanha como se fosse da minha família. À Adriana Cecchi, do [Redatora de Merda](#), pelo

apoio e pela frase maravilhosa que está na quarta capa e pelo humor negro sempre inspirador. À [Tatiana Feltrin](#) e à Anna Schermak (*[Pausa Para Um Café](#)*) pelas resenhas maravilhosas.

Por fim, meu muito obrigado a Quentin Tarantino (como se ele fosse ler isso, *insira aqui seus risos*), que com sua arte me inspirou a transferir da mente para o papel este delírio dividido em capítulos.

SOBRE O AUTOR

Três décadas de insanidade controlada por doses cavalares de ficção. Samuel Cardeal é contador, mas é na escrita que sua melhor (e pior) parte emerge. Vive em Belo Horizonte com a esposa, a sogra e uma gata fofa e sociopata. Tem vários romances e contos publicados de forma independente e acredita na arte como a mais plena expressão de sentimentos e opiniões.

LISTA DE CITAÇÕES

Capítulo 1

True Romance (1993)

Título Brasileiro: Amor à Queima Roupa

Diretor: Tony Scott

Roteiro: Quentin Tarantino

Capítulo 2

Top Gun (1986)

Título Brasileiro: Top Gun: Ases Indomáveis

Diretor: Tony Scott

Roteiro: Jim Cash, Jack Epps Jr.

Capítulo 3

Taxi Driver (1976)

Título Brasileiro: Táxi Driver

Diretor: Martin Scorsese

Roteiro: Paul Schrader

Capítulo 4

The Recruit (2003)

Título Brasileiro: O Novato

Diretor: Roger Donaldson

Roteiro: Roger Towne, Kurt Wimmer, Mitch Glazer.

Capítulo 5

Snatch (2000)

Título Brasileiro: Snatch: Porcos e Diamantes

Diretor: Guy Ritchie

Roteiro: Guy Ritchie

Capítulo 6

The Godfather (1972)

Título Brasileiro: O Poderoso Chefão

Diretor: Francis Ford Coppola

Roteiro: Mario Puzo, Francis Ford Coppola (baseado no romance de Mario Puzo)

Capítulo 7

Unforgiven (1992)

Título Brasileiro: Os Imperdoáveis

Diretor: Clint Eastwood

Roteiro: David Webb Peoples

Capítulo 8

Law Abiding Citizen (2009)

Título Brasileiro: Código de Conduta

Diretor: F. Gary Gray

Roteiro: Kurt Wimmer

Capítulo 9

True Lies (1994)

Título Brasileiro: True Lies

Diretor: James Cameron

Roteiro: Claude Zidi, Simon Michaël, Didier Kaminka,
James Cameron

Capítulo 10

The Untouchables (1987)

Título Brasileiro: Os Intocáveis

Diretor: Brian De Palma

Roteiro: David Mamet (baseado na obra de Oscar Fraley e Eliot Ness)

Capítulo 11

The Wizard of Oz (1939)

Título Brasileiro: O Mágico de Oz

Diretor: Victor Fleming

Roteiro: Noel Langley, Florence Ryerson, Edgar Allan Woolf (baseado no romance de L. Frank Baum)

Capítulo 12

Sucker Punch (2011)

Título Brasileiro: Sucker Punch: Mundo Surreal

Diretor: Zack Snyder

Roteiro: Zack Snyder, Steve Shibuya

Capítulo 13

The Godfather: Part II (1974)

Título Brasileiro: O Poderoso Chefão II

Diretor: Francis Ford Coppola

Roteiro: Francis Ford Coppola , Mario Puzo

Capítulo 14

Departed (2006)

Título Brasileiro: Os Infiltrados

Diretor: Martin Scorsese

Roteiro: William Monahan (baseado no roteiro de Alan Mak e Felix Chong)

Capítulo 15

The Family (2013)

Título Brasileiro: A Família

Diretor: Luc Besson

Roteiro: Luc Besson, Michael Caleo (Baseado no romance de Tonino Benacquista)

Capítulo 16

The Last King of Scotland (2006)

Título Brasileiro: O Último Rei da Escócia

Diretor: Kevin Macdonald

Roteiro: Peter Morgan, Jeremy Brock (baseado no romance de Giles Foden)

Capítulo 17

Whole Nine Yards (2000)

Título Brasileiro: Meu Vizinho Mafioso

Diretor: Jonathan Lynn

Roteiro: Mitchell Kapner

Capítulo 18

Full Metal Jacket (1987)

Título Brasileiro: Nascido Para Matar

Diretor: Stanley Kubrick

Roteiro: Stanley Kubrick, Michael Herr, Gustav Hasford (Baseado no romance de Gustav Hasford)

Capítulo 19

Sin City (2005)

Título Brasileiro: Sin City: A Cidade do Pecado

Diretor: Robert Rodriguez, Frank Miller

Roteiro: Frank Miller

Capítulo 20

Wanted (2008)

Título Brasileiro: O Procurado

Diretor: Timur Bekmambetov

Roteiro: Michael Brandt, Derek Haas, Chris Morgan (Baseado na *graphic novel* de Mark Millar e J.G. Jones)

Capítulo 21

Rocky Balboa (2006)

Título Brasileiro: Rocky Balboa

Diretor: Sylvester Stallone

Roteiro: Sylvester Stallone

Capítulo 22

Vanilla Sky

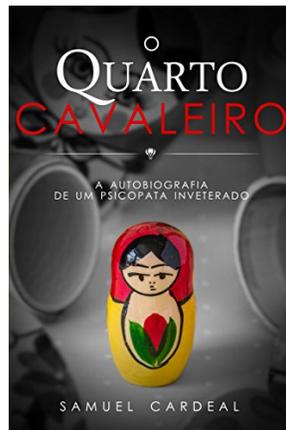
Título Brasileiro: Vanilla Sky

Diretor: Cameron Crowe

Roteiro: Cameron Crowe (baseado no roteiro de Alejandro Amenábar e Mateo Gil)

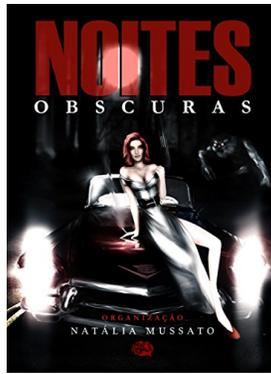
CONHEÇA TAMBÉM

O Quarto Cavaleiro



Leonel sempre foi o filho perfeito; orgulho da mamãe e do papai; sonho de todas as mães da cidade e admirado pelos amigos e conhecidos de seus progenitores. Mas por trás de um rosto de anjo sempre há a carranca de um demônio à espreita. E Algumas pessoas conseguem ser piores que o próprio diabo.

Noites Obscuras



Samuel Cardeal, Natália Mussato, Mike Brandish, Isabelle Neves e Alec Silva apresentam histórias sobre horrores e monstros que se escondem em casas abandonadas, estradas desertas e aparências ilusórias, inclusive a humana.

A Guerra dos Criativos



A saga de um escritor em meio a um mundo sustentado pelas imaginações dos míticos Lordes, considerados deuses por muitos, enquanto uma força destruidora corrompe e almeja o poder supremo. Ajudado por Zarak e outros participantes da Guerra, Alec conhece mais sobre si e sobre um universo de ideias e sonhos, onde o equilíbrio pode ser abalado ao menor agito.

{1} No Brasil, o filme foi distribuído com o título de “Balada Sangrenta”.